



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

RITA HELENA DETHLOFF

**OS CÁTAROS NO LANGUEDOC (SÉCULOS XI-XIII):
UM PERCURSO HISTORIOGRÁFICO**

CAMPINAS

2015

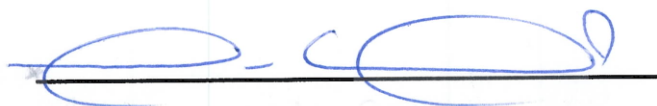
RITA HELENA DETHLOFF

OS CÁTAROS NO LANGUEDOC (XII-XIII): UM PERCURSO HISTORIOGRÁFICO

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestra em História, na Área História Cultural.

Supervisor/Orientador: Profa. Dra. Neri de Barros Almeida

ESTE EXEMPLAR CORRESPONDE À VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO DEFENDIDA PELA ALUNA RITA HELENA DETHLOFF, E ORIENTADA PELA PROFA. DRA. NERI DE BARROS ALMEIDA.



CAMPINAS

2015

Agência(s) de fomento e nº(s) de processo(s): CAPES

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Marta dos Santos - CRB 8/5892

D481c Dethloff, Rita Helena, 1963-
Os Cátaros no Languedoc (séculos XI-XIII) : um percurso historiográfico /
Rita Helena Dethloff. – Campinas, SP : [s.n.], 2015.

Orientador: Néri de Barros Almeida.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas.

1. Catarismo. 2. Albigenses. 3. Heresia. 4. Historiografia. I. Almeida, Néri de
Barros, 1965-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: The Cathars in Languedoc (centuries XI-XIII)

Palavras-chave em inglês:

Catharism

Albigensian

Heresy

Historiography

Área de concentração: História Cultural

Titulação: Mestra em História

Banca examinadora:

Rossana Alves Baptista Pinheiro

Flávia Aparecida Amaral

Néri de Barros Almeida

Data de defesa: 24-11-2015

Programa de Pós-Graduação: História



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

A Comissão Julgadora dos trabalhos de defesa de Dissertação de Mestrado, composta pelas Professoras Doutoras a seguir descritas, em sessão pública realizada em 24 de novembro de 2015, considerou a candidata Rita Helena Dethloff aprovada.

Profª Drª Néri de Barros Almeida

Profª Drª Flávia Aparecida Amaral

Profª Drª Rossana Alves Baptista Pinheiro

A Ata da Defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no processo de vida acadêmica da aluna.

RESUMO

Neste estudo, pretendemos acompanhar a trajetória historiográfica do catarismo do século XIX até nossos dias. Optamos por fazer uma breve exposição sobre o que disseram as fontes e como os historiadores se apropriaram das informações contidas nelas ao longo desse tempo. Com isso queremos demonstrar como a história dos cátaros foi construída, reproduzida, reapropriada e ressignificada sobre uma linha de muitas continuidades e algumas rupturas historiográficas, para atender a interesses variados em diferentes momentos históricos. Optamos por tomar a *The Cambridge Medieval History* e a *The New Cambridge Medieval History* como modelos de síntese historiográfica produzida nos séculos XIX e XX, respectivamente, para refletir sobre a influência dos debates acadêmicos vanguardistas franceses sobre a produção do conhecimento sobre os cátaros, fora de sua área de influência direta.

Palavras-chave: Catarismo; historiografia; albigenses; heresia.

ABSTRACT

In this study, we intend to follow the path of Catharism historiography of the nineteenth century to the present day. We chose to make a brief statement about what the sources said and how historians have appropriated the information contained in them, to show how the history of the Cathars was built, reproduced, re-appropriated and re-signified to meet the varied interests at different historical moments. We take the Cambridge Medieval History and The New Cambridge Medieval History as models of historiographical synthesis produced in the nineteenth and twentieth, respectively, to then reflect on the influence of the avant-garde academic debates on the production of knowledge on the subject.

Keywords: Catharism; historiography; albigensian; heresy

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DO CATARISMO	14
1 - O contexto geral em que aparece a “heresia” cátara	14
2 – Contexto histórico e Reforma	17
3- Heresia no Midi: o que dizem as fontes	19
CAPÍTULO II - OS CISTERCIENSES INVENTARAM OS CÁTAROS?	23
CAPÍTULO III – O INÍCIO DA HISTÓRIA	31
CAPÍTULO IV – O SÉCULO XIX.....	37
1- Historiografia católica e historiografia protestante	42
2 - Considerações sobre a historiografia oitocentista	58
CAPÍTULO V – O BREVE SÉCULO XX.....	64
1 - Mitografia e vulgarização.....	69
2 - A segunda metade do século XX.....	76
3 - Considerações sobre o século XX	88
CONSIDERAÇÕES FINAIS – A PESQUISA SOBRE O CATARISMO HOJE	95
BIBLIOGRAFIA	100
ARTIGOS	109
OBRAS DE REFERÊNCIA	112
ANEXOS	112

INTRODUÇÃO

O catarismo pertence ao campo maior das heresias, cuja existência é acusada desde os primórdios da literatura cristã. Os Pais da Igreja, preocupados com o surgimento de lideranças religiosas fora da esfera de influência de seu pensamento, acusaram-nas de heréticas. Pelo menos desde o século III, as comunidades cristãs se organizaram em torno da autoridade de bispos, considerados herdeiros dos apóstolos de Cristo. Em torno deles, a ortodoxia foi sendo definida, aos poucos, por meio de concílios ecumênicos. No esforço conjunto para a construção da unidade doutrinal, as diferenças foram usadas pelos Pais da Igreja para traçar os limites do cristianismo como religião e como comunidade de fiéis em relação às outras manifestações de religiosidade, com as quais precisavam estabelecer suas fronteiras e formas de relacionamento.

De acordo com a visão histórica tradicional¹, ao final do primeiro milênio no Ocidente, a Igreja se apresentava como a única instituição capaz de manter a coesão social dentro do contexto europeu de fragmentação política e econômica². Desde o período carolíngio (séculos VIII e IX), as autoridades eclesiásticas haviam assumido muitas responsabilidades e atribuições em questões relacionadas ao exercício do poder público, e seu relacionamento com os poderes locais se dava de forma intensa e regionalizada. A manutenção da ordem social e religiosa, assim como a segurança das Igrejas e seu patrimônio, fazia parte de ministério dos bispos e alto clero, e representavam uma continuidade do cumprimento das normas carolíngias. Com o fim do império, suas instituições perderam a autoridade e o senhorio local, acostumado a exercer o poder em nome do impe-

¹ Augustin Fliche (1884-1951) foi um medievalista francês, católico, interessado na história da Igreja e do papado medieval. Em 1924, publicou *La Réforme Grégorienne*, obra que o fez responsável pela cristalização na historiografia da expressão conceitual “Reforma Gregoriana”. Com ela Fliche conseguiu resumir toda a produção historiográfica do século XIX sobre o papel do papado e da igreja cristã nas transformações vividas pela Europa Ocidental no período compreendido entre os séculos XI e XII. Para aprofundar essa questão, indicamos o artigo: RUST, Leandro, “A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito”. In *História da Historiografia*, UFOP, nº 3, p. 135-152. Disponível em <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62/38>, Consultado em ago/2014.

² GUERREAU, Alain, *O feudalismo: um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, 1980. O autor reproduz o contexto de fragmentação política, e elabora um esquema de formação e funcionamento da sociedade medieval sobre quatro pilares fundamentais: as relações de parentesco, o ecossistema, o domínio e a Igreja. Guerreau foi o primeiro medievalista a destacar o papel da Igreja no centro articulador do funcionamento da sociedade ocidental na Idade Média. Porém, apesar dessa importante inovação em sua interpretação, o autor reproduz o contexto de fragmentação política e econômica e a ausência de poderes públicos. Para suprir essa ausência, a Igreja toma para si a tarefa de manter a ordem social estabelecida.

rador, tomou para si as prerrogativas de administrar e julgar em seus domínios. Essa atitude proporcionou o surgimento de novas redes de alianças e de conflitos entre vizinhos.

Segundo Dominique Barthélemy³, desde meados do século X, encontram-se nas fontes expressões de reação a esse movimento de associação regionalista e de condenação à mundanidade do clero e, conseqüentemente, de seu afastamento das questões espirituais. A fundação e a rápida ascensão da ordem cluniacense⁴ podem ser reveladoras dessas intenções de limitação dos excessos cometidos por parte do clero. O sentido inovador do evento foi citado por Raul Glaber em suas Histórias:

[...]Conta-se que a instituição (monástica) e a prática deste costume tiveram seu princípio nos mosteiros da regra do Santo Padre Bento e que foi trazida para o nosso território, ou seja, para a Gália pelo bem-aventurado Mauro, seu discípulo [...] Por último esta instituição, que tinha já quase por completo decaído encontrou, com ajuda de Deus, um refúgio de sabedoria onde deveria retomar forças e frutificar graças a numerosos germes no mosteiro conhecido por Cluny.

[...] Este [Cluny] conseguiu, na verdade, mercê de várias dádivas, um notável incremento, desde a época de sua fundação. O prior dos monges do Mosteiro Balmense [...] de nome Berno, iniciou sua construção por ordem de Guilherme piedosíssimo duque da Aquitânia, no distrito de Mâcon, sobre a ribeira Grosne. Diz-se que a princípio este mosteiro não teve por dote mais do que quinze mansus de terra; conta-se mesmo que os irmãos que aí se reuniram não eram em numero superior a doze. Depois, graças a esta ótima semente, a estirpe do senhor dos exércitos multiplicou-se e tornou-se sem número, pois é sabido que ocupou uma grande parte do globo⁵.

³ BARTHÉLEMY, Dominique, *A cavalaria. Da Germânia antiga à França do século XII*. Tradução: Néri de Barros Almeida e Carolina Gual da Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2010, p. 291-297.

⁴ A fundação da casa beneditina de Cluny marca um novo tipo de relacionamento dos monges e da comunidade de fiéis com o papado. Foi criada a partir de uma carta de doação assinada por Guilherme I, Duque da Aquitânia, na qual ele doava terras em Cluny, no Mâcon, região central da França, ao abade Bernan de Baume-les-Messieur. O evento é inovador, pois foi a primeira vez em que um nobre, ao fazer uma doação deste tipo, abria mão do patronato em nome dos apóstolos Pedro e Paulo. Além disso, o duque também explicitou no documento que os monges dessa nova casa deveriam respeitar a regra beneditina e orar, principalmente pelos mortos. Também registrou que o abade de Cluny não estaria subordinado ao papa nem a ele mesmo, Guilherme, ou a qualquer um de seus parentes. Outro marco inovador de Cluny foi a forma de filiação de casas monásticas. Foi previsto ainda que o novo tipo de ligação via contratual no interior da ordem religiosa, na qual cada casa teria um prior e estaria submetida à autoridade do abade da casa-mãe. O sucesso foi imenso: no início do século XII, por exemplo, Cluny contava com cerca de 800 casas afiliadas na França e por volta de 1180 em toda a Europa. Esse tecido de relacionamentos sob uma única direção foi o modelo utilizado pelo papado reformista para as casas religiosas a partir de então. RUST, Leandro, “Reforma na Idade Média, Memória da Igreja Romana: ou sobre como vigiar as próprias algebras”. In *Revista Espaço Acadêmico*, n 100, set/2009.

⁵ GLABER, RAOUL. *Les Cinq Livres de ses histoires (900-1044)*. Paris: Maurice Prou Editeur, 1886. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k290027>, consultado em 21/08/2015. Tradução livre.

Cluny, desde sua fundação, representou grande inovação para as relações da abadia e dos nobres locais com o papado, e entre os irmãos. O projeto cluniacense atendia perfeitamente às pretensões de centralização em torno da autoridade papal. Em confronto com essa corrente interna à instituição eclesiástica havia episcopados, capítulos e outros grupos que, devido a seu profundo envolvimento com a nobreza local, estavam mais voltados para os seus próprios interesses em detrimento dos projetos pontificais.

Segundo Jacques Chiffolleau, o objetivo do Concílio de Reims, ocorrido em 1049, foi estabelecer um *corpus* jurídico normativo para servir de instrumento de transformação da sociedade medieval⁶. Tratou-se de uma iniciativa inserida no processo de reforma eclesiástica de origem romana, para transformar as normas canônicas em centro normativo da sociedade cristã, elevando a autoridade pontifical acima de qualquer outra⁷. Era a Reforma da Igreja que estava sendo preparada, segundo Thierry Leusieur⁸, com a opção feita pela centralização do sistema normativo em torno do direito canônico somado ao direito romano, devidamente reinterpretado e adaptado pelo método escolástico. De acordo com a análise feita por Biget (2009), foi nesse momento (XI-XII) que a Igreja deixou de ser uma federação de igrejas regionais com o apoio de Cluny e Cister, que construíram uma armadura contra a existência de qualquer manifestação de cristianismo fora da Igreja organizada institucionalmente⁹. No âmbito regional, os poderes locais, constituídos pelo alto clero diocesano e as famílias nobres, se viram ameaçados pelo crescente descontentamento da pequena nobreza castelã e cavaleiresca, empobrecida e excluída do poder decisório. Outro fator de desequilíbrio regional foi a emergência de formas administrativas voltadas para as necessidades urbanas, resultado da retomada das atividades comerciais.

As ideias reformistas romanas sofreram bastante resistência por parte das autoridades do Languedoc, tanto entre os príncipes e condes quanto entre as autoridades da Igreja meridional. De um lado, o estabelecimento de senhorios eclesiásticos alinhados com os interesses das autoridades locais representava empecilho ao projeto reformador defendido por Roma e à própria unidade da fé católica. De outro, grandes senhores eclesiásticos não tinham interesse em romper com as tradições locais de autonomia para sub-

⁶ CHIFFOLEAU, Jacques, « Droits », in *Dictionnaire raisonné de l'Occident médiéval*. Paris : Fayard, 1999, pp. 300-307.

⁷ LESIEUR, Thierry, *Devenir fou pour être sage. Construction d'une raison chrétienne à l'aube de la réforme grégorienne*. Turnholt: Brepols, 2003.

⁸ Idem, p. 21.

⁹ BIGET, J.-L., *Herésie et Inquisition dans le Midi de la France*. Paris: Picard, 2007, p. 10.

meter-se às novas exigências do pontificado reformado. Sob todos os pontos de vistas, o Midi apresentava um contexto histórico, social, político e religioso único, e despertou o interesse e a indignação das maiores forças políticas e econômicas de sua vizinhança.

As alianças entre os poderosos locais exigiram, por parte dos representantes da Igreja, um esforço redobrado para a implantação das mudanças relacionadas ao comportamento e aos costumes não só do clero, mas da aristocracia languedociana como um todo, acostumada a sua tradicional divisão de poderes. Internamente, as mesmas reformas refutadas pela aristocracia encontravam apoio entre aqueles que haviam sido aliados do poder. Magnou-Nortier¹⁰ aponta que notícias encontradas no cartulário de Béziers sugerem que os hábitos e práticas de paz estavam profundamente assentados, e que a reforma do clero dessa região esteve sempre associada ao processo de normatização da paz¹¹. Não se tratava de defender ideais reformistas, mas sim de assumir o controle sobre o tecido regional de alianças e poderes.

No universo do estudo das heresias medievais, devido à sua especificidade, o catarismo é o movimento que despertou maior interesse por parte de historiadores e teólogos desde o século XVI. O suposto alcance de sua influência sobre a sociedade meridional, em todas as suas dimensões, foi expresso por meio da violenta repressão desencadeada pelas autoridades católicas e laicas ligadas ao papado. O que sabemos sobre o catarismo foi descrito por seus inimigos, isto é, por aqueles que haviam sido encarregados de combatê-los, sendo que muito pouco foi encontrado cuja origem cátara tenha sido comprovada.

Pretendíamos refletir sobre a forma como a historiografia registrou, ao longo dos últimos dois séculos, os eventos narrados nas fontes medievais tendo em vista seu papel no estabelecimento das visões atualmente em vigor, tanto na memória coletiva quanto na própria historiografia. Conscientes do volume historiográfico que deveríamos estudar, fomos levados a restringir nosso recorte, centrando nossos estudos sobre as tendências historiográficas que se mostraram predominantes em seu tempo e que, de alguma forma, marcaram o ponto de vista hegemônico em cada época sobre o tema.

Dessa forma, selecionamos duas obras que, sob nosso ponto de vista, foram capazes de sintetizar tendências dominantes em seu tempo: *The Cambridge Medieval His-*

¹⁰ MAGNOU-NORTIER, Elisabeth, *La société laïque et l'Église dans la province ecclésiastique de Narbonne de la fin du VIII à la fin du XI siècle*. Toulouse: Association des Publications de l'Université de Toulouse-le-Mirail, 1974.

¹¹ Essa visão puramente política se mostra simplificadora e parcial, mas foi adotada por nós apenas para facilitar uma visão generalizada do contexto político e social.

tory (CMH), cuja primeira publicação ocorrida no início do século XX refletiu a escrita histórica oitocentista¹², e outra, reescrita e atualizada com as mais recentes pesquisas contemporâneas, publicada no final do século, *The New Cambridge Medieval History* (NCMH)¹³. Com isso pretendemos demonstrar até que ponto os acalorados debates acadêmicos franceses influenciaram a escrita da história do catarismo fora de sua área de influência direta. Em seguida, apontaremos o surgimento de novas correntes de interpretação e explicação do fenômeno cátaro, e a influência das vanguardas historiográficas sobre a escrita da História dita tradicional. Contudo, queremos ressaltar que a função das obras inglesas, aqui, seria demonstrar a influência dos debates acirrados entre franceses, italianos e alemães sobre a visão histórica externa aos ambientes onde os debates tiveram origem, e como a academia em geral, recebeu as contribuições vanguardistas oferecidas pelos especialistas.

Tomando uma historiografia tão vasta como fonte para reflexão e reconhecendo a qualidade dos trabalhos já produzidos sobre nosso tema central, decidimos por perscrutar apoio teórico no trabalho de Gabrielle Spiegel¹⁴. O mérito da autora está em mostrar que textos devem ser submetidos a uma análise criteriosa, com objetivo de resgatar seus aspectos linguísticos e sociais por meio da leitura de conjunto. Isto é, deve-se levar em conta a retórica textual, as intenções autorais e a inserção do texto em sua realidade social e política de produção, de circulação e de recepção. Tentaremos olhar para a historiografia como documentos históricos, inseridos em seu tempo e lugar.

Optamos por denominar o fenômeno como “cátaro” seguindo a própria historiografia que assim o definiu a partir da década de 1960¹⁵. Até então, eram usadas outras denominações, dentre as quais a preferida nas fontes medievais era “albigense”, em referência à região de Albi, cenário da deflagração da cruzada Albigense e reconhecido foco do catarismo.

O termo “cátaro” surgiu na documentação pelas mãos do monge Eckbert de Schöneau, em 1163, para denominar uma comunidade herética descoberta na região de

¹² BURY, J. B; TANNER, J. R (Coaut. de). *The Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967-76. Doravante chamada apenas de CMH.

¹³ MCKITTERICK, Rosamond; LUSCOMBE, David; RILEY-SMITH, Jonathan Simon Christopher (ed.). *The New Cambridge Medieval History*. Cambridge: Cambridge University Press, c1995.

¹⁴ SPIEGEL, Gabrielle, *The past as text: the theory and practice of medieval historiography*. Baltimore: JohnsHopkins University Press, 1997.

¹⁵ BIGET, J.-L., “Albigenses”: Observações sobre uma denominação”. In ZERNER, Monique (org.) *Inventar a heresia? Documentos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Trad. Néri de Barros Almeida et alii. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p. 229-268.

Colônia. O sentido do termo é controverso: alguns o associam ao termo grego *katharos* (pureza); outros, aos termos latinos *cattus* e/ou germânico *ketzer* (gato), animal associado a forças diabólicas¹⁶. Em ambas as opções, podemos perceber a existência da intenção dos autores em desacreditar e desmoralizar o alvo de sua acusação¹⁷.

O “território cátaro” por excelência era o Languedoc, ou Midi, contido na metade sul do atual território francês, em oposição à metade ao norte, sob o domínio dos capetíngios¹⁸. Mais precisamente, o Languedoc cátaro se estendia de Albi a Foix, e de Toulouse à Narbonne, a parte meridional do sul da França atual. No século XII, era uma região dividida politicamente e alvo do interesse das maiores potências políticas de seu tempo: os plantagenetas, a coroa aragonesa, o Sacro Império, o papado romano e os “franceses” do norte. Esta forma de delimitação territorial, predominante na historiografia até hoje, esteve sempre marcada pela influência da visão política e institucional na explicação do processo repressivo contra os cátaros do Languedoc, cujo ápice foi a Cruzada albigense (1209-1229). Cabe também ressaltar as rivalidades e disputas internas à região, protagonizadas pelos grandes senhores laicos e eclesiásticos, detentores do poder regional em detrimento das tendências políticas centralizadoras, tanto por parte do papado quanto da monarquia. Como fator determinante de unidade regional, podemos indicar o idioma – langue d’Oc – as crenças e cultura específicas. Não surpreende que, justamente nessa região, a repressão à heresia tenha se dado de uma forma violenta, que não encontra similar em outras regiões.

¹⁶ BOUREAU, Alain. *Satan heretique: naissance de la demonologie dans l'Occident medieval, 1280-1330*. Paris: O. Jacob, 2004.

¹⁷ Quanto à questão da denominação podemos sugerir o interessante artigo escrito por Biget e apresentado no seminário de estudos organizado por Monique Zerner na década de 1990 em Nice, posteriormente publicado em forma de livro pela organizadora. Op cit, conforme nota 10.

¹⁸ Seguindo a denominação usada nas fontes medievais, definimos a metade ao norte do reino da França como os domínios controlados pelos barões franceses e pelos capetíngios. A metade ao sul, chamada Midi, Languedoc ou terras albigenses, apresentava uma organização social e política diferenciada, mantendo certa autonomia frente aos poderes pontificais e monárquicos e imperiais. Ver mapa no anexo I (pp. 111-113).

CAPÍTULO I: A HISTÓRIA DO CATARISMO

Falar sobre o catarismo requer atenção, pois remete a noções e memórias construídas ao longo do tempo, que confundem a história, com narrativas puramente literárias, sem nenhum compromisso com o registro histórico. A representação da heresia foi elaborada por autoridades religiosas envolvidas no processo de institucionalização da Igreja e de defesa de sua hegemonia social.

1 - O contexto geral em que aparece a “heresia” cátara

A palavra heresia tem origem no termo grego *hairesis* e está associada à ideia de fazer uma escolha, uma tomada de posição. Na literatura cristã, encontramos o termo nas Cartas aos Coríntios: “*Primum quidem conuenientibus uobis in ecclesia audio scissuras inter uos esse et parte credo. Nam oportet et haereses inter uos esse ut et qui probati sunt manifesti fiant in uobis*” (1Cor. 11:18-19)¹⁹. Paulo o empregava para apontar aqueles que defendiam diferentes interpretações dos ensinamentos deixados por Cristo e seus apóstolos, os assim chamados falsos pregadores, que levavam a discórdia para dentro das incipientes comunidades cristãs. Desde então, o termo vem sofrendo modificações em seu significado²⁰.

A palavra “heresia”, então, foi usada para apontar a divergência ou oposição ao pensamento ou discurso hegemônico construído pelas autoridades eclesiásticas. Antes

¹⁹ A Bíblia de Jerusalém. Nova edição revisada. São Paulo, SP: Paulus, 2000. Epístula I-11. “Em primeiro lugar, ouço dizer que, quando vos reunis em assembleia, há entre vós divisões e, em parte, o creio. É preciso que haja heresias entre vós, a fim de que se tornem manifestos entre vós aqueles que são comprovados”. Nova Vulgata, *Bibliorum Sacrorum Editio. Epistula I ad Corintios*, 11, disponível em http://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_nt_epist-i-corinthios_lt.html#11. Tradução: Antes de tudo, ouvi dizer que há fissuras entre vós quando estão reunidos na Igreja, e em parte acredito. Pois é preciso o surgimento de heresias entre vós para que sejais submetidos à prova, e os que são dignos da fé possam se manifestar.

²⁰ De acordo com o *The Oxford Dictionary of the Middle Ages*, vol. 2, pp. 791-792, a concepção medieval de heresia era: uma opinião religiosa ou prática contrária à ortodoxia, ensinada pela Igreja Católica tal como fora definida nos Concílios de Niceia (325) e Calcedônia (451). ZERNER, Monique, “Heresias” in LE GOFF, J. et SCHMIDT, J-C, *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. Diz-se que as heresias surgiram das polêmicas inerentes ao surgimento do cristianismo e agravadas pela “nascente instituição eclesiástica”. Desse confronto, os ortodoxos tornaram seus opositores hereges, baseados na lista estereotipada registrada por Santo Agostinho. MERLO, Grado, no *Dictionnaire Encyclopedique du Moyen Âge*, sob a direção de André Vauchez, afirma que a definição das heresias é muito complexa, e dificultada pela evolução do conceito de heresia, de desvio religioso a condenações disciplinares, eclesiológicas e políticas’ (p. 725).

de tudo, era preciso definir-se como grupo e estabelecer fronteiras físicas e doutrinárias com as outras religiões do Império Romano. Em 1934, o historiador Walter Bauer concluiu que as heresias eram apenas manifestações da fé cristã e que exerceram importante papel no processo de formação do cristianismo²¹, servindo como parâmetros para o estabelecimento das fronteiras da comunidade e para definir os dogmas essenciais da fé. A sua tese representou um marco importante na historiografia, pois foi o primeiro historiador a apontar o uso político do conceito de heresia dentro das comunidades cristãs e sua determinação histórica. Bauer demonstrou que as heresias não eram conceitos inatos ao pensamento teológico, mas sim, construções discursivas que faziam parte da estratégia das lideranças eclesásticas para alcançarem determinado objetivo. Dentro dessa mesma linha de interpretação, em seminário de estudos sobre as heresias, Guy Lobrichon²² afirmou que os temas debatidos e os argumentos construídos nos primeiros séculos cristãos para a definição da ortodoxia faziam parte de um processo de racionalização e institucionalização da Igreja. Podemos apontar alguns movimentos condenados como heréticos ao longo dos primeiros séculos cristãos que deixaram suas marcas na história eclesástica, como os maniqueísmos²³ combatidos por Santo Agostinho²⁴ ou o docetismo²⁵ combatido por Irineu de Lyon²⁶.

Segundo Barthélemy (2009), desde 614 a ‘disciplina cristã’ foi invocada como cimento necessário ao reino franco e exigiu das autoridades laicas e religiosas certa

²¹ BAUER, Walter. *Orthodoxy and Heresy in Earliest Christianity*. Publisher: Singler Press, 2ª edition, 1996.

²² LOBRICHON, Guy. “Arras, 1025, ou o processo verdadeiro de uma falsa acusação”, in ZERNER, Monique (org.). *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009, p. 69. Foi o resultado dos Seminários de Estudos sobre heresias, finalizado por uma mesa redonda entre especialistas, organizada por Zerner em Nice.

²³ Maniqueísmo: doutrina surgida no século III, com o persa Mani, que explica o mundo por meio da oposição entre o Bem representado por Deus e a espiritualidade contra o mal, representado pelo mundo material, inclusive o homem. TOUATI, François Olivier (dir.), *Vocabulaire historique Du Moyen Âge*. (Occident, Byzance, islam). Paris: Boutique de l’Histoire, 3ª Ed., 2000, p. 194.

²⁴ Agostinho (354-430) foi o bispo de Hipona cuja obra exerceu grande influência no combate aos movimentos considerados heréticos pela Igreja Católica na Baixa Idade Média. Para ele, heresia era todo desvio em relação à doutrina cristã considerada ortodoxa pelas autoridades eclesásticas reunidas em concílios ecumênicos. Sua pregação reforçava a importância do respeito à hierarquia e a refutação das divergências. Em seu tempo, combateu o dualismo maniqueu.

²⁵ Docetismo: seita dualista dos séculos II e III, de origem grega, que acreditava na dimensão espiritual de Cristo, sendo seu corpo físico apenas aparência. Seus sofrimentos e ressurreição assim foram ilusões. BJORK, Robert E. (ed.). *The Oxford dictionary of the Middle Ages*. Oxford; Nova Iorque: Oxford University Press, c2010, vol.2, p. 508.

²⁶ Irineu de Lyon (130-202): estabeleceu em sua obra a visão canônica da sequência cronológica do Verbo: a antiguidade da verdade, a ortodoxia, que se opunha ao erro, das heresias. Para ele, a única forma de manter unida a comunidade de cristãos era através da autoridade doutrinária decidida nos concílios episcopais. Foi um dos primeiros teólogos cristãos a afirmar a autoridade do episcopado e das Escrituras. Em *Adversus haereses*, escrito por volta 180 d. C., Irineu refutou as heresias de seu tempo, principalmente o gnosticismo.

moralização e muitas concessões²⁷ de ambas as partes. Durante o período Carolíngio, os bispos ocuparam lugar de destaque junto ao governo da sociedade. As leis carolíngias e eclesiásticas se confundiam, e os bispos desempenhavam o papel de conselheiros e de representantes do poder imperial.

Com o fim do império, o território até então sob seu domínio ficou política e economicamente dividido entre os grandes senhores, dentre eles os bispos. As instituições carolíngias haviam perdido sua autoridade e novas formas de alianças e de disputas pelo poder local se tornaram mais frequentes. As igrejas regionais cada vez mais se aproximavam do poder temporal de sua região e se distanciavam dos interesses da Sé Romana e da monarquia. A historiografia tradicional descreve esse período conturbado como uma “anarquia feudal”, uma vez que inexistia a autoridade pública para manter e regular a sociedade²⁸.

No início do segundo milênio, as heresias reapareceram com força na documentação. Os cronistas incluíram em suas narrativas casos de heresia, como a descrição do caso de Landulfo por Raul Glaber²⁹ (985-1047). Com a chegada do século XI, as lideranças clericais e monasteriais perceberam a necessidade de mudanças internas e externas à comunidade eclesiástica, com o objetivo de colocar um freio no aumento do poder laico sobre os interesses da Igreja resultantes da “anarquia feudal” há pouco mencionada. Portanto, falar de heresias também nos remete a pensar sobre as transformações que ocorriam na sociedade medieval no Ocidente cristão nesse período, e as estratégias desenvolvidas pelas autoridades católicas para enfrentarem as dificuldades geradas no processo de fortalecimento institucional da Igreja, batizadas pela historiografia como a ‘Reforma Gregoriana’³⁰. E foi justamente neste momento e contexto que surgiram as primeiras notícias sobre a heresia cátara.

²⁷ BARTHÉLEMY, Dominique, *A Cavalaria. Da Germânia antiga à França do século XII*. Campinas: Editora Unicamp, 2009, p.95.

²⁸ A tese da anarquia feudal defende uma mudança social e política súbita na passagem para o século XI e em que se verificaria o desaparecimento dos poderes públicos. Dentro dessa perspectiva, a heresia foi relacionada ao vácuo político deixado pela fragmentação dos poderes públicos inerente ao feudalismo.

²⁹ GLABER, RAOUL. *Les Cinq Livres de ses histoires (900- 1044)*. Paris: Maurice Prou Editeur, 1886. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k290027>, consultado em 21/08/2015.

³⁰ Reforma Gregoriana: expressão conceitual criada pelo historiador francês Augustin Fliche para explicar as profundas transformações ocorridas na sociedade feudal. Seu trabalho foi amplamente aceito pela historiografia desde então, mas também recebeu críticas desde sua criação. Podemos citar por exemplo o trabalho de Gerd Tellenbach publicado em 1939, no qual o autor faz um estudo do papado sob uma perspectiva mais social e religiosa, criticando frontalmente as teses de Fliche. Para um esclarecimento mais detalhado, indicamos o recente trabalho de Leandro Rust e Andréia C. L. Frazão da Silva, *A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito*. Publicado na Revista *História da Historiografia*, vol. 3, 2009, p. 135-152. Disponível em <http://www.historiadahistoriografia.com.br/revista/article/view/62>, consultado em

2 – Contexto histórico e Reforma

No Midi, ainda encontramos iniciativas de reativação das assembleias diocesanas de paz até o final do século XII, como a celebração do acordo entre Afonso, conde de Toulouse, e o visconde de Trencavel, Rogério I, em 1143, pouco antes chegada de Bernardo de Claraval em sua missão pregadora contra a heresia na região. Também podemos apontar a convocação da aristocracia local em Béziers pelo bispo Bernard Gaudelm (1167-1184)³¹ em 1170, ou aquela que foi convocada em Arlès pelo bispo Pierre Isarn (1183-1190) em 1190. Podemos citar também o estabelecimento da convenção regional da paz de Albi pelo bispo Guilherme Pedro e Raimundo V em 1191³²; ou ainda a Trégua que também foi promulgada em Provença logo após Afonso Jordano ter efetuado um acordo com o rei de Aragão em 1190³³.

A partir de meados do século XI, a despeito do processo reformista conduzido pelo papado romano em curso, a Igreja que falava a língua d'Oc se mantinha intimamente ligada aos interesses regionais. No final deste século, a Igreja romana já havia conquistado sua autonomia em relação às interferências laicas em seus assuntos e encontrava-se forte o suficiente para enfrentar as resistências surgidas dentro do próprio ambiente eclesiástico. Foi apenas depois de as mudanças impostas pelo movimento reformador apresentarem seus primeiros resultados que os bispos reformados conseguiram o estabelecimento do domínio senhorial pleno, sem as interferências provocadas pelas alianças de compromisso locais, agora dissolvidas, e usufruíram de seus benefícios e prerrogativas em nome de Roma.

novembro de 2014. Ou ainda RUST, L., “A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história”. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 25-84, disponível em https://www.academia.edu/6870378/A_Reforma_Papal_1050-1150_trajet%C3%B3rias_e_cr%C3%ADticas_de_uma_hist%C3%B3ria. Cuiabá: Ed. UFMT 2013 248p. ISBN 978-85-327-015-0, consultado em novembro de 2014.

³¹ BONNAUD-DELAMARE, R. “Une Bulle d’Alexandre III en faveur de la paix (1170)”. In *Annales Du Midi*, t. 51, 1939, p. 68-86.

³² Citado por BONNAUD-DELAMARE, R. “La convention regionale de paix d’Albi de 1191: Paix de Dieu et guerre sainte em Languedoc au XII^e siècle”. In *Cahiers Du Fanjeaux*, n° 4, 1969, p. 91-101.

³³ Para consultar a relação de concílios e assembleias de paz, realizadas no Languedoc e Provença, indicamos o artigo: CARRAZ, Damien, “A Paz de Deus no Midi da França no século XII”. A primeira versão francesa foi apresentada no 48º Colóquio de Fanjeaux: “*La ‘Reforme Grégorienne’ dans le Midi*” (9 a 12 de julho de 2012). Traduzido por Bruno Tadeu Salles e apresentado no Colóquio “Clérigos e Laicos”, ocorrido em Goiânia. Disponível em [file:///C:/Users/R/Downloads/Dialnet-APazdeDeusNoMidiDaFrancaNoSéculoXII-4852066%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/R/Downloads/Dialnet-APazdeDeusNoMidiDaFrancaNoSéculoXII-4852066%20(4).pdf). Página 87.

O arsenal tomado pela Igreja para combater os hereges meridionais evoluiu desde as primeiras assembleias de paz realizadas no século XI. O juramento como garantidor da colaboração entre o braço temporal e o espiritual foi sendo registrado e normatizado, atribuindo aos bispos a manutenção da paz e da ordem social. Assim como Bernardo em 1147, os legados papais até os primeiros anos do século XIII tinham como missão percorrer o Midi para conseguir o juramento de fidelidade das autoridades locais³⁴.

Jean Flori aponta que, em todo o Ocidente medieval, não havia mais o interesse na intervenção violenta ou miraculosa dos santos no estabelecimento da paz. A partir de então, a pacificação estava apoiada em práticas institucionalizadas da chancelaria pontifical³⁵. Segundo esse autor, às tradicionais sanções espirituais foi somada a cobrança de taxas de segurança³⁶, a existência de milícias armadas mantidas com esse recurso e ao reforço das prerrogativas judiciárias transformadas em cânones. O objetivo dessa normatização oficializada nos concílios era oferecer ao episcopado da Igreja reformada os meios necessários e incontestáveis para impor sua autoridade ao conjunto dos fieis. Tratava-se principalmente de estender a autoridade das jurisdições eclesiásticas diante dos príncipes, que disputavam com os bispos o direito de exercer a justiça sobre “homens e terras”³⁷. Assim, ao longo do século XII, a legislação conciliar foi estendida para além das questões envolvendo o prejuízo às pessoas e aos bens da Igreja, mas também as mais diversificadas questões jurídicas, como os pedágios cobrados a mercadores e viajantes e o saque. Com o sucesso alcançado pelas autoridades romanas no Languedoc, as lideranças eclesiásticas locais incorporaram as pretensões teocráticas pregadas pelos reformistas, e a proteção da paz naquela região assumiu uma nova dinâmica sob o discurso de defesa da fé. No final do século XII, a heresia, que se alastrava perigosamente a partir da região de Albi, era uma preocupação central do papa Inocêncio III e da cúpula romana.

A historiadora Monique Zerner demonstrou a importância da retórica desenvolvida e aplicada na segunda metade do século XII, principalmente depois da ascensão de Inocêncio III ao trono petrino, para impor a autoridade pontifical a todas as outras. O

³⁴ Legados papais: 1145 Bernardo, abade de Claraval e Alerico, bispo de Óstia ; 1178 – Henri de Marcy, abade de Claraval e Pedro, bispo de Pávia; e em 1202/03 Pedro de Castelneau e Raul de Fontfroide.

³⁵ FLORI, Jean, *La guerre sainte: La formation de l'idée de Croisade dans l'Occident chrétien*. Paris: Ed. Flammarion, 2008, p. 101-124.

³⁶ Idem. Segundo Flori, no Languedoc, era exigido a todos os proprietários de charruas o pagamento de uma taxa em cereais, definida em relação ao tamanho do rebanho. Os recursos daí provenientes eram utilizados, principalmente a partir do século XI - XII, para construir fortificações e armar mercenários contra aqueles que não aceitavam um lugar sob a hierarquia eclesiástica.

³⁷ GUERREAU, Alain. *Feudalismo: Um horizonte teórico*. Lisboa: Edições 70, 1980.

discurso elaborado pelos teólogos católicos havia colocado a heresia cátara, ou albigense, como inimigo maior da paz e, por esse motivo, já não era importante sua existência real e comprovada, sendo que a simples suspeita ou acusação de heresia era suficiente para uma reação desmedida por parte da Sé romana, o que contribuiu para fazer do Midi o que Chiffolleau chamou de “laboratório da teocracia pontifical”.

3- Heresia no Midi: o que dizem as fontes

Na busca pela compreensão dos diferentes momentos historiográficos de nosso tema, achamos imprescindível um comentário sobre suas fontes, sua autoria, circulação e recepção, assim como as intenções embutidas nos discursos registrados por seus autores.

A maior parte dos documentos sobre o catarismo foi produzida em ambiente eclesiástico. São tratados anti-heréticos, bulas papais, tratados polêmicos, cartas e sermões que testemunham o combate à heresia. Muito pouco do que foi encontrado pelos pesquisadores até hoje pode ter sua autoria atribuída aos hereges. No entanto, o conjunto é vasto e passou por um período de enriquecimento importante no século XX, com a descoberta de manuscritos até então desconhecidos. Por meio do trabalho de Antoine Dondaine, foram revelados alguns dos mais importantes documentos sobre o catarismo, como o *Livro dos dois princípios*³⁸. Segundo Malcolm Lambert, o padre dominicano foi pioneiro na tentativa de compreensão da crença cátara³⁹.

O *corpus* documental relacionado ao nosso tema central pode ser classificado e qualificado de diferentes formas, embora todas nos pareçam incapazes de abranger a

³⁸ O manuscrito foi descoberto por A. Dondaine em um dossiê da Biblioteca de Florença, sendo parcialmente publicado pelo padre em Roma no ano de 1939. Na revista *Archivum Fratrum Praedicatorum*, no período compreendido entre 1946 e 1959 foram publicados vários fragmentos de manuscritos revelados nesta pesquisa dominicana, como o *Liber contra Manicheos*, encontrado em 1939 na Biblioteca Nacional da França. E o *Liber Antiheresis*, fragmento do século XIII encontrado na Biblioteca Nacional de Madrid. Ambos atribuídos à Durand de Huesca.

³⁹ LAMBERT, Malcolm, “Introdução” in _____, *The Cathars*. Malden: Blackwell Publishers, 1998pp. 10 e 11. Em 1955, no Congresso Internacional de Roma, Dondaine apresentou o capítulo *De statu ecclesie* da obra na comunicação intitulada *Durant de Huesca et la polemique anti-cathare*. Contudo, por motivos internos a sua ordem, Dondaine teve de confiar a edição crítica, tradução e notas a Christine Thouzellier. Segundo Thouzellier, em 1959, já havia sido publicada uma tradução para o francês, feita por Renè Nelli. Apesar de apresentar boa qualidade literária, a tradução feita por Nelli apresenta algumas confusões e lacunas em relação ao texto original publicado por ela. Mais tarde, em 1974, nos EUA, Walter Wackfield publicou uma tradução fiel junto com o primeiro estudo em seu país sobre a Cruzada e a heresia no Languedoc. Tratava-se de um trabalho de síntese dividido em partes, a saber: surgimento, queda, crenças e costumes. THOUZELLIER, Christine (ed.). *Livre des deux principes*. Paris: Editions du Cerf, 2008, p. 8-9.

profundidade e complexidade do problema cátaro. Vemos que, ao longo do tempo, as mesmas fontes foram lidas e interpretadas de maneiras diferentes, provavelmente respondendo a questões diversas, contemporâneas aos pesquisadores. Sem pretender construir uma listagem exaustiva das fontes disponíveis sobre o tema, optamos por dividi-las cronologicamente.

No século XI, os autores que registraram casos de heresias eram cronistas monásticos, que apenas as incluíram em suas narrativas. Os episódios foram descritos como o surgimento de novos hereges, ou novos maniqueus, mas não pareciam apontar o surgimento de uma comunidade herética. Tratava-se de casos idolados que pareciam acontecer em terras distantes. Dentre estes cronistas, podemos destacar Raul Glaber e Ademar de Chabannes.

No século seguinte, além dos cronistas, também encontramos textos escritos por polemistas encarregados de combater os hereges. Nessa época, aparece o termo “cátaro” pela primeira vez, em Eckbert de Schönau. Sua visão sobre os cátaros reforçava os primeiros relatos de novos hereges encontrados nas crônicas, mas Eckbert foi além, associando-os diretamente ao maniqueísmo trazido ao Ocidente pelos bogomilos⁴⁰ e a influências externas ao cristianismo. Depois de 1170, as fontes parecem mudar de natureza: seus autores eram teólogos e polemistas, os quais também estavam envolvidos na repressão ao movimento considerado herege. Nesse período, surgiram tratados anti-heréticos que acusavam os cátaros de dualismo, o que não acontecera até então. Também nesse final de século, a forma de nomear os hereges se definiu nos documentos. Retomando o comentário feito por Bernardo de Claraval em 1147, os hereges meridionais foram todos nomeados pelas autoridades que os reprimiam como albigenses. Segundo Biget, a estratégia anti-herética foi elaborada pelos teólogos e polemistas por meio de um processo de unificação discursiva dos movimentos heréticos do Midi, em torno da denominação de “albigenses”, dando a eles uma coerência e uma organização que não tinham⁴¹.

Nos séculos XIII e XIV, além dos teólogos, encontramos a Ordem dos Pregadores realizando uma mudança na estratégia da Igreja contra os hereges. Esses mendicantes se interessaram em descobrir a origem dos movimentos e reafirmaram sua filiação aos maniqueus do Oriente. O inquisidor Bernard Gui sintetiza essa visão sobre os albi-

⁴⁰ Bogomilos: seita dualista surgida no século X na Búlgaria. BJORK, Robert (dir.), “Heresy, central Europe” in *The Oxford Dictionary of the Middle Age*. Oxford: Oxford University Press, vol 2 C-J, 2010, p. 789.

⁴¹ BIGET, J.-L., *Hérésie et inquisition dans le Midi de la France*. Paris: Picard, 2007, pp. 16 e 17.

genses. A maior parte da documentação deste período (séculos XII e XIV) é proveniente da Cruzada albigense e de autores ligados, de alguma forma, ao movimento de repressão contra os cátaros. Até então, não percebemos nos autores a intenção de escrever a história do catarismo, mas sim, de registrar os feitos daqueles que os combatiam, celebrando o ministério da Igreja.

A partir do século XV e principalmente no século XVI, a situação se transformou e podemos perceber a intenção dos autores em registrar a história dos cátaros. As crônicas monásticas anteriores, como a *História Albigense*, de Pedro de Vaux-de-Cernay, do começo do século XIII, passam a ser suas fontes de pesquisa. A crise religiosa entre católicos e protestantes também levou à formação de duas tendências historiografias sobre o tema, com perspectivas e abordagens bem definidas. Desde então, ambas tomaram a história do catarismo como instrumento de acusação e defesa mútua, valorizaram as crônicas dos séculos XI e XII e os tratados polêmicos do século XIII. Os católicos os acusavam de novos maniqueus, seguindo sua tradição, e os reformados consideravam laços comuns, senão de ancestralidade e filiação direta, entre ambos.

De modo geral, nesse período, os autores católicos reproduziram a tradição anti-herética e reafirmaram o caráter dualista dos cátaros. Os autores protestantes, mais claramente a partir do século XVI, como Flavius Illiricus, viam os cátaros como seus ancestrais, mas não distinguiam os valdenses⁴² dos cátaros. Entre eles, havia aqueles mais radicais, que conseguiam ver laços ininterruptos entre cátaros e reformados, enquanto outros defendiam uma aproximação positiva, mas focada no fator anticlerical dos medievais.

A partir do século XVI e até o XVIII, as pesquisas históricas sobre os hereges do Midi medieval assumem um caráter mais aprofundado principalmente depois da publicação da *Histoire des variations des églises protestantes* em 1688, escrita por Bossuet. Esse autor católico foi responsável pela distinção definitiva entre valdenses e albigenses. Para embasar sua pesquisa, foi buscar as origens dos albigenses em Pedro de Sicile, em quem encontrou suporte para definir os discípulos de Valdo como precursores dos protestantes. O autor sustentava sua argumentação na doutrina dos reformados, a superficialidade da “novidade” em relação à antiguidade da verdadeira fé, enquanto os albigenses se-

⁴² Entre os autores desse período, havia aqueles que denominavam cátaros todos os hereges do Midi medieval. Entretanto, assim como *Flavius Illiricus*, outros autores da época distinguiram os cátaros, contra quem dedicavam um severo julgamento, dos valdenses, considerados guardiões da Palavra. Entre eles, Sleidan, autor de *De quatuor summis imperiis*, livro considerado pela historiografia protestante um clássico, publicado em 1582.

riam herdeiros do maniqueísmo oriental, trazido ao ocidente no século XI pelos bogomilos.

No século XIX, como veremos mais adiante, a própria História sofreu grandes transformações teóricas e metodológicas. Na história do catarismo, as correntes católica e protestante se reforçaram, mas também se subdividiram em tendências mais regionalizadas. De modo geral, gostaríamos de apontar aqui o trabalho de Charles Schmidt publicado em 1848, a primeira síntese histórica a respeito dos cátaros, na qual reconhece o caráter dualista de origem oriental, mas identifica duas tendências dualistas em seu interior: a mitigada, herdada dos bogomilos, e a radical, tipicamente cátara. Schmidt fez um trabalho apoiado em todas as fontes disponíveis, entretanto as mais antigas, escritas nos séculos XI e XII sobre os bogomilos, não foram valorizadas em seu trabalho. Mesmo assim, sua obra é considerada um marco historiográfico até hoje.

Dessa forma, a história do catarismo foi escrita sobre a versão de seus inimigos: teólogos e polemistas católicos envolvidos com a repressão aos movimentos acusados por eles de heresia. Logo, a história do catarismo se confunde com a história dessa repressão. Além desses, também queremos ressaltar a importância dos registros literários, como as crônicas, narrativas e canções de gesta, como a *Chanson de la Cruzade*, ou a *Histoire albigeoise* de Pedro de Vaux-de-Cernay, as quais proporcionaram, a partir do século XIX, uma renovação da história dos cátaros. Desde então, vemos um esforço contínuo entre os especialistas para avaliar sistematicamente a documentação disponível e reescrever a História do Catarismo. Nosso estudo quer mostrar que, a partir desse momento, se formaram as principais correntes historiográficas até hoje predominantes na historiografia, mas que, aparentemente, apenas refletiram as diferentes visões já presentes entre os autores medievais sobre os eventos.

CAPÍTULO II - OS CISTERCIENSES INVENTARAM OS CÁTAROS?

Durante o período de expansão dos ideais reformistas, compreendido entre meados do século XI até as primeiras décadas do século XII, existe um silêncio nas fontes sobre episódios heréticos. Nesse período, as autoridades católicas estavam preocupadas em levar os ideais reformistas aos quatro cantos do Ocidente cristão e em reconduzir as divergências e resistências ao caminho reto apontado pela Igreja. As casas beneditinas filiadas à Cluny, Gorze e São Vitor de Marselha se multiplicaram na segunda metade do século XI, junto com o alcance da autoridade de seus abades, fiéis ao projeto pontifical de consolidação de uma Igreja Católica forte, soberana e única, fonte normativa⁴³. Em 1098, insatisfeito com o esmorecimento ao rigoroso respeito às regras monásticas vividas pelas casas cluniacenses, Roberto, abade de Molesme, filiada à Cluny, se afasta para fundar um monastério em Cister.

A nova ordem religiosa de Cister, fundada por Roberto de Champagne em 1098, despontou no cenário ocidental como a materialização dos ideais da Igreja reformada⁴⁴. Bernardo (1090-1153), abade de Claraval⁴⁵ mas líder efetivo da ordem cisterciense de seu tempo, destacou-se por sua capacidade de pregação e resolução de conflitos. Cedo, estava à frente da defesa dos interesses pontificais, combatendo as heresias onde elas estivessem e estendendo sua influência e autoridade sobre os poderes regionais. Sua principal arma foi a retórica e a argumentação, que lhe permitiram grande sucesso no enfrentamento verbal direto com heresiarcas. Contudo, em sua missão ao Languedoc, ficou

⁴³ Segundo a tradição historiográfica cristalizada por Fliche. Conforme nota 30.

⁴⁴ Roberto de Champagne, abade de Molesme, insatisfeito com o relaxamento da observância da regra beneditina nas casas cluniacenses e rejeitado por impor rígidas normas de conduta em seu mosteiro, fundou na Borgonha o monastério de Cister, que deu origem à nova ordem religiosa. Os cistercienses seguem rigidamente o regulamento criado por São Bento e, por isso, representaram a materialização dos ideais reformistas de pureza e vida apostólica. ROSA, Isabel, “Ordem de Cister – Bernardo de Claraval”. Disponível em https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/1806/1/FAUTL_13_D_IRosa.pdf.

⁴⁵ A Abadia de Claraval foi fundada por Bernardo em 1115 na região de Aube, em terras doadas pelo conde Hugo de Champagne, uma das quatro filhas de Cister. RICHIÉ, Pierre, *Vida de São Bernardo*, São Paulo: Edições Loyola, 1991.

mais clara a necessidade de mudanças de rumos das estratégias de combate às heresias, inclusive lançando mão do uso das armas⁴⁶.

A partir das primeiras décadas do século XII, podemos observar que o ressurgimento de casos de heresia nas fontes acompanha o processo de implantação e afirmação das mudanças conquistadas pelos reformistas a todas as dioceses. Isto é, o processo conclusivo da afirmação institucional da Igreja e de sua influência sobre a sociedade medieval. Essa fase exigiu profundas transformações nas relações políticas e religiosas entre as autoridades locais, tanto clericais quanto temporais, em relação à centralização do poder eclesiástico em torno do bispo de Roma e suas consequências no relacionamento desse poder com o Império Germânico.

Vemos que, nas regiões em que as autoridades eclesiásticas estavam mais ligadas ao poder temporal dos príncipes e grandes senhores regionais, as acusações de heresias foram muito mais frequentes e demandaram da Igreja um combate mais acirrado e violento. Esse é o caso da região do Midi francês. A Igreja reformada havia estabelecido uma rígida hierarquia e um número restrito de sacramentos, cuja celebração, exclusivamente feita pelos sacerdotes, foi uma das novidades mais combatidas nesse momento no Languedoc. As autoridades ligadas ao movimento reformista, inicialmente representada por cluniacenses e mais tarde pelos cistercienses e premonstatenses, estendiam a autoridade papal a toda a Cristandade. Em contrapartida, bispos e abades menos engajados neste movimento centralizador, assim como as autoridades laicas locais, sentiram-se prejudicados em seus interesses particulares e em suas alianças de poder, provocando muita resistência ao estabelecimento dos ideais reformistas em suas dioceses e domínios⁴⁷.

O comportamento indigno do alto clero regional, devido a sua proximidade com as questões temporais, explicava o surgimento de questionamentos, indignação e reações diversas não só dentro como fora da comunidade eclesiástica. Geralmente, essas reações advinham daqueles que estavam excluídos dos círculos de poder decisório, notadamente a pequena nobreza empobrecida, castelãos e cavaleiros. Da mesma forma, re-

⁴⁶ FLORI, Jean, *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Campinas: Editora da Unicamp, 2013. Nesse livro, o autor aponta o recrudescimento do combate às heresias no Ocidente cristão com as guerras santas.

⁴⁷ Como, por exemplo, o caso dos mosteiros episcopais e as casas beneditinas renanas ligadas ao bispo de Colônia e, consequentemente, ao Sacro Império. Desde 1120, a Igreja exerceu pressão sobre abadias renanas engajadas com o bispo de Colônia, renunciando à vida baseada no trabalho manual para se envolver nas questões temporais e submeter-se a relações mais estreitas com o arcebispo e os interesses locais. BRUM, Uwe, *Des contestataires aux cathares. Discourse de ref'orme et propagande antihérétique dans le pays Du Rhin et de la Meuse avant l'Inquisition*. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, 2006, pp. 90-92.

formistas que defendiam a leitura mais literal dos evangelhos, os retornos à Igreja primitiva e à vida apostólica queriam dar continuidade ao processo de renovação e purificação da Igreja. Nesse momento pós-reformista, a principal preocupação das autoridades romanas era afirmar o respeito à autoridade da Igreja Católica, hierarquicamente estruturada em torno do trono petrino para promover a intermediação entre os homens e o divino e conduzi-los à salvação.

O movimento reformista se expandiu de forma irregular, chegando com vigor e intensidades variáveis em diferentes regiões. Na região renana, por exemplo, de onde emergiu a denominação “cátara” para os movimentos divergentes, o ímpeto reformista chegou tardiamente em relação a outras regiões, mas com muito vigor entre seus defensores. A chegada de casas beneditinas reformadas na região de Colônia foi lenta e tardia em comparação com as regiões externas ao Sacro Império. Contudo, quando lá chegaram encontraram uma atmosfera favorável entre os religiosos que queriam purificar e libertar a Igreja da interferência laica, ao mesmo tempo em que as autoridades eclesiásticas locais, intensamente ligadas ao império, se sentiam muito à vontade com sua posição social e política de destaque na corte imperial. Além disso, não havia interesse em estabelecer mudanças desse cenário político-religioso local.

Os monastérios e catedrais episcopais resistiam às reformas em defesa dos interesses pessoais e imperiais de maneira firme, enquanto os monastérios reformados que começavam a se instalar representavam uma ameaça e uma concorrência por meio da divisão de poderes. Geoffrey de Auxerre, secretário e biógrafo de Bernardo, escreve que, em 1147, a missão do santo na região renana incluía acabar com os desacordos entre os irmãos.

No período pós-reforma, o discurso produzido pela Igreja foi transformando as heresias, que se manifestavam em todo lugar, em uma só, cujo centro irradiador se encontrava na cidade de Albi. Os teólogos e polemistas católicos diziam que os hereges haviam concebido um sistema religioso, como uma anti-Igreja, a partir do resgate de fenômenos antigos, como o arianismo e o maniqueísmo. Adaptaram modelos estereotipados criados pelos Pais da Igreja para definir os grupos heréticos de seu tempo. A partir da década de 1140, e principalmente depois da passagem de Bernardo pelo Languedoc, parece ter havido uma concordância entre as autoridades católicas quanto à origem búlgara do movimento. Mas o que foi o catarismo? Vejamos como se deu a elaboração desse modelo

conceitual, presente até hoje em nossa memória, a partir do momento chamado pós-reforma⁴⁸, isto é, a partir da segunda década do século XII.

A onda reformista já havia banhado o Ocidente cristão. O tempo agora era de implantação e afirmação das reformas alcançadas, principalmente nas regiões menos receptivas às ideias reformistas. As autoridades católicas encarregadas de combater os movimentos de resistência às novidades trazidas pela Reforma se mantiveram dentro da tradição cristã de acusar seus opositores de heresia, desqualificá-los e associá-los ao diabo, fonte de todo o mal e maior ameaça à sociedade cristã. O processo de construção da heresia cátara não foi diferente.

Ao longo do século XI, as formas de combate e as armas usadas pela justiça espiritual contra os heréticos tiveram um processo de evolução ininterrupto: da argumentação no campo das ideias e do erro para a repressão direta de práticas sociais que divergissem do modelo estabelecido pela Igreja. Mais do que um discurso anti-herético, a Cúria Romana parecia estar elaborando uma estratégia política de combate à oposição a seu projeto hegemônico, da qual fazia parte construir um aparato documental que fornecesse a autoridade e o suporte jurídico e argumentativo para a condenação das divergências. Já não era a conduta do clero ou a natureza do corpo de Cristo que estava no centro das preocupações pontificais, mas a autoridade da instituição eclesiástica sobre todas as dimensões sociais.

Na carta escrita por Evervin de Steinfeld a Bernardo de Claraval em 1147, podemos ver a preocupação do monge renano com o desafio à autoridade da Igreja ao denunciar uma comunidade de “apóstolos heréticos”.

Aqui está a heresia deles: dizem que são a Igreja, pois eles mesmos são os únicos seguidores do Cristo, e que permanecem como verdadeiros discípulos da vida apostólica. Dizem isso porque são os únicos que não procuram pelas questões mundanas, que não possuem casa, nem terras, nem dinheiro algum. Assim como Cristo, não possuem nada pessoalmente, e não permitem que nenhum de seus discípulos possua. “Mas vós” nos dizem eles, “adquirem casas e mais casas, terras e mais terras, vós procurais as coisas desse mundo; e mesmo aqueles que dentre vós são considerados perfeitos, os monges e os cônegos regulares, por não possuírem nada pessoalmente, eles têm em comum, portanto, possuem da mesma forma”⁴⁹.

⁴⁸ Expressão usada por Pilar Jimenez na Conferência “Tendências de pesquisa – origens e difusão de um cristianismo dissidente” apresentada na UNICAMP em setembro/2013.

⁴⁹ Trecho retirado da tradução feita por Anne Brenon na primeira parte do tomo I de *Dissidence chrétienne dans l'Europe médiévale* sob o título *Les archipels cathares. Voici quelle est leur hérésie : ils disent d'eux-*

Até meados do século XII, apesar de observarmos o aumento da preocupação entre as autoridades católicas em reafirmar o perigo diabólico dos hereges, podemos ver na documentação que havia espaço para o debate e para a argumentação entre heresia e ortodoxia⁵⁰. Esse cenário começa a mudar a partir da segunda metade desse mesmo século, quando os casos esporádicos de condenação à fogueira, ocorridas até então, se tornaram mais frequentes.

Legados papais foram enviados às regiões mais “infectadas” pelo mal herético representando a autoridade pontifícia. O próprio São Bernardo foi acompanhado pelo legado papal Alberico em sua missão pregadora. Nessa missão, enviada pelo papa Eugênio III⁵¹ ao Languedoc, o abade enfrentou reações por parte da pequena nobreza castelã que protegia os hereges, chamados arianos por Bernardo⁵². Pouco depois, em 1148, no concílio de Reims foi aprovado um cânone condenando aqueles que acolhessem hereges ou seus discípulos, dirigido especificamente ao Midi. Esse fato pode corroborar com a informação que o abade havia sido mal recebido pelos nobres da região.

Em 1163, no concílio de Tours, começa a ser preparada uma ofensiva escolástica contra a heresia, estabelecendo definitivamente uma imagem deformada dos hereges e exortando a aliança entre os poderes secular e pontifical. A heresia serviu de argumento para a intervenção papal no Midi, reafirmando o papel da Igreja na coesão e na coerção social. Em 1165, o bispo de Albi, Gerardo, convocou hereges que viviam sob a proteção dos senhores do castro de Lombers – os bons homens – a comparecerem a uma as-

mêmes qu'ils sont l'Église, parce qu'eux seuls suivent le Christ ; et qu'ils demeurent les vrais disciples de la vie apostolique, parce qu'ils ne recherchent pas le monde et ne possèdent ni maison, ni champ, ni aucun argent. Comme le Christ ne posséda rien lui-même, il ne permit pas à ses disciples de rien posséder, "Mais vous", nous disent-ils, "vous ajoutez la maison à la maison et le champ au champ et vous recherchez ce qui est du monde ; si bien que même ceux qui, parmi vous, sont tenus pour les plus parfaits, c'est-à-dire les moines et les chanoines réguliers, ce qu'ils ne possèdent pas en propre, ils le possèdent en commun, c'est-à-dire qu'ils le possèdent encore". Disponível em <http://www.catharisme.eu/Documents/histoire/evervinsteinfeld.pdf>, consultado em 05/09/2015.

⁵⁰ ZERNER, Monique, “No tempo do apelo às armas contra hereges: do contra Henricum do Monge Guilherme aos contra heréticos”. In Zerner, M. (org.) *Inventar a Heresia?* Op Cit. PP. 123-162.

⁵¹ Eugênio III foi o primeiro papa cisterciense, saído do mosteiro de Claraval e, portanto, “filho” de Bernardo. Podemos ver, na carta escrita pelo abade ao recém-nomeado papa, o cuidado de um “pai” a seu filho: “*Nam, si dignaris, quodammodo per Evangelium ego te genui. (...) Denique filius sapiens gloria est patris. Amodo tamen non vovaberis filius, (...)* – se me permite, já que de certo modo fui eu quem te iniciou no Evangelho. (...) Na verdade, o filho sábio não é a gloria do pai? Mas agora não o chamarão mais de filho (...).” in SÃO BERNARDO, Obras Completas VII, Cartas. Madri: Biblioteca dos Autores Cristãos, 1990, p. 749.

⁵² Segundo Geoffrey de Auxerre, na biografia do santo escrita por ele. Além de biógrafo, Geoffroy foi seu secretário e o acompanhou na missão ao Languedoc.

sembleia de caráter judicial. As autoridades presentes, laicas e eclesiásticas, os condenaram, então, como hereges.

Ainda dentro desta década conturbada, a historiografia aponta a ocorrência de um concílio cátaro em 1167. Reunindo bispos de várias localidades em São Félix de Caraman, o evento teria contado com a presença de Nicetas, bispo bogomilo vindo do Oriente para cooperar na organização da igreja cátara, sua divisão em dioceses e nomeação de novos bispos no Ocidente. Esse, sim, é um assunto polêmico. Reconhecido por grande parte dos historiadores ainda hoje, a assembleia cátara só foi mencionada em um único documento, a Carta de Niquinta⁵³, escrita pelos hereges e revelada por Guillaume Besse em 1660, na *História dos Duques de Narbone*, bem no centro da controvérsia entre católicos e protestantes.

Esse documento representa o fundamento da visão historiográfica predominante atualmente sobre o catarismo, na qual o Midi é descrito como a terra onde floresceu a heresia cátara. Porém, nos chama a atenção o fato de nenhuma outra fonte fazer referência ao acontecimento. Monique Zerner publicou um estudo sobre o tema no qual analisa detalhadamente cada informação contida na carta⁵⁴. As grandes questões debatidas por ela são a autenticidade e a veracidade do documento. Segundo a autora, a carta de Niquinta sempre provocou suspeita entre pesquisadores. Na *Histoire generale Du Languedoc*, publicada na primeira metade do século XVIII, os beneditinos Dom Claude Devic e Dom Joseph Vaissète chamaram a atenção para o caráter suspeito da carta⁵⁵.

Zerner defende a tese que Besse pode ter fabricado o documento para usá-lo em sua obra ou, pelo menos, enriquecido o seu conteúdo com a retórica necessária, tendo em vista a dependência do autor seiscentista do patrocínio que recebia de seus comandatários.

Do debate, que resultou na publicação desse livro por Zerner, participaram medievalistas e especialistas envolvidos nos mais recentes pesquisas sobre a história do catarismo.

⁵³ Carta de Niquinta : suposta carta escrita pelos heréticos que descreve um concílio em São Félix de Caraman, Languedoc, em 1167, no qual reuniram-se representantes de várias comunidades cátaras. De acordo com o documento, o evento foi presidido por um dignatário oriental – Niquinta – descrito como papa dos cátaros, e nesta ocasião foram eleitos bispos e definidas dioceses cátaras no Ocidente. ZERNER, Monique, *L'Histoire du Catharisme en discussion : Le « Concile » de Saint Félix (1167)*. Nice: Centre d'Etudes Medievales, 2001. Esta publicação traz à luz uma série de estudos e debates sobre o documento em questão.

⁵⁴ ZERNER, Monique, *L'Histoire du catharisme en discussion: le "concile" de saint-Félix, 1167*. Nice: Centre d'Etudes Medievales, 2001.

⁵⁵ Comentário feito por Zerner, idem, p. 14-15.

Na abertura dos debates, Zerner aponta Louis Lacer⁵⁶ como o primeiro a colocar em dúvida sistematicamente a carta, apoiado em seis argumentos: 1- o documento só foi conhecido pelas mãos de Besse; 2- não existe outro documento desse gênero; 3- a datação está errada⁵⁷; 4- Na carta diz que havia um só bispo na Lombardia, sendo que Rainnier Sacconi havia indicado a existência de três bispos nesta região; 5- não se pode comprovar a existência de um bispo em Val d'Aram como diz o documento; 6- o *Consolementum* não poderia ser dado mais de uma vez a uma mesma pessoa. Para este autor, a Carta de Niquinta foi uma construção do século XVI.

Na apresentação de seu ponto de vista, Jacques Chiffolier demonstra sua preocupação com a questão da elaboração da verdade histórica. Para ele, a construção da razão histórica e lógica do texto teve início com o trabalho do Pe. Antoine Dondaine. A própria redescoberta e a exploração do concílio de Saint Félix podem fazer parte da lógica historiográfica. Assim, a análise de seus dados mostra que a descrição feita por Besse tem uma importância estratégica dentro da história do catarismo: a origem oriental, estrangeira ao cristianismo. Para ele, o documento é falso, fruto da “projeção fantasmagórica dos inquisidores ou dos heresiólogos sobre a dissidência”⁵⁸. Sua posição foi reforçada por J. Dalarum, que apontou que o ‘falso’ era uma regra entre os medievais, e os interesses contextuais, tanto do contexto de produção quanto de recepção, apontam para a manipulação textual.

Contudo, uma corrente defensora da veracidade e autenticidade do documento reabilitara sua importância em 1969 com o trabalho de Ellie Griffe, no qual afirma que o concílio permitiu a aproximação entre as diversas igrejas do Midi e as igrejas do reino de Francia e da Lombardia⁵⁹. Da mesma forma, o historiador inglês B. Hamilton não acredita que Besse fosse capaz de forjar o documento⁶⁰.

⁵⁶ LACGER, Louis, “*L’Albigioise pendant la crise de l’albigisme*” dans R. H. E., XXIX, 1933, p. 314-315. Appendice intitulé « *Le conciliabule de Caraman em 1167* ». Citado por Zerner, p. 15.

⁵⁷ Segundo Monique Zerner, o dia 14 de agosto de 1222 não foi uma segunda feira, mas sim um domingo. Ver Zerner, Monique, Idem nota 56, p. 27.

⁵⁸ Trecho retirado da transcrição do debate, que consta na íntegra na obra dirigida por Zerner nota 56,

⁵⁹ GRIFFE, Ellie, *Les debuts de l’aventure cathare em Languedoc (1140-1190)*. Paris, 1969, p. 67-76, citado por Zerner. Ver nota 58.

⁶⁰ HAMILTON, Bernard, “The Cathar Council of Sain-Félix reconsidered” in *Monastic Reform, Catharism and the Crusades (900-1300)*, Variorum Collected Studies Séries. London, 1979, pp. 42-46. Disponível em http://opac.regesta-impe-rii.de/lang_en/anzeige.php?sammelwerk=Hamilton%2C+Monastic+reform%2C+Catharism+and+the+crusades. Consultado em 02/10/2015.

Retomando o quadro cronológico, na década de 1170, encontramos o surgimento de Valdo e seus seguidores. No final dessa década, dois eventos marcam os rumos dessa história. Em 1178, Henrique de Marcy foi enviado ao Languedoc em mais uma delegação papal para combater a heresia albigense. No ano seguinte, 1179, no concílio de Latrão III, os cistercienses lançam a idéia de uma mini cruzada nos territórios sob o domínio do conde de Toulouse e do visconde de Trencavel, realizada pelo mesmo Henri de Marcy em 1181. Tais eventos nos parece sinalizar o início da preparação da Cruzada Albigense, deflagrada duas décadas mais tarde.

No sínodo de Verona, o papa Lúcio III condenou todas as formas de heresia – cátaros, valdenses, patarinos, arnaldistas – através da bula *Ad Abolendam*, e ordenou os bispos a percorrerem suas dioceses em busca de heréticos. Isso representou uma virada na estratégia pontifical, passando da acusação para a perseguição, trazida à luz por Robert Moore na década de 1970⁶¹.

Depois disso, a subida de Inocêncio III ao trono petrino marcou o combate à heresia cátara, pois, em seu pontificado, ela passou a ser considerado um crime de lesa majestade, justificando a pena capital àqueles que a praticassem ou acobertassem os criminosos. A partir de então, os acontecimentos giraram em torno das consequências da decisão pontifical e de sua associação com o poder monárquico. Por fim, em 1208, o assassinato do legado papal Pedro de Castelneau, supostamente a mando do conde de Toulouse, foi o estopim para a cruzada.

⁶¹ MOORE, Robert, *The formation of a persecuting society: authority and deviance in Western Europe, 950-1250*. 2nd ed. Malden, MA: Blackwell, 2007.

CAPÍTULO III – O INÍCIO DA HISTÓRIA

No século XIV, o dominicano Bernard Gui, inquisidor na região de Toulouse entre 1303 a 1327, associou os cátaros a adoradores do diabo. Esse ponto de vista se tornou predominante a partir da bula *Super illius specula*, promulgada pelo papa João XXII (1316-1334) em 1326/27: “Certas práticas mágicas como a fabricação de imagens, anéis ou espelhos, derivam diretamente da invocação dos demônios e que, de fato, as pessoas que se dedicam a essas práticas incorrem nas mesmas penas reservadas aos hereges”⁶².

Muito respeitada, a obra de Gui foi usada como manual de instruções para outros inquisidores. Depois dele, o teólogo e inquisidor aragonês Nicolas Eymeric escreveu, em 1376, o *Directorium inquisitorium*, cuja estrutura e conteúdo refletiam a grande influência de Bernard Gui no Ocidente cristão⁶³. No século seguinte, podemos citar o inquisidor Antonin de Florence, cuja *Summe Theologique* representa uma cópia de catálogos de erros anteriores a 1250 na Itália⁶⁴. Sobre os trabalhos produzidos até o século XV, po-

⁶² Citado por BOUREAU, Alain, *Satân herétique : Naissance de la demonologie dans l’Occident médiéval*, 1280-1330. Paris: O. Jacob, 2004, pp. 25-31.

⁶³ Nicolas Eymeric de Gironne (1320-1399) foi um teólogo dominicano nomeado inquisidor geral de Aragão pelo papa Inocêncio VI. Em 1578, sua obra foi adaptada por Francisco Peña, também inquisidor dominicano, e foi publicada em francês sob o título *Manuel de l’inquisiteur*. “Foi considerado pelos autores dos séculos XVIII e XIX como o trabalho mais representativo da Inquisição, o que melhor explica as terríveis práticas” in SULLIVAN, Karen, *The Inner Lives of medieval inquisitors*. University Chicago Press, 2011.

⁶⁴ Antoninus Florentinus: dominicano italiano (1389-1459) foi arcebispo de Florença a partir de 1446 até sua morte. Citado por VICAIRE, M.-H., “Les Albigeois ancêtres des protestants” dans *Cahiers Du Fan-jeux* n° 14 *Historiographie Du catharisme*, Toulouse: Privat edituers, 1979, PP. 23-46. Segundo P. Vicaire,

demos dizer que não nos parece ter havido a intenção de escrever a história, mas de registrar o discurso unificado para o combate às dificuldades enfrentadas pelas autoridades romanas para alcançar seus objetivos. Os documentos que foram preservados nos mostram manuais de procedimentos do processo inquisitório, nos quais foi mantida a imagem dos hereges como uma doença, uma ameaça à sociedade cristã, vinda de fora da cristandade e que precisava ser combatida.

Dentro dessa lógica, os hereges eram todos aqueles que foram assim acusados pelas autoridades eclesiásticas⁶⁵ e a inquisição, um processo de perseguição às oposições à Igreja e à monarquia, verdadeiros defensores da fé cristã. Robert Moore, na década de 1970, foi o primeiro a ressaltar esse ponto de vista e considerou que a evolução do processo de combate às heresias refletiu a transformação da sociedade, até então acusatória, em uma sociedade de perseguição⁶⁶. Nessa mesma linha, Jean Flori mostra que esse processo não cessou de evoluir, e demonstra que a assimilação da invocação aos demônios às heresias fez parte do desenvolvimento de um processo judiciário baseado no “fato herético” e no significado do pacto com o diabo⁶⁷. Imitação ou subversão da ordem divina?

Outros trabalhos recentes, como o da historiadora Monique Zerner, procuram mostrar que a heresia estava “inserida entre a prática social e o discurso político da Igreja”⁶⁸. Seria uma possível invenção discursiva das autoridades eclesiásticas, como instrumento de combate à contestação de sua autoridade, reforçando a ideia de elaboração de um processo jurídico. O que estava em questão era o poder de julgar. Com esse poder, o papado garantia sua posição e influência sobre a sociedade.

Na Europa do século XVI, havia uma intensa atividade intelectual cujos principais polos de erudição estavam em Paris, como o *Collège de Clermont* e a adabia de *Saint-Germain de Prés*, o convento dos padres pregadores e a biblioteca do rei, que atraí-

Antonin extrai a lista de erros dos “*albanenses, bagnolenses et concorenenses*” e o capítulo “*Erreurs des manichéens des temps modernes*” de Bernard Gui (p. 31).

⁶⁵ DUBY, Georges, “Conclusão”, in LE GOFF, Jacques (org.), *Hérésies et sociétés dans l’Europe pré-industrielle. XI-XVIII siècles*. Paris-La Haye: Mouton, 1968

⁶⁶ MOORE, Robert, *The Formation of a Persecution Society: Authority and Deviance in Western Europe 950-1250*. Malden, MA: Blackwell, 2007.

⁶⁷ BOUREAU, Alain, *Satan Herétique: naissance de la démonologie dans l’Occident médiéval, 1280-1330*. Paris: O. Jacob, 2004, p. 27.

⁶⁸ ZERNER, Monique, *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

am leigos e religiosos. Considerado pelos historiadores o século da teologia erudita⁶⁹, pode ser apontado como um importante momento para a historiografia do catarismo. Autores como Jacques Sirmond, Pe. Peteau e Mabillon, assim como M. Saumaise, bibliotecário do Vaticano, e o holandês Isaac Vossius circulavam por esse ambiente erudito. Intelectuais de vários lugares buscavam nos centros de erudição parisienses as mais recentes críticas e interpretações dos textos bíblicos, interessados no processo de racionalização filosófica, que havia tomado impulso com a controvérsia entre católicos e protestantes, ao passo que a história emprestava seu método⁷⁰. Dos debates por eles conduzidos, surgiram obras sobre a história eclesiástica, assim como estudos orientados para a defesa da teologia escolástica e da racionalização filosófica.⁷¹

No contexto de conflito entre a Igreja e as igrejas reformadas, os cátaros serviram de instrumento de acusação e defesa para ambos os lados. Em meados do século, o calvinismo encontra espaço para sua expansão na França, principalmente no Midi, levando consigo a ideia de comunhão espiritual e de ruptura com a igreja material. Desse momento de conflito entre religiões, emergiu a polêmica entre os historiadores, dando origem às duas correntes historiográficas que marcaram a história do catarismo até nossos dias: a católica e a protestante⁷².

Os católicos, como Jacques Sirmond e Pe. Peteau, ambos do Collège de Clermont, insistiram em reproduzir o modelo até então hegemônico, construído pelos polemistas desde o século XII, e associavam os protestantes aos cátaros de forma direta, estendendo a eles a acusação de heresia. Além disso, os protestantes reconheciam neles a sua própria atitude contra a Igreja Católica e tentavam inseri-los na ideia de Igreja invisível, de comunhão espiritual pregada por Lutero.

O dominicano Bernardo de Luxemburgo, teólogo e inquisidor em Colônia e Mainz, escreveu, em 1522, um *Catalogus haereticorum*, em seis volumes, cujos verbetes foram classificados em ordem alfabética, dos quais um foi dedicado a Lutero. Tam-

⁶⁹ DARRICAU, R., “De histoire théologique a la grande érudition. Bossuet (XVI-XVIII siècle)” dans *Cahiers Du Fanjeux*, n, 14, op. cit, pp. 85-117.

⁷⁰ Principais centros de erudição parisienses: Collège de Clermont (jesuíta); oradores de Saint-Magloire e do Louvre, Saint Germain-de-Prés (beneditinos), a Biblioteca do Rei – Dupuy.

⁷¹ Pe. Dènis Peteau, jesuíta, escreveu entre muitos outros trabalhos a *Dogmata theologica*, publicada em 1643-50 em 3 volumes. Esse trabalho revela-se importante por tratar-se da primeira tentativa sistemática de escrever a história da doutrina cristã. DARRICAU, Raymond “De l’histoire théologique a la grande érudition: Bossuet (XVI-XVIII siècle) in *Cahiers du Fanjeux*, n 14, p. 85-117.

⁷² Surgidas do confronto teológico entre católicos, com sua exegese patrística medievais, e protestantes, interessados em perseguir sua própria linha de desenvolvimento teológico, diferente daquela elaborada pela tradição católica.

bém podemos citar o bispo Jean de Tillet (bispo de St. Briec e Meaux), que publica, em Paris, no ano de 1566, sua *Réponse d'un évêque aux ministres des Églises nouvelles*, baseada na obra de Pedro de Vaux-de-Cernay.

*Flavius Illyricus*⁷³, considerado o primeiro erudito protestante, também baseou sua obra na *Historia Albigense* de Pierre de Vaux de Cernay, que descrevia o confronto entre a Igreja e os cátaros no Languedoc. Em sua análise, o autor reconhece que os principais questionamentos cátaros se aproximam dos protestantes contra a chamada 'Igreja papista', porém não diferenciava cátaros e valdenses e não reconhecia uma filiação direta com eles. Outro clássico da história protestante, Sleidan⁷⁴, fez uma ligação direta entre os valdenses e a causa reformista, sem conseguir resolver a confusão entre cátaros e valdenses criada por *Illyricus*. Os debates foram se aprofundando e giravam em torno de questões como a materialidade da Igreja, a separação entre o religioso e laico, e a continuidade ou a ruptura da Palavra.

Os séculos XVII e XVIII emolduraram grandes transformações na maneira de pensar o mundo. Na academia, o surgimento da filosofia da história e o ambiente iluminista favoreceram o anticlericalismo e a valorização das liberdades pessoais. Segundo Hegel, a reforma protestante fazia parte do processo de modernização da sociedade ocidental. Dizia ele que a mundanização positiva reformista estava em oposição à conotação negativa da escolástica. Os estudiosos laicos defendiam a Reforma como o caminho para a libertação da opressão católica, mas encontravam resistência daqueles dentre eles que achavam o movimento reformista um 'erro', um fator de desestabilização dos tradicionais princípios de autoridade, ordem social e disciplina que caracterizavam a cristandade ocidental.

Em 1688, J. B. Bossuet escreve a *Histoire des variations des Eglises Protestantes*. Foi o primeiro autor a distinguir dois movimentos heréticos medievais: os Valdenses e os Cátaros (Albigenses). Baseia sua análise na *Historia manicheorum*, escrita

⁷³ ILLYRICUS, Flavius, *Catalogus testium veritatis*, 1ª publicação em 1556, e reeditado em 1562. Título completo: Catálogo dos testemunhos da verdade de nosso tempo que se opuseram aos pontífices a aos erros do papismo (traduzido por Guy Bordouelle, in *Cahiers du Fanjeaux*, n.14, p.53. Em seu trabalho, usou como fontes a História Albigense de P. de Vaux de Cernay e De sectis hereticorum escrito por Balduino Cantuarensis, no qual descreve o confronto entre a Igreja e os cátaros no Languedoc. Sob influência do próprio Calvino, Illyricus afirma que os albigenses as mesmas verdades caras à Reforma, e que a Igreja Católica foi feita por homens. Livro histórico sobre os albigenses que provocou mudança de direção na historiografia. Segundo G. Bedouelle, Flavius Illyricus elaborou os fundamentos usados pelos historiadores protestantes que o sucederam para falar da "aventura albigense", ele marca o momento em que a historiografia protestante se junta a uma filiação histórica. In *Cahiers Du Fanjeaux*, 14, Op. cit., p. 53.

⁷⁴ Johan Sleidan : *Johannes Sleidanus*, (1506-1556) autor de *De quator summis* em 1545 e difusor da visão protestante da história.

por Pedro de Sicília, e reafirma a origem oriental das doutrinas heréticas. Católico fervoroso, defensor declarado do absolutismo e da origem divina do poder real, Bossuet jogava com todo seu conservadorismo para criar seus argumentos⁷⁵. Enfatizava o caráter variável das heresias, sempre expostas à sociedade como ‘novidade’, mas que, desde a origem do cristianismo, tinham as mesmas características destrutivas. Ao fazer uma descrição geral da religião protestante, afirma que essa descoberta seria útil ao conhecimento da verdadeira doutrina e à reconciliação dos espíritos⁷⁶. Foi muito criticado por historiadores contemporâneos e dos séculos seguintes.

Louis Ellies Dupin foi um de seus maiores adversários. Responsável pela *Nouvelle Bibliothèque des Auteurs Ecclesiastiques*, era historiador das religiões e foi o precursor no estudo da história do dogma. Em 1696, escreveu *Histoire des Controverses et des Matières Ecclesiastiques traitées dans le deuxième siècle*, obra em que o autor, ainda influenciado pelo pensamento escolástico, estava intelectualmente atraído pela modernidade de pensamento. A reação de Bossuet foi recorrer às autoridades civis para punir a arrogância de seu opositor, pois não tolerava a sua audácia e acreditava que por isso, tinha o dever de fazê-lo perder sua liberdade. Apesar do reconhecido comprometimento com a verdade, isto é, o compromisso de escrever os eventos históricos assim como aconteceram, não podemos negar o envolvimento emocional e religioso de seus agentes, no momento em que a sociedade da Europa Ocidental passava por um novo processo de profundas transformações socioculturais e políticas.

Bossuet estava plenamente inserido em seu momento histórico, e sua vida foi dedicada ao estudo e ao combate aos protestantes. Estava diante de um legado historiográfico confuso que tendia a apontar uma filiação direta entre os cátaros e os reformados, sem que houvesse uma distinção clara entre valdenses e cátaros. Preocupado em trabalhar com as fontes⁷⁷, foi o primeiro a realizar uma análise crítica sistemática dos textos disponíveis e a explicar a diferença entre valdenses e albigenses. Para ele, os valdenses não

⁷⁵ Jacobo Bégino Bossuet foi clérigo, predicador e intelectual francês, defensor da origem divina do poder real. Defendeu a tese da superioridade do poder real sobre a Igreja Católica na Assembléia do Clero Francês. Doutor em teologia, foi também bispo e preceptor do Delfim. Dedicou sua vida à defesa da fé cristã e da monarquia absolutista. DARRICAU, Raymond “De l’histoire théologique à la grande érudition: Bossuet (XVI-XVIII siècle)” in *Cahiers du Fanjeaux*, n 14, p. 85-117.

⁷⁶ BOSSUET, Jacques Bégino. “Introdução” in *Histoire des variations des Eglises Prétestantes*. Paris, Chez la Veuve de S. Labre-Cramois, 1688. Disponível em www.gallica.bnf.fr, consultado em 17/07/2014.

⁷⁷ Segundo Darricau, Bossuet tomou como fontes as obras de Alain de Lille, Pedro de Vaux-de-Cernay, Pedro Pilichdorf, Bernerdo de Fontcaude, Conrad d’Ursperg, Guy de Perpignan, André de Duchesne, Raynier Sacconi, Nicolas Eymeric. Ver página 107 no artigo: DARRICAU, R., “De l’histoire théologique à la grande érudition: Bosuet (XVI-XVIII siècle)” dans *Historiographie du Catharisme*, CF, n° 14, pp. 85-117.

eram maniqueístas, mas os precursores dos protestantes, enquanto os albigenses estavam diretamente filiados aos maniqueus vindos da Bulgária. Ele acreditava, então, que não havia relação entre eles e o movimento reformista. Seu trabalho é considerado pela historiografia como fundante de um intenso interesse e debate sobre o tema das heresias medievais desde o século XVI. Sua maior contribuição foi deixar os instrumentos necessários para o afastamento conduzido por seus sucessores da confusão criada no XVI. Seu trabalho pode ser considerado como ponto de chegada do esforço secular para esclarecer o conhecimento desta questão complexa, mas também significou um ponto de partida, como instrumento de novas investigações, de onde partiram críticas e conclusões importantes para o conhecimento do objeto em questão.

Segue-se, então, entre os historiadores protestantes, um período de aproximação positiva entre valdenses e reformados. Desprovida de críticas profundas, essas obras, como a apologia às igrejas valdenses e albigenses escrita por Pierre Albin⁷⁸, refletiam uma reação às acusações católicas, mas sem deixar clara uma filiação direta entre reformados e valenses. Outros historiadores protestantes apenas realçaram o anticlericalismo como ponto de aproximação, como Perrin⁷⁹. Contudo, ao longo do século seguinte, os historiadores não conseguiram se afastar totalmente da confusão gerada no XVI entre albigenses e valdenses, mas deixaram os instrumentos para a transformação dos métodos de pesquisa e da maneira de pensar a história dos cátaros.

⁷⁸ Pierre Albin, historiador protestante que se opunha à Bossuet.

⁷⁹ Jen Paul Perrin, pastor do Dauphiné, foi responsável pelo recolhimento de documentos e argumentos historiográficos clássicos protestantes do século XVI. Em seu trabalho, *Histoire des valdois*, publicado em 1617, havia cristalizado a tese de filiação direta entre valdenses e reformados e foi responsável pela confusão entre valdenses e albigenses, afirmando que os albigenses assimilaram os valdenses. Sua contribuição foi afirmar que os valdenses foram falsamente acusados de maniqueísmo, pois apenas defendiam a separação dos poderes temporal e espiritual com a afirmação de que as autoridades da Terra não dependiam da autoridade papal. Para ele, os albigenses foram guardiões da Palavra durante o período que separa a Igreja Primitiva de Lutero. BEDOUELLE, Guy, "Les albigeois, témoins Du veritable évangile: l'historiographie protestante Du XVI et Du début Du XVII siècle". In CG, n 14, p. 45-70.

CAPÍTULO IV – O SÉCULO XIX

Como vimos, foi preocupação setecentista transmitir uma imagem da Idade Média sombria e negativa, cujos costumes e instituições representavam os verdadeiros obstáculos para a construção da nova sociedade que tentava se estabelecer. O principal objetivo era romper com o passado e destruir os vestígios da feudalidade⁸⁰. No início do século XIX, ao contrário, os historiadores estavam lidando com outro momento político e social, que exigia deles uma nova postura frente à civilização medieval. Sem o compromisso de destruir as instituições e os valores feudais, puderam reavaliar a Idade Média sob novos pontos de vista. Na França, acreditava-se que a Revolução de 1789 já havia desempenhado essa função destrutiva, necessária ao rompimento com a tradição feudal, e a luta política, então, precisava direcionar-se para a consolidação das conquistas revolucionárias. Em outras palavras, era preciso encontrar no passado os argumentos necessários para combater as forças que se colocavam no caminho da estabilização da ordem burguesa. Não era o momento de extremismos, a nobreza precisava saber que perdera a sua hegemonia, e os radicais, que o movimento revolucionário já havia alcançado seu objetivo e não havia interesse no estabelecimento da soberania popular. A questão era consolidar a

⁸⁰ DURANTON, H., “Les albigeois dans les histoires générales et les manuels scolaires du XVI-XVIII siècle”. In *Cahiers Du Fanjeaux*, 14, Op. cit., pp. 120-139. Segundo Duranton, havia interesse entre os autores de afirmar a noção de reino como a razão e a fonte da unidade fundamental de representação dos interesses franceses. Mesmo os eventos religiosos, como a Cruzada Albigense, foram inseridos nos manuais escolares da época como grandes feitos de Luis VIII, apesar de irem de encontro aos fatos históricos. Assim, associou-se os laços de feudalidade à ameaça da unidade francesa.

ordem social moderna, estabelecida sobre novos parâmetros, como a valorização das liberdades individuais e o corpo de leis comuns a todos. Era preciso despertar interesses comuns a todos os franceses, criar condições políticas e sociais para a consolidação do novo pacto social e garantir o seu pleno desenvolvimento.

Esse era um momento de buscar o equilíbrio em torno de um objetivo comum, e os historiadores entenderam a necessidade de mudar a maneira de olhar para seu passado, atribuindo-lhe um papel positivo na história da construção da moderna sociedade francesa. O desafio era alargar os braços da nova ordem social burguesa a todas as camadas sociais sob um objetivo comum: a Nação francesa. De modo geral, autores, como Guizot, por exemplo, passaram a buscar as origens nacionais nas instituições feudais.

Da observação das transformações que estavam ocorrendo na produção do conhecimento histórico, podemos apontar que, apesar de possuírem perspectivas totalmente diferentes e antagônicas, tanto os historiadores do século XVIII quanto do XIX estavam preocupados em validar a nova ordem burguesa que emergia da Revolução. Os primeiros por meio do rompimento e seus sucessores através do estabelecimento da continuidade. Assim, ambos pretenderam legitimar as instituições do presente em que viviam e consolidar a formação da nação francesa e de sua identidade nacional.

Voltando nossa observação para a escrita da História Nacional francesa nesse período, vimos que os autores trabalharam envolvidos pela influência dos ideais liberais surgidos dos movimentos revolucionários. De modo geral, a sensibilidade tinha mais importância do que o rigor metodológico no tratamento dos documentos⁸¹, ao mesmo tempo em que a História se tornava uma disciplina acadêmica, ‘científica’, e queria demonstrar sua importância social e política assim como sua metodologia de trabalho⁸². Na mesma medida em que usaram a parcialidade para escolher e coletar a história contida nos documentos medievais, os autores também se preocupavam com a forma de colocar em prática o seu ofício de escrevê-la. Segundo Carbonel, para esses historiadores, “descobrir o passado das nacionalidades era uma tarefa política, assim como era política a de-

⁸¹ CARBONEL, C. O., “D’Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: un demi-siècle d’occultation (1820-1870)” dans *Cahiers de Fanjeaux Historiographie du Catharisme*. Toulouse: Editeur Édouard Privat, 1979, n 14, p. 143-162. Nesse artigo, o autor faz um estudo sobre a forma como os historiadores oitocentistas se relacionavam com os documentos medievais, principalmente poemas e canções, que viabilizaram a aproximação entre a poesia e a escrita da história.

⁸² Na França, no período compreendido entre 1870-1940, a corrente historiográfica dominante foi a “história metódica”, revelada nos manuais escolares e enciclopédias, cujo objetivo era servir aos interesses do regime político e construir a memória nacional de maneira uniforme. DURANTON, Henri, “Les albigeois dans les histoires générales et les manuels scolaires Du XVI au XVIII siècle. In *CF* n 14, p. 119-139.

fesa dos dialetos minoritários”⁸³, além de ser essencial para a definição da história nacional. Apesar de parecer contraditório, esses dois extremos definiram os contornos da historiografia do século: a objetividade científica e a paixão romântica.

Enquanto a academia francesa buscava, tanto em seu passado como em toda a Europa, as raízes de sua história nacional, os autores que se interessaram pelos movimentos ditos heréticos do Midi ocorridos nos séculos XII e XIII buscavam no chamado Languedoc as respostas para o seu próprio presente. A historiografia cátara registrou o reflexo de um movimento político e social localizado, essencialmente liberal, que, em sua forma mais radical, defendia a tese da separação definitiva entre o Midi e os franceses. Essa proposta política parecia surgir do nacionalismo occitânico e de sua cultura, próprios à população descendente daqueles que falavam a língua d’Oc, cujas origens remontavam a esse momento áureo de resistência à dupla opressão, feudal e eclesiástica católica, em prol das liberdades democráticas⁸⁴. Entretanto, tal movimento nacionalista tinha em comum com outros surgidos na Europa nesse mesmo período apenas o processo de construção de uma “ideologia nacional” baseada na recuperação de um passado específico para justificar uma “nacionalidade” própria⁸⁵.

Sob essa perspectiva regionalista, a França foi vista pejorativamente como um simples domínio real, do qual o Midi mantinha certa independência. Os cátaros foram vistos como protagonistas de uma civilização culturalmente superior aos bárbaros franceses, estereotipados pela violência desproporcional da repressão aos seus opositores meridionais. A Cruzada Albigense, que, segundo a tradição católica, havia sido levada a cabo sob o estandarte de questões de natureza religiosas, não havia passado de uma sangrenta

⁸³ CARBONEL, C. O., “D’Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: un demi-siècle d’occultation (1820-1870)”. In *Cahiers de Fanjeaux Historiographie du Catharisme*. Toulouse: Editeur Édouard Privat, 1979, n 14, p. 143-162.

⁸⁴ Nesse momento, o sentimento regionalista occitânico estava associado aos debates sobre o regime – monárquico ou republicano – e confundia-se com os debates sobre a separação entre a Igreja e o Estado e as liberdades fundamentais associadas à democracia. Os historiadores do catarismo tendiam a descrever os cátaros como avatares da democracia e da tolerância, características do homem meridional. Carbonel, op cit.

⁸⁵ Philippe Martel publicou um artigo no qual desenvolveu uma interessante reflexão sobre a (re)construção da história do Midi sob um ponto de vista regional. Nesse artigo, Martel aponta os três principais estereótipos históricos criados nesse período – Civilização esclarecida à frente de seu tempo, população mártir ou culturalmente pitoresco – e questiona suas origens e objetivos dentro do contexto nacional francês. Ver: MARTEL, Philippe. « Les historiens du début du XIX^{ème} siècle et le Moyen Âge occitan : Midi éclairé, Midi martyr ou Midi pittoresque ». In: *Romantisme*, 1982, n°35. pp. 49-72. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1982_num_12_35_4539, consultado em 14/03/2015.

guerra de conquista. Não se tratava, então, de anexação de mais uma província aos domínios reais, mas de um confronto entre civilizações diferentes e antagônicas⁸⁶.

Esses autores basearam-se em fontes tardias⁸⁷, em manuais e compêndios de autoridades escritos por inquisidores do século XIII com objetivo de dar suporte prático à repressão da heresia cátara e à Inquisição. Nesses documentos, os hereges foram descritos como o mal absoluto, uma ameaça real à continuidade da sociedade cristã. Os defensores do nacionalismo occitânico resgataram a história de seus antepassados de sangue destes mesmos documentos, mas com pontos de vista opostos. Descreveram-nos como verdadeiros heróis nacionais vítimas da barbárie francesa e do fanatismo católico, expressão da sobrevivência da cultura romana, que sobrevivera à queda de Roma nos costumes, na literatura escrita em língua do Oc, na sua própria fé e nos valores e tradições locais. Como resultado do contraste entre os objetivos dos autores das fontes e dos historiadores do XIX, sejam eles de qualquer tendência historiográfica ou política, a história do catarismo sempre foi marcada por tendências à polarização entre a tradição católica e protestante, essencialmente anticatólica. A partir do século XIX, podemos identificar mais claramente as subdivisões e ramificações de ambas, mas principalmente a de origem protestante, na medida em que os questionamentos sociais, políticos e religiosos se tornavam mais complexos.

Em oposição à tradição católica de qualificar seus opositores como hereges, emergiram tendências diferentes, que procuravam descrever o combate à heresia cátara e seus protagonistas como um confronto entre a barbárie dos barões do norte e dos católicos fanáticos contra a civilização culturalmente evoluída do Midi. Em comum, essas tendências historiográficas tinham a maneira retrospectiva de reconstruir a história e a identificação do berço das jovens nações europeias na sociedade medieval.

O discurso histórico construído por esses autores, como Augustin Thierry e Mary-Lafon, serviu de argumento na luta pelas liberdades occitânicas contra a tendência restauradora do Antigo Regime nas primeiras décadas e, aos poucos, foi se transfor-

⁸⁶ Precursor da corrente historiográfica mais radical na defesa da história regional e da superioridade do gênio occitânico, Fauriel descreveu a Cruzada Albigense como um “afrontamento de raças antagônicas, antipáticas umas às outras (...) uma luta entre a barbárie e a civilização” *Cahiers Du Fanjeaux*, 14, p. 154, citado por CARBONEL, Ch.-O. in “D’Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: um demi-siècle d’occultation (1820-1870), Op. Cit., pp. 143-162.

⁸⁷ Bernard Guy e Nicolas Eymeric. JIMENEZ SANCHEZ, Pilar, *Les catharismes: médèles dissidents du christianisme médiéval (XIIe – XIII^e siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008, p.73-74.

mando em um mito⁸⁸. Sob esta perspectiva, o confronto medieval entre o Norte, associado à Igreja Católica, e o Midi, esclarecido, deixou de ter caráter estritamente político ou religioso e passou para o campo das ideias, em defesa de uma fé e de uma cultura próprias, consideradas superiores às dos franceses.

Podemos identificar diferentes momentos da produção historiográfica francesa em geral ao longo do século, nos quais predominaram as visões românticas, as regionalistas, as monarquistas, republicanas, entre outras. Por um lado, o conservador, monarquista e predominantemente católico, que valorizava a aliança entre a monarquia e o papado como fator essencial para a manutenção da ordem estabelecida, determinante para a coesão social e chave da unidade nacional. Por outro lado, os revolucionários, românticos e idealistas, em sua maioria protestantes e livres pensadores, que pretendiam mostrar as origens das virtudes burguesas de resistência à opressão e de defesa dos ideais liberais naqueles movimentos acusados de heresia pela Igreja Católica medieval. Em ambas, predominava a visão política dos eventos, deixando o fator religioso em segundo plano. A documentação mais antiga ou de outras origens, como a oriental, por exemplo,

não foi levada em consideração. Parece-nos importante destacar, neste momento, que a corrente historiográfica regionalista, dita occitânica, ocupou sempre um lugar minoritário dentro do universo historiográfico francês, mas exerceu forte influência sobre os rumos futuros da história do catarismo.

A partir do início do século XIX, podemos encontrar diferentes formas de agrupar os autores que escreveram a história dos cátaros e suas obras⁸⁹. Optamos por dar continuidade à divisão entre católicos e protestantes por ter sido essa a forma mais aceita entre os especialistas de todas as épocas, derivada do confronto seissentista entre teólogos e historiadores. Ao mesmo tempo, tentaremos expor as mudanças na maneira de pensar e escrever a história do catarismo cronologicamente, ao longo de todo o século, relacionan-

⁸⁸ Fauriel, Mary-Lafon e Napoléon Peyrat foram os responsáveis pela criação do mito do Graal Provençal e da epopeia cátara. Sob a visão romântica, descreviam a civilização occitânica como refinada culturalmente e politicamente a frente de seu tempo. Nesta mesma linha literária, poética e política. CARBONEL, Ch.-O. in "D'Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: um demi-siècle d'occultation (1820-1870)", pp. 143-162.

⁸⁹ Podemos apontar, como exemplo, a divisão historiográfica feita por Carbonel na década de 1960, como Romântica, Occitânica e Exotérica; a de Biget, que prefere dividir em duas partes: antes e depois de Charles Schmidt; a de Pilar Jimenez, que valoriza sua visão crítica em relação aos seus antecessores, principalmente Bossuet; dentre outros que preferem valorizar a tendência regionalista em oposição à nacional, ou ainda, entre fatores determinantes políticos ou religiosos.

do semelhanças e diferenças mais relevantes entre as obras, seus autores e seus contextos de produção.

1- Historiografia católica e historiografia protestante

O conflito entre católicos e protestantes, gerado pela Reforma do século XVI, repercutiu na historiografia do catarismo. Desde então, o catarismo foi usado como instrumento de acusação pelos católicos contra os protestantes e vice-versa. Ao longo do século XIX, as transformações políticas e sociais na França proporcionaram aos historiadores protestantes, majoritariamente liberais, as condições necessárias para que ocupassem cargos e setores importantes na administração em geral e na academia francesa, deixando os católicos com uma participação minoritária.

Católicos e protestantes escreveram diferentes versões da história dos cátaros, sob a influência da defesa ou acusação do clero medieval como fio condutor das argumentações. A corrente historiográfica protestante, iniciada por Flavius Illiricus, claramente anticlerical, demonstrou grande interesse na história da região meridional francesa, transformando-a em tema central de debates acadêmicos⁹⁰. Se nos perguntarmos por que o Midi, vamos perceber que a própria história dessa região apresentava faces antagônicas que proporcionavam a possibilidade de diferentes combinações, e podia atender às diferentes opções políticas e religiosas dos autores. Isto é, o Midi dos séculos XII e XIII podia ser visto como uma terra devastada pela heresia ou como uma civilização evoluída, com sua própria língua, fé e cultura e história.

A visão histórica de tempo de florescimento cultural havia sido forjada no século anterior. Sob esse ponto de vista, a região meridional foi responsável pela reprodução de uma literatura refinada, herdada da civilização galo-romana, expressa e registrada por escrito em sua própria língua, cujo esplendor e originalidade deveriam ser admirados por todos. A vocação para a erudição dos autores setecentistas levou à recuperação da produção cultural trovadoresca nos *romans*, poesias e canções em língua d'Oc, dando lugar à edição de várias antologias poéticas. Essa forma de observar o passado regional despertou a curiosidade de intelectuais parisienses, assim como linguistas e estadistas em

⁹⁰ Como apontamos anteriormente, Mary-Lafon e Napoléon Peyrat foram os iniciadores da corrente protestante liberal, cuja interpretação histórica do catarismo defendia radicalmente a superioridade e a independência do país d'oc. No ambiente acadêmico, seguiram debates marcados pela defesa e pela crítica acirrada contra eles.

toda a Europa, que se interessavam pelas origens linguísticas como fator determinante na construção das Nações emergentes e na construção de suas Histórias Nacionais. Isso permitiu à literatura trovadoresca alcançar uma divulgação que transcendia seus limites regionais e linguísticos.

O Midi que falava a língua d'Oc não se diferenciava apenas por essa característica cultural, mas também por seu estilo poético e musical de celebrar a alegria e o amor cortês em seus jogos e torneios, revelados pela literatura trovadoresca. Todo o imaginário que permanece até hoje na memória coletiva languedociana baseou-se na visão mais que romântica das valorosas lutas entre cavaleiros, príncipes e reis em defesa de valores sublimes como a honra, a amizade e o amor, caros aos provençais e imortalizados na literatura. Os heróis cortesões estavam sempre envolvidos no confronto entre o Bem e o Mal, mas o sucesso não se baseava nas conquistas materiais, mas sim, no crescimento espiritual dos protagonistas.

Essa forma de ver o Midi medieval levou ao reconhecimento de uma verdadeira civilização íntegra e independente, que não estava restrita aos limites provinciais herdados do Antigo Regime. Foram vistos como (re)produtores de uma cultura de alto nível, herdada dos romanos, que havia se manifestado séculos antes do Renascimento Italiano e servia para explicar e justificar as diferenças culturais entre os franceses do Norte e a população do país do Oc⁹¹.

Esse mesmo Midi dos séculos XII e XIII também podia ser definido como um local de violência, momento em que um sangrento conflito por questões de origem religiosa se desenrolou na região: o confronto entre a heresia e a ortodoxia. Essa forma de olhar para o passado foi herdada dos autores do século XVI, que escreveram a história sob a atmosfera de conflito religioso, revelado pelo confronto entre os católicos e os reformadores. Por essa perspectiva, muito presente na memória dos intelectuais oitocentistas, tanto católicos quanto protestantes ou livre pensadores, o caso albigense serviu como argumento político e religioso nos debates intelectuais contemporâneos regionais, como as liberdades democráticas e liberais e a separação dos franceses, vistos como bárbaros.

Da junção desses dois pontos de vista praticamente opostos, os autores construíram o discurso histórico que “inventou”⁹² o mito da Idade Média Occitânica. Como vimos, desde o início do século, havia, na academia francesa, um vigoroso movi-

⁹¹ Refere-se à população do Midi francês.

⁹² Expressão criada por Philippe Martel no artigo acima referido.

mento de revisão historiográfica, edição de fontes e edições críticas e comentadas por especialistas, que influenciaram as pesquisas de várias gerações de historiadores. Foi uma época de grande produção historiográfica. Vamos acompanhar o desenrolar dos fatos para compreender o pensamento oitocentista em movimento.

Nas duas primeiras décadas do século XIX, os trabalhos de Henri de Rochegude e François Raynoard inspiraram o surgimento da corrente historiográfica romanista⁹³. Em suas pesquisas, resgataram as obras literárias e poéticas dos trovadores meridionais e escreveram a história marcada pela abordagem literária, linguística e política dos fatos. Os autores que seguiram essa perspectiva histórica negligenciaram o fator religioso para criar um mito político e filosófico, marcante em toda a produção historiográfica oitocentista francesa.

Henri de Rochegude (1741-1834) era natural da região de Albi e pesquisador apaixonado pela cultura romana que julgava desaparecida. De origem nobre, ele se apresentava como anticlerical e simpático às ideias de Rousseau e Voltaire. Em 1819, publicou uma antologia da poesia do Languedoc, sob o título *Parnasse occitanien ou choix de poésies originales des Troubadours*. Sua abordagem dos eventos ocorridos no Midi medieval estava voltada para a dimensão política, e descreveu a Cruzada apenas como uma guerra de conquista. Para ele, o aspecto religioso não passava de pretexto para a invasão da região que se mantinha resistente à dominação pontifícia e monárquica.

François de Raynouard (1761-1836) era provençal e também publicou poesias regionais em 1816, sob o título *Choix de poésies originales des Troubadours*, composta por seis volumes. Apesar de não falar de heréticos ou cátaros, sua importância para nosso objeto está na afirmação do mito provençal. O autor defendia a tese de que sua língua materna – a língua d'Oc – fora a verdadeira herdeira do latim, e o francês havia surgido mais tardiamente. A influência de suas proposições ultrapassou os limites meridionais franceses e chegou à academia germânica⁹⁴.

A partir dos anos 1820, as obras deixadas por três autores específicos merecem ser destacadas por sua importância na historiografia em geral e na história do cata-

⁹³ De acordo com os autores romanistas, a população do Languedoc seria herdeira direta da civilização e da cultura romanas: CARBONEL, Ch.-O., “D’Augustin Thierry à Napoléon Peyrat: Um demi siècle d’occultation (1820-1870)”, *Histoire du Catharisme, Cahiers Du Fanjeaux*, n 14, Toulouse: Privat, 1979, p. 150.

⁹⁴ Seu entusiasmo pela cultura provençal, refletida em sua obra *Parnasse occitanien* publicada entre 1816-21, despertou o interesse da Universidade de Bonn, enquanto a épica escrita de Niklaus Leneau (austriaco), dedicada à glória do espírito e da liberdade, marcava a imagem do triunfo provençal contra a dominação feudal.

risimo. Sismondi, Guizot e Thierry foram inspiradores para o fortalecimento da corrente historiográfica voltada para a valorização das virtudes burguesas e da cultura provençal, cujo desenvolvimento deu origem a subdivisões e tendências historiográficas que sobreviveram até meados do século XX.

Em 1823, Simonde de Sismondi (1773-1842) publicou sua *Histoire des français*, obra de caráter geral na qual dedicou um capítulo inteiro ao Midi. Podemos dizer que ele foi o responsável pela criação do mito da Idade Média Occitânica e que, por sua abrangência, a obra proporcionou à história regional uma visibilidade nacional que nenhuma outra pesquisa específica alcançaria. O autor construiu uma civilização sabidamente inferior aos franceses no âmbito militar, mas culturalmente muito superior. Para ele, a população d'Oc sucumbiu à guerra pois seu refinamento cultural os afastava das batalhas militares. Sua descrição dos “provençais” resumia a sua visão histórica:

Les Provençaux, arrivés alors au terme le plus élevé de leur civilisation, regardaient les Français du Nord comme des Barbares... Chez eux, les commerces et les arts avaient fait des progrès rapides. Leurs villes étaient riches et industrieuses, et chaque jour elles obtenaient de leurs seigneurs de nouveaux privilèges*.

Les villes [...] étaient toutes gouvernées selon des formes à peu près républicaines par des consuls nommés par le peuple **. Jamais la poésie n'avait été cultivée avec plus de zèle. Presque tous les troubadours dont les noms sont restés célèbres pendant six siècles et dont les ouvrages ont été récemment rendus à la lumière appartenaient à l'époque où nous sommes parvenus ***.⁹⁵

François Guizot (1787-1874), por sua vez, não abriu muito espaço para o Midi em seu trabalho publicado em 1827, *Léçons de l'Histoire de la civilisation européenne*, apenas refletiu certa influência recebida de Sismondi e desvalorizou o componente religioso do caso albigense. Mas foi à partir de sua iniciativa de releitura e edição de fontes que o interesse pelo Midi medieval se reforçou e alcançou um público maior em toda a França.

Augustin Thierry (1795-1856), por fim, merece maior destaque. Voltou-se para os trabalhos eruditos publicados no século XVIII como fontes, e após uma criteriosa

⁹⁵ SISMONDI, S., *Histoire des Français*, Tome VI. Paris, 1864, PP. (*) 158, (**) 251 e (***) 158, citado por Philippe Martel, p. 52 (ver nota 1).

pesquisa, publicou, em 1827, a sua obra *Letters sur l'histoire de France*⁹⁶, na qual resgatou com força o nacionalismo regional, de caráter essencialmente político. Nesse trabalho, o autor construiu uma narrativa viva, com intenção de escrever a história do povo daquela região, e não das instituições ou personalidades destacadas⁹⁷. Para justificar a democracia municipal que caracterizava as cidades do Midi, ele recuou sua pesquisa até o período merovíngio e comparou a cruzada albigense com as invasões bárbaras do primeiro milênio. Sua descrição do confronto ali ocorrido no século XIII pode ser definida como a narrativa de um enfrentamento entre raças antagônicas⁹⁸ - o norte bárbaro dos Francos e o Midi, refúgio da civilização romana. Também forneceu os argumentos para as diferenças culturais e de origens entre a França do Norte e a região meridional. Essa visão da história deu origem à imagem idílica do Midi duocentista.

As tendências historiográficas, regionais ou não, buscavam no catarismo uma chave para a compreensão da sociedade e dos eventos medievais ali ocorridos, de forma que fosse possível explicar os conflitos e questionamentos presentes. A história dos cátaros, escrita nesse contexto histórico, também pode ser dividida ou classificada de diferentes formas, todas com caráter simplificador e parcial, refletindo esta ou aquela opção política ou religiosa do autor. Contudo, as diferentes abordagens têm em comum o fato de não terem conseguido dar conta da complexidade da realidade medieval, mas serviram para esclarecer os debates intelectuais e políticos que as produziram.

Na década de 1830, Claude Fauriel⁹⁹ (1772-1844) também tomou as fontes literárias para mostrar a cultura provençal. Protestante de espírito democrático, escreveu sob clara influência de seu amigo, Augustin Thierry. Fauriel não deu atenção aos cátaros, mas em sua exaltação retrospectiva à burguesia, defendeu o modelo de sociedade medieval – burguesa descentralizada e cavaleiresca - e pode ser considerado o responsável pela criação do mito do Graal provençal¹⁰⁰.

Em 1836, publicou a *Histoire de la Gaule meridionale sous la domination des conquérants germains* e, em 1837, uma nova edição da *Chanson de la Crusade*. Nelas, o

⁹⁶ THIERRY, Augustin, *Letters sur l'histoire de France*. Paris, 1827.

⁹⁷ Thierry baseou-se em fontes literárias, das quais resgatava a imagem de um povo culturalmente superior, que valorizava a liberdade e a tolerância.

⁹⁸ Teoria etnicista. No século XIX, os historiadores usaram a visão de história de longa duração para encontrar as origens e fundamentos da nação e do nacionalismo por meio da descendência e do compartilhamento cultural.

⁹⁹ Claude Fauriel era historiador, linguista, crítico e professor de história eclesiástica em Sorbonne.

¹⁰⁰ Claude Fauriel traduziu e publicou, a pedido de Guizot, a *Histoire en vers de la Croizade contre les hérétiques Albigeoise* em 1836, e escreveu uma História da poesia provençal, publicada postumamente em 1846.

autor revelou suas tendências políticas, valorizando a democracia municipal e a superioridade cultural que ele identificava nas cidades meridionais. Construiu uma ligação direta entre trovadores e albigenses como argumento e justificativa para condenar a associação da barbárie dos homens vindos do Norte com o fanatismo do clero romano.

A corrente historiográfica que analisa os movimentos heréticos sob o viés anticlerical, que foi muito difundida entre protestantes e livre pensadores desde o século XVI, ao longo do século XIX, subdividiu-se, dando origem a novas correntes e tendências. Contudo, duas obras testemunharam a sobrevivência dessa corrente, a *Histoire de la guerre contre les Albigeoise*, escrita em 1833 por Antoine Quatresoux de Parcetelaine (1786 – 1833) e a *Croizade contre les Albigeoise*, escrita por Amédée Gouët em 1865. O primeiro¹⁰¹ descreveu a Cruzada em tom épico, como um drama no qual o papado e os nobres do norte da França agrediram as populações inocentes do Languedoc e da Provença. O autor transforma Simão de Montefort em herói, descrevendo-o como um crítico da depravação do clero e da onipotência do papado e líder da resistência contra a opressão católica e feudal¹⁰².

Para esse autor, a heresia nasceu da fusão do arianismo, do priscilianismo, do paulicianismo e do maniqueísmo. A união dessas correntes heréticas foi produzida pelo “espírito crítico e racional muito difundido entre os homens sábios e esclarecidos das ricas e populosas cidades da Provença”¹⁰³, os Bons Homens, e representou o “primeiro esforço do homem para livrar-se do jogo absurdo e intolerável do clero medieval”.¹⁰⁴ Em sua argumentação, Parcetelaine reconheceu semelhança entre muitos pontos reivindicados

¹⁰¹ PARCTELEINE, Antoine Quatresoux de. *Histoire de la guerre contre les Albigeoise*. Paris, Laudois et Cie, 1833. Literato francês, serviu na guarda imperial com distinção até 1814, quando se demitiu para dedicar-se aos trabalhos literários de diferentes gêneros, inclusive o teatro. Aos poucos, foi se afastando da tragédia para pesquisar história, com objetivo de elevar a glória da França. Em 1824, volta à carreira militar por motivos financeiros e participa da intendência da casa do rei Carlos X. (Informações contidas em *La France littéraire ou dictionnaire des Savants, historiens et gens de lettres de la France, ainsi que les littérateurs étrangers qui on écrit en français, plus particulièrement pendant les XIII^e et XIX^e siècles*: Pea-Res, Volume 7, P. 388. Disponível em https://books.google.com.br/books?id=niRJAAAacAAJ&pg=PA388&lpg=PA388&dq=antoine+quatresoux+de+parcetelaine+biographie&source=bl&ots=ng_88hMk79&sig=htEED8Wem7js_rD_jeKC2WD9UWw&hl=pt-PT&sa=X&ei=D7ujVZW7I4KYwgT48ICACg&ved=0CC4Q6AEwAw#v=onepage&q=antoine%20quatresoux%20de%20parcetelaine%20biographie&f=false. Consultado em 13/07/2015.

¹⁰² O autor foi o responsável pela transformação de Montségur em uma montanha sagrada.

¹⁰³ CARBONEL, C. O., “D’Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: um demi-siècle d’occultation (1820-1870)” dans *Historiographie du Catharisme*, Cahiers du Fanjeaux, n° 14, Toulouse, Edouard Privat, 1979, p. 147.

¹⁰⁴ Expressão usada pelo ator no prólogo da primeira edição, p. 2.

pelos hereges com aqueles defendidos pelos reformadores do século XVI, reafirmando que o catarismo poderia ter sido um movimento pré-protestante¹⁰⁵.

Amédée Gouët, por sua vez, desenvolveu, em 1865, um trabalho de pesquisa mais documentado e menos apaixonado. Anticatólico declarado baseou-se na *Histoire des Albigeois* de Pierre de Veaux-de-Cernay e radicalizou suas críticas ao papado e à Igreja Católica, atribuindo-lhes a intenção de exterminar os heréticos a qualquer custo. Ignorou o componente religioso dos eventos para descrevê-los como um massacre cruel da população de caráter puramente político¹⁰⁶.

Na década de 1840, uma nova tendência começou a emergir entre os especialistas a partir da radicalização das teses romanistas: a corrente historiográfica liberal protestante, que tomou força com as obras de Mary-Lafon (1810-1884) e Napoléon Peyrat (1809-1881). O primeiro¹⁰⁷ era historiador, linguista, calvinista, patriota occitano e adversário declarado do papado. Suas obras afirmavam o caráter essencialmente político da Cruzada Albigense, também descrita como uma guerra de conquista¹⁰⁸, e os valdenses como prefiguração dos reformadores do XVI.

O jovem historiador protestante publicou em 1839 um romance histórico consagrado ao trovador Bertrand de Born¹⁰⁹, definido na trama como defensor dos valores provençais contra o clero pró-frances. No prefácio, elogia o valor dos trabalhos de Sismondi e Thierry e acrescenta a eles o romantismo que caracteriza a obra de Raynoard. Em 1842, trouxe a público uma obra importante para a história do catarismo, a *Histoire politique, religieuse et littéraire Du Midi de la France*¹¹⁰. Nela, podemos apontar alguns pontos como inovadores, que representaram a sua contribuição para a história dos cátaros. Ele não reconheceu o momento da Cruzada como o fim da civilização languedociana e se propôs a escrever a história do Midi sem rupturas, desde as origens até a Revolução. Lafon colocou em evidência a história sob o ponto de vista da nacionalidade occitânica

¹⁰⁵ Principalmente a questão da contestação da autoridade da Igreja de Roma e do papa.

¹⁰⁶ Gouët era anticatólico radical e dedicou algumas obras para descrever o papado e os dominicanos como bárbaros de abominável violência.

¹⁰⁷ Jean Bernard Mary-Lafon foi autor de *Histoire politique, religieuse et littéraire Du Midi de la France depuis les temps les plus reculés jusqu'à nos jours* (4 volumes publicado em 1841-44).

¹⁰⁸ Mais tarde, em 1868, sob a influência de Charles Schmidt, o autor admite o fator ideológico. Nessa década publicou *Mille ans de guerre entre Roma et les Papes* (1860) e *Pasquin et Marforio: histoire satirique des Papes* (em 1861, sendo reeditado em 1876 sob o título de *Pasquin et Marforio: les bouches de marbre de Rome*).

¹⁰⁹ Bertrand de Born: trovador Frances nascido em 1140 e morto em 1215. Dentre outros 47 trabalhos atribuídos a ele, escreveu *Sirventes* dedicado a Henrique II, Plantageneta. Em 1196, entrou para o mosteiro cisterciense de Saint Trie, onde viveu até sua morte. Carbonel, Ch.-O, op cit.

¹¹⁰ MARI-LAFON, *Histoire politique, religieuse et littéraire Du Midi de la France*. Paris: P. Melier, 1845.

dentro de uma linha de continuidade histórica da antiguidade até seu presente, tornando mais clara a definição geográfica da região que chamou de Midi. Além disso, seu trabalho estava baseado em pesquisas e referenciado à língua e à literatura d'Oc como símbolo na nacionalidade occitânica, inimiga dos bárbaros franceses. No momento em que toda a academia pretendia construir a história nacional da França, ele escreveu a história nacional Occitânica, declaradamente anti francesa, cujo episódio central era a Cruzada Albigense. Sua tese se opôs diretamente aos historiadores da Restauração, que determinavam o desaparecimento do Midi esclarecido no momento da Cruzada, mas não reconheceu nele o caráter republicano.

O segundo, Napoléon Peyrat, pode ser considerado para a história do catarismo o que Michelet representou para a história da França¹¹¹. De inspiração literária, fundou a lenda dos cátaros no Languedoc como ancestrais de sangue da população meridional presente. Sua inspiração lírica foi responsável pela mistificação de Montségur e dos cátaros como defensores das liberdades occitânicas contra o exercício da opressão pelo papa, pela monarquia e pelos barões do Norte, herdeiros da barbárie franca. Sob a inspiração poética, definiu o espaço geográfico do catarismo de forma que Montségur estivesse no centro da sua narrativa épica. Em sua obra, ele identificou três religiões distintas no Midi medieval: o catolicismo teocrático nos conventos; o catarismo cavaleiresco nos castelos; e o leonismo republicano (valdeísmo) nas cidades.

A influência de Lafon e Peyrat pode ser encontrada em outros autores, e não só entre historiadores de origem occitânica ou especialistas em catarismo. Suas ideias fundaram uma nova corrente historiográfica, nomeada pelos historiadores como corrente protestante liberal devido à opção religiosa e o posicionamento político da maioria de seus participantes. Contudo, vemos que estão mais voltadas para as questões políticas e não deixaram contribuições representativas para a história do catarismo¹¹².

Na mesma época em que Lafon publicou seus livros, outro autor, Hurter¹¹³, lançou o alicerce de um ponto de vista oposto, negativo e moralista do Midi. Sob

¹¹¹ Afirmação feita por CARBONEL, Charles-Olivier, "D'Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: un demi-siècle d'occultation (1820-1870)", in *Cahiers du Fanjeaux*, n. 14, Fanjeaux: Privat Editeur, 1979, p. 144.

¹¹² Charles de Portal, *Descendants des Albigeois et des Huguenotes, ou Mémoires de la famille de Portal*. Paris, 1860. Ou a edição publicada por BOUPARD, *Histoire des Anonymes de la Croisade contre les Albigeois*, par un Indigène. Toulouse, 1963.

¹¹³ Frederick von Hurter era suíço e protestante, mas se converteu ao catolicismo e chegou a ser indicado pelo papa ao comando da Ordem de São Gregório. Foi conselheiro e historiador da corte de Viena e membro das academias de Roma, Munique, Bruxelas e Assis. Escreveu várias obras, dentre elas *Leben Innocenz III* em 1834. Frederick von Hurter escreveu a história de Inocêncio III com objetivo de desfazer a imagem denegrida do papa, descrito por seus contemporâneos como responsável pela Cruzada Albigense. Disponí-

orientação católica, em sua *Histoire d'Innocent III et son siècle*, o autor pretendia defender a memória do papa Inocêncio III com seu trabalho e desfazer a imagem do pontífice construída pelos nacionalistas occitânicos como um tirano e líder do massacre albigense.

Hurter chamou a atenção para o perigo cátaro, reforçando a visão católica tradicional, mas usou a depreciação da sociedade como argumento e justificativa. Para ele, o Midi poderia ter sido sim, brilhante culturalmente, mas era moralmente degenerado. Além disso, a poesia simbolizava a decadência dessa sociedade.

Ao lado desses autores, Nikolaus Leneau (1802-1850), poeta austríaco que se dedicava à luta contra o uso político e intelectual do cristianismo para fins de opressão, escreveu *Die Albigenser* em 1842, um épico à glória do espírito e da liberdade. Sua apologia ao triunfo provençal sobre a dominação feudal deixava transparecer a influência da visão poética sobre a história do catarismo, ultrapassando os limites da região occitânica. Sua publicação pode ser considerada um testemunho da circulação do mito cátaro pela Europa central na época romântica.

Única exceção a tal atitude comum de ocultação anticlerical, poética e nacionalista entre os pesquisadores do catarismo, Charles Schmidt (1812-1895) questionou as interpretações dominantes na história de catarismo e deu início a mais uma corrente historiográfica, presente ainda hoje na historiografia. Burguês luterano, defensor da Revolução de 1830 e contrário aos projetos retrógrados da restauração, concentrou seu interesse sobre todos os movimentos que se opuseram à autoridade romana e ao papado como fio condutor de seu trabalho. Por considerar seus antecessores confusos e contraditórios, Schmidt tomou a religião como objeto de estudo, e não como perspectiva histórica, e deu grande importância à oposição contra a hierarquia católica. Dessa forma, trouxe a história dos cátaros mais para o campo institucional do que dogmático. Voltou-se para toda a erudição produzida nos séculos XVII e XVIII sob rigorosa metodologia, acreditando que a história estava contida na relação entre os fatos contidos nos documentos, e não nos relatos em si mesmos. Em seu trabalho, prevaleceu a ideia de unidade do catarismo como uma religião completa, organizada hierarquicamente, embora reconhecesse divergências em seu interior. Schmidt dividiu a história cátara em três fases: o início, cuja insuficiência de documentos torna sua memória fragmentada e imprecisa; a segunda fase, que começaria com Inocêncio III e as Igrejas Cátaras (XII-XIV); e, por fim, a decadência e o desaparecimento.

recimento no século XV. A extensão geográfica do movimento cátaro foi bastante ampliada pelo autor, embora sua atenção estivesse voltada para o Midi.

Parece haver um consenso entre os historiadores quanto à importância do trabalho de Charles Schmidt para a história do catarismo. Yves Dossat o considera um “iniciador”, que, em seu trabalho, não se deixou levar pela fuga da retórica comum entre seus contemporâneos, mas baseou-se em pesquisas, nas quais valorizou toda a erudição disponível sob-rígida metodologia. O resultado foi uma obra de primeira ordem até hoje¹¹⁴. Em obra recente, dentro de um breve panorama da historiografia do catarismo no século XIX, Biget considerou seu trabalho como um divisor de águas na historiografia do catarismo¹¹⁵. Pilar Jimenez chamou a atenção para a crítica feita por ele ao trabalho de Bosuet e a sua participação na cristalização da denominação “cátaros” para os hereges do Midi nos séculos XII e XIII. De uma maneira geral, a historiografia considera seu trabalho à frente de seu tempo e de extrema importância para transição da forma poética e romântica de escrever a história para aquela escrita por profissionais formados para essa tarefa, com metodologia e rigor de pesquisa, que se pretendiam científicos.

Em sua análise do catarismo sob o ponto de vista dogmático, Schmidt defendeu a tese de que o dualismo absoluto estava presente desde o início do movimento no Ocidente, e que evoluiu com o passar do tempo para o mitigado. Quanto à questão das origens, tratou da questão bogomila à parte. Preocupado em resolver as contradições acerca da origem dos cátaros, inverteu a linha de filiação e apontou o surgimento do movimento no ocidente em um período anterior ao surgimento dos bogomilos, ambos provenientes dos ensinamentos de Mani. Sua contribuição marcante foi a profunda distinção feita por ele entre a doutrina dualista e o cristianismo, a partir do estudo minucioso dos sacramentos. Para ele, os cátaros não eram hereges, mas haviam desvirtuado o cristianismo e a verdade filosófica para construir uma religião diferente, reafirmando o parentesco com o maniqueísmo. Nas duas décadas que se seguiram, as teses de Charles Schmidt não alcançaram a repercussão merecida entre seus pares. Seu rigoroso método de pesquisa e análise ainda não havia conquistado a academia francesa, contudo, já havia entre os chamados historiadores universitários uma demanda por mudanças. Seu mérito inovador seria reconhecido só no final do século.

¹¹⁴ DOSSAT, Yves, “Un initiateur: Charles Schmidt”. Dans *Cahiers du Fanjeaux* n° 14, pp. 163-183.

¹¹⁵ BIGET, J. -L, *Hérésie et Inquisition dans le Midi de la France*. Col. Les Médiévalistes français, 8. Paris: Picard, 2007.

A segunda metade da década de 1860 na França foi marcada pelo impacto da crise política em torno da disputa da região da Alsácia-Lorena com a Prússia, cuja derrota de Napoleão foi determinante para a falência do sistema monárquico francês. A intelectualidade francesa deixava para trás sua tradição clerical, nobre e católica para ser representada por liberais, protestantes em sua maioria, defensora dos ideais revolucionários desde 1830. Além das questões religiosas e políticas internas e externas, havia um clima de competição acadêmica entre franceses e alemães, que se acirrou com a publicação de uma pesquisa sobre a qualidade do ensino superior na França em relação a outras Nações¹¹⁶. Como resposta às críticas recebidas e às necessidades evidenciadas pela conclusão da pesquisa, foi criada a *École Pratique des Hautes Etudes* (EPHE), em 1868¹¹⁷, com objetivo de formar profissionais para a prática do ensino, do desenvolvimento científico e da pesquisa histórica e filosófica. A *École des Chartres*, criada em 1821, também passou por mudanças e, a partir de 1872, sob a condução de Paul Meyer¹¹⁸, e cooperação de Louis de Mas Latrie¹¹⁹ e A. Giry¹²⁰ dedicou-se à formação de arquivistas paleógrafos e à edição crítica de documentos. O objetivo atribuído a esses centros de excelência acadêmica era criar meios e oferecer fontes de qualidade para o ensino, a pesquisa e a explicação dos fatos passados.

Nas últimas três décadas, os liberais tornaram-se maioria nos altos cargos da administração pública e preocuparam-se em evidenciar a falência dos valores tradicionais ligados à monarquia e à Igreja Católica. Revistas históricas foram criadas por intelectuais protestantes e católicos e serviram de veículo para a divulgação, o debate e a consagração de trabalhos inovadores¹²¹. Uma verdadeira renovação intelectual e moral estava em cur-

¹¹⁶ Pesquisa encomendada pelo Ministro da Instrução Pública de Napoleão III, Victor Duruy. No resultado da pesquisa, foram apontadas deficiências graves nas instituições francesas de meios de pesquisa, formação de profissionais, métodos e técnicas de ensino e pesquisa além de bibliotecas defasadas. <http://www.ephe.fr/>.

¹¹⁷ DURUY, Victor (1811-1896), ministro da Instrução Pública no Império de Napoleão III, criou a EPHE por decreto em 31 de julho de 1868, com objetivo de ministrar ensinamentos teóricos voltados ao ensino e à prática da pesquisa histórica e filosófica. Disponível em <http://www.ephe.fr/>, consultado em 23/05/2015.

¹¹⁸ MEYER, Paul (1840-1917) foi um filólogo francês que ocupou a direção da *École de Chartres* de 1882 até 1916. Foi um dos fundadores da *Revue Critique* em 1865 e de *Romania* em 1872. Especializado em cultural provençal, tornou-se autoridade em literatura francesa, membro do *Institute de France* e associado da *British Academy*.

¹¹⁹ MAS LATRIE, Louis de (1815-1897) foi professor de diplomática na *École de Chartres* de 1848 a 1885, eleito para a *Académie des Inscriptions et Belles Lettres* em 1885 e membro do comitê de estudos históricos e científicos da *Société de l'Histoire de France*.

¹²⁰ Arthur Giry (1848-1899): historiador francês, medievalista e especializado em diplomática foi professor da *École des Hautes Études* nomeado em 1874 e, mais tarde, tornou-se diretor de estudos na mesma instituição. Foi secretário e professor da *École de Chartres* a partir de 1878 e foi eleito para a *Académie des Inscriptions et Belles-Lettres* em 1896.

¹²¹ Ver quadro comparativo entre publicações católicas e protestantes no Anexo I.

so na França e a palavra de ordem desse momento era a unidade nacional, em detrimento de especificidades ou memórias regionais. Os profissionais protestantes e liberais dominavam a produção do conhecimento acadêmico na Sorbonne, e a Sorbonne dominava a historiografia francesa¹²². Havia um clima de guerra entre religiões no ar, apontando os pressupostos que influenciavam a forma de interrogar o passado para justificar os questionamentos presentes, como a questão do monopólio universitário, a separação entre o estado e a Igreja, o ensino livre e a legalização das congregações. O impacto de todas essas mudanças sobre a história do catarismo foi direto.

Em 1874, Albert Réville¹²³ (1826-1906) publicou na *Revue des Deux Mondes*, de orientação protestante, o artigo *Les Albigeois: Origines, développement et disparition dans la France méridionale*, no qual retoma as teses de Charles Schmidt, até então pouco conhecidas na academia francesa, para criticar fortemente o trabalho de Napoléon Peyrat. Foi a partir dessa publicação que as teses de Schmidt alcançaram seu lugar na historiografia. Dois anos depois, Gabriel Monod¹²⁴ (1844-1912) publicou na *Revue Historique* um artigo no qual exorta os historiadores a deixar de estudar os albigenses e a Cruzada para estudar os cátaros e sua doutrina¹²⁵. A historiografia francesa estava passando por um momento de rompimento com o romantismo, com o occitanismo e com a ocultação da dimensão religiosa, permitindo à pesquisa histórica maior abrangência e critérios de objetividade. Nesse momento, a história do catarismo entrava em uma nova fase de valorização das questões religiosas como objeto de estudo, a partir da retomada do trabalho do teólogo de Estrasburgo.

A luta anticlerical estava aberta e, segundo Carbonel, o catarismo deixa de ser a primeira das heresias modernas para ser a última das antigas¹²⁶. A comparação entre os verbetes correspondentes ao tema no *Grand Dictionnaire Universelle*, tomo I, publicado por Pierre Larrousse (1817-1875) em 1865, e a *Grand Encyclopédie*, publicada sob a coordenação de André Berthelot (1862-1938) em 1889 pode ser esclarecedora desse proces-

¹²² Expressão criada por CARBONEL, Les historiens protestants libéraux. Dans *Cahiers Du Fanjeaux*, 14, p. 187.

¹²³ Albert Réville foi teólogo protestante e extremamente liberal. Foi o primeiro presidente da 5ª seção para Ciências da Religião da EPHE em Paris.

¹²⁴ Gabriel Monod formou-se na École Normale Supérieure e estudou História Medieval nas Universidades de Göttingen e Humboldt, na Alemanha. De lá trouxe a nova metodologia alemã para seu magistério exercido na EPHE desde sua inauguração. Para ele, era mais importante ensinar aos alunos como estudar os fatos, de forma crítica e em busca da verdade. <http://www.ephe.fr/>.

¹²⁵ MONOD, Gabriel in *Revue Historique*, XVIII, p.486. Citado por CARBONEL, Les historiens protestants libéraux. Dans *Cahiers Du Fanjeaux*, 14, p. 203.

¹²⁶ CARBONEL, idem, p. 197.

so de transformação historiográfica. No primeiro caso, o artigo sobre os ‘cátaros’ veio acompanhado de um breve e superficial texto, no qual o autor definiu o catarismo como uma moral, e no caso dos ‘albigenses’, o autor se estendeu um pouco mais, mas se manteve dentro de uma postura claramente anticlerical direcionada aos principais julgamentos.

No segundo exemplo, a referência à *Albigeoise* foi muito breve, apenas reenviando o leitor para o verbete ‘Cátaros’. Para esse verbete, o autor havia tomado o ponto de vista político tradicional como chave interpretativa dos eventos, e dividiu o artigo em partes dedicadas ao estudo do dogma, da disciplina, do culto e da hierarquia, usando Charles Schmidt como referência.

Em 1890, August Molinier (1851-1904), um dos mais ativos colaboradores da *Revue Historique*, publicou um artigo sobre os cátaros no qual afirma que são calvinistas antecipados. Seu trabalho rompeu com as teses de Schmidt e propôs a retomada da filiação entre cátaros e protestantes¹²⁷. Contudo, os estudos cátaros estavam passando por um período de desinteresse acadêmico e haviam deixado seu lugar de destaque na produção do conhecimento acadêmico.

Na virada do século XIX para o XX, a história positiva estava entrando em crise. Como sintoma desse momento de reavaliação histórica, podemos indicar a criação da *Revue de Synthèse* por Henri Berr (1863-1954) para denunciar as consequências limitadoras do conhecimento produzido por meio de monografias. Os trabalhos publicados nesse periódico estavam voltados à crítica contra o Estado e à Igreja Católica, uma nova tendência da historiografia, e os cátaros começaram a ser retomados como exemplos de luta pelos direitos do homem.

O jornalista e historiador anticatólico norte-americano, Henri Charles Léa (1825-1909), apontou a viabilidade do uso da história do catarismo e da Inquisição como arma contra o obscurantismo e para a demonstração da perversidade católica. Originalmente publicado em 1897, seu trabalho foi traduzido para o francês em 1900 por Salomon Reinarch com o título *L'Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*¹²⁸, no qual apontava a malignidade da Igreja Católica, única responsável pelo surgimento e pelo extermínio das heresias, valorizando a dimensão religiosa dos eventos. Léa concorda com Albert Ré-

¹²⁷ Artigo publicado na Bibliothèque d'École de Chartres, sob o título *Catalogue des actes de Raimond VI et de Raimond VII*, em 1856.

¹²⁸ LEA, Henri-Charles, *L'Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*. Traduction Salomon Reinarch. Paris: Picard, 1900. <https://archive.org/stream/histoiredelinqui01leah#page/n5/mode/2up>. Consultado em 20/08/2015.

ville quanto à origem do mal católico estar no sacerdotismo, mas discorda dele quando afirma que os cátaros foram tão antissacerdotais como todas as outras heresias do século XII. Para compreender o que pregavam os cátaros, era necessário estudar “os vícios de uma Igreja viciada” e não as possíveis influências externas. Para ele, o catarismo foi usado como um protesto contra o clero e não como protestantismo antecipado, e descreveu o movimento cátaro como uma espécie de sombra em que foram reunidos os movimentos anticlericais da Baixa Idade Média.

Paralelamente, na França, o mesmo August Molinier que havia publicado artigo rompendo com as teses de Schmidt, então consideradas como a última palavra sobre o catarismo, publicou, em 1907, um artigo na *Revue Historique*, sob o título *L'Église et la Société cathare*¹²⁹, no qual criticou as posições contraditórias dos liberais e protestantes do século XIX. Ele conseguiu promover uma conciliação entre as teses de Schmidt e de Peyrat, dentro de uma narrativa que estava mais para uma crítica ao catolicismo do que um estudo sobre os cátaros. Segundo o autor, o movimento foi consequência do esforço para a eliminação do mal católico e o modelo cátaro foi visto por ele como exemplo de insurreição prática e discursiva contra a Igreja, o primeiro ensaio de libertação do pensamento humano. Outra contribuição nesse sentido foi feita por Paul Alphandéry, preocupado com o estudo da religiosidade popular, apontou, em 1903, a dificuldade de comprovação, sob o ponto de vista histórico, da continuidade do maniqueísmo antigo na sociedade cristã medieval.

Os católicos, embora estivessem perdendo seu espaço de influência acadêmica, não estavam parados. Em 1866, Tamizey de Larroque¹³⁰ (1828-1898) publicou um estudo sobre o saque de Béziers em 1209, marco inicial da Cruzada Albigense, no qual o antagonismo entre raças foi apontado como causa do conflito, muito mais do que qualquer outra causa política ou religiosa. Em 1870, Léger¹³¹ (1843-1923) escreveu um artigo para a *Revue des Questions Historiques* (RQH)¹³² no qual tentou retomar a pesquisa sobre

¹²⁹ MOLINIER, A. “L'Église et la Société cathares” dans *Revue Historique*, XCIV, p. 225-245.

¹³⁰ LARROQUE, Philippe Tamizey de, *Mémoire sur le sac de Béziers dans la guerre des Albigeois, et sur le mot: Tuez le tous! Atribué au légat Du pape Innocent III.* Paris: Durand, 1862. Extrait des *Annales de Philosophie Chrétienne*, t. VI. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1864_num_25_1_445965.

¹³¹ LÉGER, Louis, L'hérésie des bogomiles em Bosnie et em Bulgarie au moyen age. Dans *Revue Questions Historiques*, vol 8, 1870, PP. 479-517. Disponível em http://opac.regesta-impe-rii.de/lang_en/anzeige.php?aufsatz=L%27h%C3%A9r%C3%A9sie+des+Bogomiles+en+Bosnie+et+en+Bulgarie+au+moyen+%C3%A2ge&pk=1062535.

¹³² Doravante chamada apenas RQH.

a relação entre cátaros e bogomilos, contudo, esse esforço só obteve sucesso os trabalhos de Puech (1902-1986) e Vaillant (1890-1977)¹³³ anos mais tarde.

A composição da RQH demonstra o impacto da lei sobre o ensino superior entre os profissionais. Na primeira década de sua fundação, a minoria dos colaboradores era oriunda do clero. Dez anos depois, a situação havia sido invertida. No entanto, também havia laicos católicos, formados na *École des Chartres* sob nova metodologia de ensino e pesquisa, que estavam engajados na luta antirrevolucionária, legitimista e ultramontana, ao mesmo tempo em que pró-franceses. Léon de Gautier (1832-1897)¹³⁴, Henri de Buchère (1831-1890)¹³⁵ e Marius Sepet (1845-1925)¹³⁶ são exemplos de historiadores que dedicaram seus trabalhos à denúncia de erros, falsificações e mentiras que encobriam o terreno da história. Em 1875, Antonin de Velay¹³⁷ se dedicou a uma coleção de brochuras com objetivo de ilustrar a História da França, de forma que ficasse evidenciada que a unidade nacional sempre havia sido garantida pela unidade religiosa e que por ela a intervenção no Midi pelos barões vindos do norte estava justificada. Seu ponto de vista retoma a imagem da região de Albi como fonte do mal herético.

No final da década, em torno de 1878, Josephine Protche de Viville (1820)¹³⁸, sob o pseudônimo de Mathieu Witche, combateu o materialismo moderno acusando os comunas de Paris de últimos albigenses e associando-os aos comunistas. Criou uma linha de filiação bem definida, dos maniqueus aos albigenses, desses para os templários que, por sua vez, deram origem às ordens maçônicas, defendendo a guerra em defesa da ordem. Nesse trabalho, podemos apontar a influência das ideias socialistas que emergiam na Europa.

¹³³ PUECH, Henri Charles et VAILLAN, André. *Le traité contre les Bogomiles de Cosmas le Prête. Traduction e texte*. Paris, 1945, In 8º, 348 pp. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rebyz_0766-5598_1952_num_10_1_1066_t1_0288_0000_2.

¹³⁴ GAUTIER, Léon, *Les épopées françaises, études sur les origines et l'histoire de la littérature nationale*. Paris, Palmé, 1867, 2vol. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1868_num_29_1_446144.

¹³⁵ BUCHÈRE, Henri de, Note sur les Études historiques em France au XIX siècle. Dans *Revue Bibliographique Universelle – Polybiblion*, 1890. Disponível em <http://hpvexin.free.fr/content/histoire-et-patrimoine/secteur/chaumont/commune/senots/docs/Senots-Buchere%20de%20Lepinois.pdf>.

¹³⁶ SEPET, Marius, *Drame religieux au Moyen Âge. Colection Science et Religion, etudes pour les temps presents*. Paris 1903. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k679967>. No período entre 1890 e 1904 também publicou uma série de volumes sobre a história da França na RQH.

¹³⁷ VELAY, Antonin de, *La révolution devant l'opinion publique*. Paris: E. Lachaud éditeur, 1872. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54566253>.

¹³⁸ VIVILLE, Josephine Protche, *Les Albigeois devant l'histoire*. Paris: Lib. De la France illustrée, 1878. Citada por AMAGIER et RAMIER DE FORTANIER, vide nota 31. Não foi encontrada a data de seu falecimento. Breve biografia disponível em http://data.bnf.fr/12443239/josephine_protche_de_viville/.

Em 1882, Celestin Douais (1848-1915) entrou para a lista de colaboradores da RQH escrevendo um artigo sobre Carcassone. O jovem padre e historiador languedociano, buscava na História dos Albigenses as respostas para seus questionamentos acerca do drama vivido em sua região natal no final da Idade Média.

Inconformado com a escassez de fontes para sua pesquisa, o religioso se dedicou à publicação de documentos medievais até então negligenciados e à formação de novos historiadores, que proporcionou a emergência de pesquisas baseadas em novas abordagens do tema. Em 1895, no Congresso Bibliográfico ocorrido em Montpellier, o autor apresentou seu trabalho intitulado *Les études historiques sur l'ancien Languedoc*. Nessa ocasião, ele descreveu a população da região como partes de um quebra cabeças, cujas peças se mantinham em perpétuo conflito, nos quais não era possível distinguir quem lutava pela fé, pelo mal ou por interesses particulares. Para ele, o Languedoc de caracterizava por seu espírito de independência, constituído por “homens que se atiraram contra as instituições”¹³⁹ opressoras.

Em 1897, ocorreu na Suíça um Congresso Científico Internacional dos Católicos, onde se destacou uma nova geração de padres historiadores. Dentre eles, apontamos Jean Marie Vidal como o mais expressivo discípulo de mestre Douais. Exerceu seu magistério frente à diocese francesa em Moscou entre 1912 e 1920 e, antes disso, entre 1896 e 1904, havia se dedicado à publicação de poemas em língua languedociana, mas seu interesse maior sempre esteve voltado para a Inquisição e o fim do albigeísmo.

Ao mesmo tempo, outro católico se destacava no quadro da historiografia do catarismo, Jean Guiraud (1866-1953). Pesquisador laico e liberal que se interessava em estudar a doutrina cátara e a cruzada realizada contra os cátaros. Formado na *École Française de Rome* em 1889, baseou sua tese nas fontes publicadas por seu mentor, Pe. Balme, no Cartulário de Saint Dominique, constituído por documentos sobre a origem da ordem dominicana e sobre o catarismo. A enorme contribuição que deixou para a história dos cátaros foi seu estudo sobre o sacramento cátaro e a descrição desse sacramento como vestígios da liturgia primitiva cristã, apontando, portanto, a sua origem no interior do próprio cristianismo. Explicou os movimentos anticlericais por meio da incapacidade e da imprevisão da igreja meridional e justificou o agravamento da repressão como uma questão de defesa social. Ele estabeleceu, ainda, uma cronologia das atitudes tomadas pela

¹³⁹ AMAGIER, Paul et RAMIER DE FORTANIER, Arnaud, “La contribution catholique a l’histoire de l’albigeisme” dans *Cahiers Du Fanjeaux*, n14, p. 215.

Igreja Católica contra os heréticos, sendo a primeira fase caracterizada pelo uso de armas espirituais, ao longo do século X; mais tarde, nos séculos XI e XII, as iniciativas laicas de combate às heresias se destacavam; e por último, no século XIII, a Igreja se engaja na luta contra as heresias ao lado do poder civil.

Ele procurou situar os eventos em seus contextos de origem, de uma época conturbada, e chega a questionar a possibilidade de se escrever uma história objetiva a partir unicamente de documentos de origem católica. Autor da primeira síntese histórica do catarismo depois de Charles Schmidt, Guiraud pode ser considerado a figura mais importante da historiografia católica por ter sido o primeiro a reconhecer a origem cristã do movimento.

2 – Considerações sobre a historiografia oitocentista

A imagem da Idade Média Occitânica deixada pelos historiadores, principalmente franceses, do século XIX se apresenta de forma claramente parcial e limitada, considerando uma região específica ao longo dos séculos XII e XIII. Além disso, essa imagem construída por eles não tinha homogeneidade e deixava o espaço aberto para associações diversas entre visões muito distintas – o Midi Trovador, charmoso e romântico, e o Midi da Cruzada, palco de um conflito sangrento. Essa característica fez com que sua história servisse de argumento para correntes historiográficas e posições políticas diversas, seja Republicana ou Restauradora, federalista, centralista, conservadora, progressista, separatista ou não, católica, protestante ou ainda filosófica. Sempre voltada para a elaboração e justificação de sua História Nacional.

Para estes historiadores oitocentistas, o que importava era o Midi mártir, não importando se a violência vinha de fora, com a Cruzada, ou de dentro, pela gravidade da ameaça herética à sociedade cristã. Essa visão do Midi medieval manteve-se predominante até a segunda década do século XX.

Antes de passarmos para a historiografia do século seguinte, vamos concluir este capítulo com a apresentação de uma obra grandiosa, de caráter geral, capaz de representar a “historiografia oitocentista” no que se refere à metodologia e formas de abordagem histórica dos eventos medievais. Entretanto, queremos demonstrar que os vigorosos debates acadêmicos, ocorridos na França, não foram capazes de influenciar de forma incisiva a historiografia em outras localidades europeias. Como representação da constância

historiográfica de abordagem histórica, escolhemos a *The Cambridge Medieval History*¹⁴⁰, publicada a partir de 1911 como resultado de um projeto maior de síntese de todo o conhecimento produzido até então, para servir de suporte para estudantes e pesquisadores. Pareceu-nos perfeito, pois, diferentemente dos autores franceses, italianos e alemães até agora citados, os ingleses não estavam falando de si mesmos, e as definições e argumentações apaixonadas deveriam estar mais distantes da obra. Para tanto vale conhecer um pouco da história da Editora e o ambiente que geraram a obra.

A editora de Cambridge foi criada por um decreto de Henrique VIII em 1534, com a missão de publicar todo o tipo de livros, de promover a aquisição, produção, conservação e disseminação do conhecimento, em um momento de afirmação da soberania inglesa⁴⁰. Ao longo dos séculos seguintes construiu a imagem de excelência e qualidade em suas publicações, tanto aquelas voltadas para a pesquisa acadêmica, quanto textos voltados para o ensino universitário¹⁴¹. Sua primeira publicação se deu em 1584, o que faz dela a mais antiga editora universitária ainda em funcionamento no continente europeu. Desde 1698 a editora foi administrada por um colegiado de professores renomados da própria universidade. Inicialmente chamados de ‘curadores’, o grupo passou a ser chamado de “Sindicato dos Editores”. Sempre investindo em modernidades para a difusão do conhecimento, na segunda metade do século XIX decidiram pelo seu lançamento no mercado como editora comercial, com pretensões de alcance mundial. Como parte desse projeto, planejaram publicar uma obra monumental, que abraçasse toda a história da humanidade. Importante apontar que, entre os historiadores ingleses, não havia grande preocu-

¹⁴⁰ A *The Cambridge medieval History* representa uma parte de um projeto maior, elaborado pela editora da universidade de mesmo nome com objetivo de sintetizar todo o conhecimento produzido até então. Desse mesmo projeto fazem parte também a *The Cambridge Ancient History* e a *The Cambridge Modern History*, que serviriam de carro chefe do lançamento da editora no mercado como uma editora comercial. Cada coleção foi confiada a historiadores renomados de sua época, que contariam com a colaboração de editores e autores especialistas nas mais diferentes áreas do conhecimento, que deveriam apresentar suas mais recentes pesquisas. O professor régio John Bagnell Bury (1861-1927) foi convidado para projetar e editar a coleção de volumes voltados para a história medieval e também aqueles referentes à história antiga. Especialista em Grécia, nos Impérios Romano e Bizantino e ainda no período medieval, suas obras são consideradas a melhor ilustração do renascimento dos estudos bizantinos. Para ele, a história era uma ciência metodológica, com fatores fortuitos suficientes para desencorajar a imposição de leis gerais. Ele representava a geração vitoriana que valorizava a razão humana e sua capacidade de esclarecer o passado europeu para tornar inteligível o presente. Por isso, se dedicava ao registro das lutas racionais do homem pelo progresso, e foi um dos primeiros a considerar a arte, a cultura e o patrimônio arquitetônico como representações da história de uma civilização. CMH, “Introdução” vol. 1.

¹⁴¹ Interessante apontar que, no site oficial da editora, ainda lemos o slogan “The future of publishing since 1534”. Não seria redundante lembrar também que a Cambridge Medieval History foi fundada no mesmo ano e pela mesma pessoa que rompeu relações com o papa Clemente II e com a Igreja Católica. Além disso, em seguida, com a decretação do Supremacy Act pelo Parlamento inglês, tomou para si a autoridade suprema sobre a Igreja Inglesa e afirmou a total soberania das leis civis sobre as religiosas.

pação com a história medieval francesa, ou com as heresias em si mesmas, mas sim em escrever “A Síntese de História Geral” mais completa, que fosse capaz de colocar em evidência não apenas a Universidade e a Editora de Cambridge, mas a produção do conhecimento de origem inglesa, com a valorização do papel desempenhado pela Inglaterra na formação da Europa Moderna.

A obra de caráter geral e monumental, que começou a ser publicada em 1911, a *The Cambridge Medieval History*¹⁴² pretendia sintetizar todo o conhecimento produzido até então sobre a Idade Média. O régio professor John Bagnell Bury¹⁴³ (1861-1927) foi convidado para projetar e editar a publicação da coleção de volumes voltada para a história medieval. Erudito e historiador britânico, especialista em História da Grécia Antiga, dos Impérios Império Romano e Bizantino e no período medieval, suas obras são consideradas a melhor ilustração do renascimento dos estudos bizantinos. Para Bury, a história era uma ciência metodológica, com fatores fortuitos suficientes para desencorajar a imposição de leis gerais. Ele representava a geração vitoriana que valorizava a razão humana e sua capacidade de esclarecer o passado europeu para tornar inteligível o presente. Para ele, a história deveria se dedicar ao registro das lutas racionais do homem pelo progresso. Foi um dos primeiros a considerar a filosofia, a arte, a cultura e o patrimônio arquitetônico como representações da história de uma civilização.

Como coeditores, Bury pode contar com a ajuda de Henry Melvill Gwatkin (1844-1916), teólogo especialista na história da igreja que foi nomeado régio professor da Universidade de Cambridge em 1891. Suas pesquisas refletiam seu interesse pela história da construção do poder da igreja e das oposições sofridas por ela neste processo. Outro coeditor envolvido neste projeto foi James Pounder Whitney (1857-1939), historiador eclesiástico inglês e sacerdote anglicano que foi nomeado professor de História Eclesiástica em Cambridge desde 1881. Juntos, os editores convidaram pesquisadores, especialistas em diversos temas da história medieval, para contribuírem com suas mais recentes pesquisas..

O projeto foi planejado em oito volumes, divididos cronologicamente de forma que os responsáveis por cada um deles pudessem desenvolver todos, ou quase todos, os aspectos do período sob sua responsabilidade. O resultado deveria ser uma descrição rica e detalhada dos eventos históricos em suas dimensões políticas e institucionais, for-

¹⁴² Doravante apenas CMH.

¹⁴³ O professor Bury foi mentor do medievalista Steven Runciman, que escreveu *a História das Cruzadas* em 1951.

mando um “todo compreensível dos tempos medievais”, apresentado como uma narrativa capaz de proporcionar uma leitura de caráter geral, clara e interessante, mas que também pudesse atender às necessidades de estudantes e pesquisadores acadêmicos¹⁴⁴.

O tema das heresias foi desenvolvido no volume VI, dentro do tema “*The Victory of the Papacy*”, dedicado ao século XIII. As análises das heresias foram apoiadas no conceito utilizado por Grosseteste¹⁴⁵, no século XIII. Os autores justificaram a opção por tratar das heresias no século XIII afirmando que alguns fenômenos “ultrapassam os limites temporais e que seria mais proveitoso desenvolvê-los em sua fase conclusiva”. Deixando claro que entendiam o século XIII como “período de conclusão das transformações de todos os temas ligados à Idade Média¹⁴⁶, conduzidas pela Igreja Católica ao longo dos dois séculos anteriores, isto é, o apogeu de uma ordem estabelecida sob a autoridade dos papas: a cristandade”.

No volume anterior, dedicado aos séculos XI e XII, *The Contest of Empire and Papacy*, os autores propõem-se a escrever uma narrativa baseada na disputa pela hegemonia do poder político entre o papado e o Império. Uma disputa totalmente ambientada no espaço secular. Com esta opção deixam as heresias para um capítulo à parte, alijado das questões políticas e não necessariamente ligado a esta disputa, o que nos leva a pensar na valorização dada pelos autores ao caráter político dos eventos ligados ao processo de afirmação do poder pontifical neste período.

Os autores responsáveis pelo capítulo “*Heresies and the Inquisition in the Middle Ages, c. 1000-1305*” foram A.S. Turberville, historiador especialista em História da Igre-

¹⁴⁴ CMH, vol. I Prefácio geral da primeira publicação do primeiro volume em 1911, escrito por Henry Melvill Gwatkin (1844-1916) e James Pounder Whitney (1857-1939), coeditores que assumiram a tarefa depois da morte de Bury.

¹⁴⁵ GROSSETESTE, Robert – (1168 – 1253, Inglaterra) – intelectual da Universidade de Oxford interessado pela natureza, dominava o grego e o hebraico, utilizava a matemática e a experimentação para explicar teorias da natureza. Ensinou teologia para os franciscanos, com os quais manteve estreito relacionamento. Influenciado por S Agostinho e São Bernardo, exerceu forte influência sobre os pensadores de Oxford, tanto contemporâneos quanto posteriores. Em 1244 foi nomeado um dos doze do parlamento Europeu. Como bispo focou suas energias em extinguir os abusos do clero. Em 1216, foi *papal judge-delegate* em Litchfield e Hereford entre 1213 e 1216. Escreveu importantes trabalhos teológicos, traduziu outros do grego para o latim. Trabalhou o conceito de verdade em varios contextos. Muitas verdades, mas a verdade é uma só – “there is a single truth that the name ‘truth’ everywhere signifies and praticates, as Anselmos hold’s- namely, the supreme truth – though this one truth is called many truths in the many truth things” (Baur 1912, 139) Para ele, truth se refere à suprema verdade, God. Participou ativamente no conflito entre Papa Inocencio IV e Fraderico II – delegação inglesa no consilio de Lyon, 1245. De onde regressou para a corte papal com missão de ima pastoral para localizar desvios da fé.

¹⁴⁶ Os autores referem-se às mudanças sociais, políticas e religiosas implantadas no período da reforma dita gregoriana, compreendida entre 1049, Concílio de Reims, e 1123, com o Concilio Latrão I, convocado pelo papa Calixto II após a Concordata de Worms e a definitiva separação entre os poderes laico e religioso e reestabelecendo o princípio de autoridade da Igreja sobre os assuntos espirituais.

ja¹⁴⁷; e B. Litt, pesquisador do *New College* de Oxford e professor de História Moderna na Universidade de *Leeds*. Segundo os autores, todos os Estados Modernos, constituídos em Nação ao longo do século XIX, faziam parte de uma civilização una, cujo desenvolvimento harmonioso, embora com formas e aspectos diferentes, se deu em torno da Igreja e da língua comum, o latim¹⁴⁸. Os autores ingleses refletiram a leitura tradicional de suas fontes, reforçando a imagem criada pelos teólogos e polemistas dos séculos XII e XIII, e analisando as heresias dentro da História da Igreja, ou como manifestações de expressões populares de religiosidade. Identificaram as heresias como um movimento essencialmente religioso, desconectado das disputas políticas nas quais a Igreja estava envolvida. Um movimento voltado ao questionamento dos sacramentos cristãos, sendo possível apontar para elas duas origens possíveis, nos parecendo estar retomando as teses de Bossuet. Uma decorrente de aspirações pela purificação da Igreja e da prática da vida apostólica, buscando um retorno à ‘pureza do cristianismo primitivo’, emergida do apelo popular. Esses indivíduos ou grupos de indivíduos atraíram para si todo o tipo de descontentes com os desvios de conduta e o apego ao luxo do clero, assim como aqueles que criticavam o enriquecimento dos mosteiros e capítulos. Para os autores ingleses, desilusão e fervor espiritual representavam um caminho aberto para as heresias.

A outra origem das heresias apontada por eles tinha caráter mais dogmático, era mais teológica e filosófica. Mais “revolucionária” demonstrava clara conexão com os paulicianos da península balcânica¹⁴⁹. Derivada, indubitavelmente¹⁵⁰, do dualismo bogomilo¹⁵¹, trazido do oriente através dos Bálcãs na primeira metade do século XI. Esta heresia, afirmam eles, “por seu caráter mais erudito, diferenciava-se das primeiras por possuírem seus próprios escritos dogmáticos, facilitando a compreensão de seu movimento pelos historiadores, enquanto a outra, mais popular, tem apenas a descrição de si mesma feita por seus algozes”.

¹⁴⁷ Arthur S. Turberville também publicou *Medieval Heresy & Inquisition*. London: Crosby Lockwood and son, 1920; e *The House of Lords in the Reign of William III* in *Oxford Historical and Literary Studies*, vol III.

¹⁴⁸ CMH, vol. VI, Introdução, PP vii.

¹⁴⁹ Paulicianismo: surgiu na Armênia em oposição ao sistema feudal naquela região e à autoridade da igreja local. Eram contrários aos sacramentos, à devoção de imagens e à cruz. Seita do período bizantino ligada aos movimentos “neo-maniqueístas”, porém não surgida do maniqueísmo em si. Seu dualismo pode ser relacionado a muitos elementos característicos da doutrina de Marcion. In GAVARD, Claude; DE LIBERA, Alain; ZINC, Michel, *Dictionnaire du Moyen Âge*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.

¹⁵⁰ Afirmação do autor, PP. 609.

¹⁵¹ Os historiadores do XIX não inventaram a filiação com os bogomilos, apenas ‘retiraram’ dos documentos tratados tardios. Se juntarmos a estas as fontes bizantinas, veremos que não há referência da importação do bogomilismo para o Ocidente.

No desenvolvimento de sua argumentação, não demonstraram dúvidas ao afirmar que as visões utópicas de esperança em um tempo melhor, e também de crítica às dificuldades enfrentadas no presente, eram produto da atmosfera de violência¹⁵² e da incapacidade da Igreja Católica em atender as necessidades espirituais daquele tempo¹⁵³. Porém achamos importante apontar que não estavam satisfeitos com a parcialidade desta forma de compreender o fenômeno.

Importante pontuar que os historiadores ingleses preocuparam-se em relacionar a influência da retomada das grandes rotas comerciais pelos mercadores ocidentais e da movimentação de pessoas, guerreiros e peregrinos em direção ao Oriente. Afirmaram a existência de muitas heterodoxias, embora todas tenham sido vistas por eles como “insanas e fragmentadas”. Mas devido ao caráter de refutação à instituição eclesiástica¹⁵⁴ comum a todas, por isso os teólogos medievais, viram muitas semelhanças entre elas, e classificaram-nas como ‘a heresia’, uma só e grande ameaça ressurgida de tempos antigos. E com esta argumentação foi possível elaborar uma reação de caráter uniforme contra os chamados “novos maniqueus”. Para os autores ingleses, apesar de sua aparente austeridade, as semelhanças do ritual cátaro com a igreja católica não passavam de “zombaria”(…) o “amalgama entre o ascetismo e a falta de caráter”¹⁵⁵. Discordam ainda, quanto à unidade do movimento acusado de formar a ‘igreja cátara’, isto é, uma anti-igreja. Para os ingleses, certamente havia divergências teológicas entre as diferentes comunidades cátaras; e os movimentos ‘heréticos’ queriam apenas destruir a ordem social estabelecida em torno da autoridade dos papas, bispos e abades. Com isso, dizem eles, no imaginário popular foram embaralhadas e confundidas umas com as outras, possibilitando o alargamento do conceito de heresia para toda e qualquer divergência à igreja ou à autoridade do papa.

Em sua narrativa, os autores ingleses demonstram a fragilização da população frente à onda de violência e de desorganização como fatores importantes para o desenvolvimento das heterodoxias. Sim, diziam existir muitas seitas heréticas, mas discordam da maioria dos historiadores de sua época por discordar com a possibilidade de unidade do movimento herético e de sua intenção em formar uma contra-igreja. Para eles não ha-

¹⁵² Os autores referem-se à ‘violência generalizada’ provocada por guerras constantes entre senhores.

¹⁵³ As necessidades espirituais estavam relacionadas à aproximação entre clero e leigos na condução das questões espirituais.

¹⁵⁴ Recusa dos sacramentos, ataques à igrejas e ao clero.

¹⁵⁵ CMH, vol VII, capítulo XX, p.704.

via organização suficiente, apenas queriam desestabilizar a ordem estabelecida localmente. O único ponto de intercessão entre esses diversos grupos identificado pelos autores da CMH era a refutação à instituição eclesiástica, fator esse que proporcionou a leitura de unidade feita pelos teólogos medievais, chamando-os de novos maniqueus para provocar uma reação uniforme. Por isso, no imaginário popular, os diferentes grupos foram embaralhados e confundidos uns com os outros.

CAPÍTULO V – O BREVE SÉCULO XX¹⁵⁶

Durante a primeira metade do século XX, o tema do catarismo não ocupou lugar de destaque na academia. O mundo se transformava muito rapidamente e a produção do conhecimento histórico passava por uma autocrítica tentando compreender o que acontecia. A escrita da história positivista, predominante no século XIX, estava em crise junto com os ideais oitocentistas de Estado Moderno e Liberal. As preocupações com a dimensão social do processo histórico assumiam o lugar central da pesquisa acadêmica.

¹⁵⁶ Referência ao livro de Eric Hobsbawn no qual descreve o século XX. HOBSEBAWN, E. *A era dos extremos: o breve século XX, 1914-1991*. Trad. Marcos Santarrita, ver. Técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. A intenção foi apenas de fazer uma homenagem.

Como vimos ao longo do capítulo anterior, no século XIX, os historiadores estavam preocupados com a escrita de narrativas históricas sob a perspectiva política e institucional. Em suas pesquisas, os documentos foram encarados como provas conservadas dos fatos e da importância de seus protagonistas, sem que houvesse uma preocupação crítica profunda com as fontes e seus contextos de produção e circulação. Essa perspectiva histórica definiu a Igreja Católica como o agente privilegiado do poder normatizador e institucionalizante da relação entre o Estado e a sociedade. As abordagens historiográficas mais voltadas para as dimensões culturais foram deixadas à margem dos principais debates acadêmicos.

A principal característica da historiografia, nas primeiras décadas do século XX, foi a crítica à visão romântica da história e às pretensões de objetividade e cientificidade históricasoitocentistas. Na França, historiadores cuja orientação religiosa católica ou protestante havia definido bem claramente sua representatividade dentro do ambiente acadêmico no século anterior, agora mantinham o debate por meio dos periódicos especializados que se multiplicavam. Chamamos a atenção para a divisão cronológica feita por Carbonel, na qual ele estende a historiografia oitocentista até 1914¹⁵⁷.

Aportes metodológicos, teóricos e conceituais gerados por outras ciências sociais, e pontos de vista inovadores, ambos surgidos dentro e fora das Universidades europeias, alimentavam a discussão sobre a necessidade de separação entre o Estado e a Igreja. Entretanto, a temática cátara foi analisada pela abordagem doutrinal e teológica na maioria dos casos. A história dos cátaros foi retomada dentro da argumentação contra o catolicismo, em defesa dos direitos do homem, em explicações esotéricas, dentre outras.

As tradicionais temáticas políticas do período anterior se tornaram mais abrangentes, como os processos de organização dos sistemas políticos, as relações entre eles e o desenvolvimento dos processos políticos tomam o papel principal da História Política. As ideologias, os movimentos sociais e as relações de poder entre grupos sociais emergiram como campos de estudo e assistimos à emergência da História Social, definida

¹⁵⁷ CARBONEL, Ch.-O., *Les Historiens libéraux ou les illusions d'une histoire scientifique (1870-1914)*. In *CH*, nº 14, op. cit., p. 185-204.

por Eric Hobsbawm como o estudo das relações de poder na sociedade e a sociedade inserida nas relações de poder¹⁵⁸.

Na primeira metade do século XX, a história do catarismo despertou o interesse de historiadores das religiões, que trouxeram contribuições importantes para a explicação do fenômeno medieval, como o método comparativo entre religiões¹⁵⁹. De modo geral, foi mantida a análise do conjunto doutrinal e teológico. Além disso, a visão legada pelos polemistas católicos medievais sobre os cátaros como uma contra-igreja e a sua filiação direta com o dualismo bogomilo foi reestabelecida. De certa forma, mantiveram a leitura literal dos documentos disponíveis e o estabelecimento de uma linha de descendência cuja origem poderia ter sido no Oriente, supostamente a partir de seitas orientais anteriores ao maniqueísmo e da influência deles sobre os paulicianos na Ásia. Esses últimos, por sua vez, influenciaram o surgimento do bogomilismo nos Balcãs, responsáveis pela introdução do dualismo no Ocidente. Essa tendência historiográfica, majoritariamente católica, parece reproduzir as teses de Bossuet.

Desde o final do século anterior, já vimos essa tendência nos trabalhos de Inace Von Dölling¹⁶⁰, que reconheceu em 1890 a “inegável” influência do gnosticismo e do maniqueísmo na crença cátara, concordando em parte com Schmidt. A importância do ponto de vista do historiador e bispo católico está em apontar origens diferentes para as duas tendências do dualismo cátaro identificadas pelo historiador estrasburguense. Aquela que se revelava mais radical havia sido importada do oriente através do maniqueísmo e tinha sua origem fora da sociedade cristã, mas a outra tendência, chamada mitigada, tinha origem no gnosticismo e, portanto, havia surgido em ambiente cristão.

Como continuadores da tendência heresiológica desses autores católicos, podemos apontar o abade Celestin Douaiss e seu discípulo Jean Marie Vidal, o Padre dominicano Antoine Dondaine, assim como o padre italiano Ilarino de Milano. Como vimos, a principal contribuição de autores católicos, principalmente Pe. Dondaine, foi a descoberta

¹⁵⁸ HOBBSAWM, Eric. *Marxismo e História Social*. Mexico: Universidad Autonoma del Puebla, 1983. Disponível em <https://filosinsentido.files.wordpress.com/2013/06/47294738-hobsbawm-marxismo-e-historia-social.pdf>.

¹⁵⁹ ALMEIDA, Néri de Barros. *Missão e pregação: a comunicação religiosa entre a história da igreja e a história das religiões*. São Paulo, SP: Editora Fap-Unifesp, 2014.

¹⁶⁰ Ignace Von Döllinger foi um padre da Baviera, historiador e professor de teologia da Universidade de Munique. Seu trabalho foi dedicado ao diálogo e à conciliação entre a Igreja Católica e a sociedade moderna. Desde 1854, havia abandonado o partido ultramontano e chegou a ser excomungado em 1870. Depois disso, foi eleito reitor da mesma universidade alemã.

e a publicação de documentos até então esquecidos em coletâneas de documentos nas bibliotecas europeias, tanto de origem católica quanto herética.

Nos EUA, o jornalista e historiador protestante Henri Charles Lea (1825-1909) escreveu obras claramente anticatólicas. Uma delas, *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age*, foi traduzido e publicado na França por Salomon Reinach¹⁶¹, que registrou no prólogo a importância daquela publicação, uma arma contra o obscurantismo católico. O historiador americano aponta a origem do mal católico no sacerdotalismo e afirma que o catarismo foi uma religião que, como todas as outras manifestações religiosas de seu tempo, caracterizava-se pelo anticlericalismo. Segundo Lea, para compreender o que pregavam os cátaros, era necessário estudar “os vícios de uma Igreja viciada” e não as possíveis influências externas.

Um dado importante, nesse momento, é que todos os trabalhos escritos sobre os cátaros até então haviam sido baseados nos documentos provenientes da repressão ao movimento e dos processos inquisitórios. Só em 1935 foi publicada uma obra baseada em uma fonte cátara. Jean Guiraud (1866-1953) elaborou uma reconstituição da sociedade meridional a partir dos dados e fontes tradicionais, provenientes da Inquisição, mas revolucionou a historiografia sendo o primeiro católico a reconhecer a origem cristã dos cátaros. Segundo Yves Dossat¹⁶², ele dedicou boa parte de sua vida profissional ao estudo do catarismo como uma realidade religiosa languedociense e a seu implacável conflito com a igreja e a sociedade católicas.

Guiraud manteve a tradição católica quanto à natureza dualista dos cátaros, mas afirmava que “o catarismo era um cristianismo primitivo desviado pelo dualismo e pela metapsicose”¹⁶³. Seu trabalho veio à luz em meio às severas críticas sofridas pelo limitado modelo político de escrita histórica, mas foi o primeiro trabalho de síntese histórica do catarismo depois de Charles Schmidt, escrito de maneira mais preocupada com o aspecto social do movimento histórico. Segundo Yves Dossat¹⁶⁴, ele atribuiu à negligência da igreja meridional os ataques aos sacerdotes daquela região. Atribuiu também igual responsabilidade ao poder temporal e à Igreja quanto às condenações dos hereges. Sob o

¹⁶¹ Disponível em <https://whoiszo.com/author/1530ukp/Henry-Charles-Lea---Salomon-Reinach>, consultado em 05/09/2015.

¹⁶² DOSSAT, Yves, “Centenaire de la naissance de Jean Guiraud, historien Du XIII^e siècle religieux em Languedoc”. Dans *Cahiers Du Fanjeaux*, n° 2, 1967, p 273-289.

¹⁶³ Citação feita por SANCHEZ, Pilar Jimenez, *Les Catharismes. Modèles dissidents Du catharisme médiéval (XII^e - XIII^e siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008, p. 29.

¹⁶⁴ DOSSAT, Yves, “Um iniciateur: Charles Schmidt”. Dans *Historiographie Du catharisme, Cahiers Du Fanjeaux*, n 14. Toulouse: Privat, 1979, PP. 163-184.

ponto de vista teológico do Padre Choupin, Guirraud marcou seu tempo tanto historiograficamente quanto criticamente no debate sobre o catarismo. Foi o responsável pelo estabelecimento de uma cronologia da evolução das reações da Igreja contra os hereges no Languedoc e se empenhou em situar os eventos em seus respectivos contextos de origem e desenvolvimento, buscando as relações com outras dimensões da vida social. A *Histoire de l'Inquisition au Moyen Age* foi o resultado de uma longa dedicação ao estudo e de diversos artigos publicados desde sua tese de doutorado em 1895¹⁶⁵.

O autor dividiu seu trabalho em partes dedicadas à doutrina, à moral, ao culto cátaro, à organização do seu clero e de sua hierarquia própria. Sua maior contribuição foi o estudo feito sobre o sacramento cátaro – o *consolamentum*¹⁶⁶ – mostrando que não se tratava de uma inversão do culto católico, mas da sobrevivência de vestígios da liturgia cristã primitiva. Sua metodologia descritiva e sua leitura, igualmente cuidadosa dos documentos, buscavam reconstituir a história para compreender uma forma de pensar muito distante de seu presente. Contudo, nota-se a sua sensibilidade às dimensões sociais nas quais emergiu o fenômeno religioso e sua preocupação em estudar o conjunto da sociedade.

Contudo, sua maior contribuição foi atentar para a vida espiritual e eclesiástica dos cátaros por meio da análise do *consolamentum*, considerando-o, por sua origem cristã “como um cristianismo primitivo desviado”. Repetindo as palavras de Armanier e Fontainier, podemos dizer que, em uma época (entre 1925 e 1935) na qual os escritores atribuíam a origem do catarismo ao maniqueísmo, ao gnosticismo, ao priscilianismo, ao paganismo eslavo ou germânico, nas mais variadas formas de esoterismo, Guirraud ousou apoiar sua tese sobre a análise da liturgia cátara. Seus estudos forneceram à história do catarismo uma contribuição cuja abrangência e inovação não tinham precedentes. Para ele, o ritual do catarismo seguia o cristianismo primitivo, mas o seu sistema religioso e sua doutrina dualista tinham origem maniqueísta.

¹⁶⁵ Jean Guirraud escreveu sua tese de doutorado, em 1895, sobre o monastério de Prouille, sob a influência do Padre Balme (morto em 1900), que havia reunido um grande número de documentos sobre as origens dominicanas e sobre o catarismo albigense. Em 1904, já era colaborador da RQH e, em 1908, era o seu diretor, o que demonstra sua ligação com a Igreja e a fé católica. No entanto, não podemos deixar de apontar também seu comprometimento com as exigências científicas. Também foi presidente da *Alliance Libérale Populaire*, de onde se afastou para se dedicar à RQH. Sua reflexão sobre o catarismo se estendeu por décadas, e pode ser acompanhada pelas publicações de artigos seus em periódicos como a RGH em 1904, retomada em 1906 em *Questions d'histoire et archéologie* com artigo sobre a moral cátara. No ano seguinte, 1907, publicou o *Estude sur l'Albigeisme languedocien aux XII et XIII siècles* no *Cartulaire de Notre-Dame de Prouille* e o artigo sobre o *Albigeois* no MHGE em 1912.

¹⁶⁶ Guirraud baseou-se na edição do ritual cátaro publicada por Clédar em 1887.

Outro autor que mereceu nosso destaque foi Herbert Grundmann (1902-1980). O historiador alemão defendeu a tese da origem ocidental, interna ao cristianismo, mas que, a partir de 1140, sofreu profunda influência do bogomilismo trazido do Oriente pelos cruzados e viajantes. Em 1935, Grundmann foi o primeiro a sugerir a origem dos movimentos heréticos nas transformações propostas pela Reforma como parte da onda de novas ordens religiosas que emergiram desde então. Em *Religiöse Bewegungen im Mittelalter*, o autor se afastou da tendência dominante de seu tempo e construiu sua análise baseando-se na possibilidade de conexões ou mesmo no parentesco entre as seitas heréticas e as novas ordens religiosas surgidas no mesmo período (séculos XII e XIII). Segundo o autor, ambas buscavam a prática de vida evangélica ou apostólica¹⁶⁷.

Como um movimento que questionava as abordagens católicas, podemos apresentar os trabalhos de historiadores das religiões, como Steven Runciman, que lançou mão do método comparativo de religiões para traçar a linha de filiações dos cátaros em 1947¹⁶⁸, em que defende a tese de que os cátaros foram a última expressão da tradição dualista trazida do Oriente. Uma grande contribuição do historiador inglês foi marcar a diferença entre o dualismo surgido na Idade Média e o maniqueísmo antigo, abrindo o caminho para as teorias da filiação indireta com as seitas orientais. O trabalho de Runciman parece ter sido influenciado pelas publicações inéditas de tratados e apócrifos por André Vaillard e Henri Puech em 1945¹⁶⁹.

1 - Mitografia e vulgarização

O periódico *Cahiers de Fanjeaux*, importante veículo difusor dos estudos sobre o catarismo ainda hoje, dedicou, na década de 1960, um volume especialmente para a historiografia. Nessa publicação, os autores Jean-Louis Biget¹⁷⁰ e Charles-Olivier Carbonel¹⁷¹ contribuíram com artigos voltados para a reflexão sobre o papel da história dos cátaros na sociedade em que tiveram origem e foi recuperada a sua memória, nas mais diversas formas e enfoques. Logo no início de seu artigo, Biget deixa claro que

¹⁶⁷ GRUNDMANN, H., *Religiöse Bewegungen im Mittelalter*. Auflage, 1961.

¹⁶⁸ RUNCIMAN, Steven, *The Medieval Manichee. A study of the christian dualist heresy*. Cambridge University Press, 1982.

¹⁶⁹ VAILLARD, A. et PUECH, H., *Traité contre les Bogomiles de Cosmas le pêtre*. Paris: Imprimerie Nationale, 1945.

¹⁷⁰ BIGET, J.-L., « Mithographie du Catharisme ». In *CF* n 14, p. 272.

¹⁷¹ CARBONEL, « Vulgarization et récupération : le catharisme à travers les mass-média ». In *CF* n 14, 364.

o termo “catarismo” em seu texto refere-se à situação global do Midi nos séculos XII e XIII e remete raramente à sua dimensão espiritual, forma como foi registrado pela memória comum, facilmente comprovada entre as pessoas nas ruas. Portanto, quando falamos de mitologia cátara, estamos nos remetendo ao conjunto de lendas referentes aos eventos ocorridos no Languedoc entre 1100 e 1350, já que a própria história oficial não escapa do domínio das ficções mentais, divulgadas por diversos meios, como imprensa, poesia, romances, teatro, TV. É interessante apontar que essa forma de ver o fenômeno já estava presente entre cronistas da cruzada, como foi apontado na parte inicial deste trabalho.

Apontamos a origem do processo de mitificação no trabalho de Napoléon Peyrat, criador do essencial da mitologia cátara em torno de 1870. Seu alcance esteve restrito ao domínio literário e a círculos eruditos de influência local, mas revelou-se uma referência historiográfica para aqueles que procuram compreender a história. A visão de Peyrat foi construída sob a influência romântica e estava inserida na polêmica entre os regimes republicano e monárquico, e entre o antagonismo da Igreja católica e do partido republicano.

As visões católicas sobre a cruzada foram baseadas no discurso de defesa da unidade da fé e da libertação da sociedade frente aos perigos representados pela infestação herética no Midi. No final do século, estava pouco representado, mas ainda encontrava eco na academia francesa. Contudo, a sombra da visão romântica e regionalista, notadamente entre os protestantes e livre pensadores, revela o declínio de sua influência sobre os intelectuais. O combate ao clero se fez violento depois de 1870 e a mitologia cátara foi tomada como argumento histórico pelos polemistas anticlericais e republicanos, em sua maioria filhos do Midi, retomando os ideais iluministas sob o formato de duplas antagônicas: liberdade de consciência e opressão clerical; o progresso da razão e o obscurantismo da Igreja, a democracia republicana e a tirania jesuíta. A imprensa participou ativamente contra as práticas opressivas e foi retomado por ela o espectro da Inquisição sob o ponto de vista dos direitos da pessoa e da independência dos estados. O albigismo serviu de referência passional aos conflitos do presente. Além de resgatar os trovadores como os cantores perfeitos do amor, o romantismo também situa os albigenses entre os heróis da liberdade, que conduziriam a humanidade para um futuro brilhante.

Mary-Lafon ilustrou melhor as estruturas da mitologia polarizando na cruzada e na inquisição o foco de sua narrativa e realçando as partes mais violentas, coloridas pe-

lo sangue derramado em formato de epopeia, bem ao gosto romântico. O autor raramente falava de espiritualidade. Tomou a visão sob o prisma da nacionalidade romana fundamentada sobre o gênio *d'Oc*, brilhantemente ilustrado pelo refinamento da cultura trovadoresca. Sua ideia central era mostrar como a Cruzada parou o progresso regional brutalmente, sufocando toda uma civilização que estava à frente de seu tempo. Seguido pela maior parte dos historiadores languedocianos da época, Lafon apresentou o Midi como um país de tolerância onde florescia a liberdade de consciência: uma federação de repúblicas urbanas onde reinavam a democracia e a mobilidade social. O condado de Toulouse foi visto como terra da democracia burguesa, da liberdade religiosa e do refinamento cultural, a pré-figuração da República, cujo sucesso regional foi garantido pelas produções literária e histórica, veiculadas pela poesia e pelo romance.

Para Biget, Napoléon Peyrat não foi um historiador, mas um poeta e um pregador, um visionário que reconstituiu o passado no imaginário e transformou a história em epopeia.

“Vers 1860, um homme réalise la synthèse de toutes les trates constitutives du mythe « cathare ». Il unit la couche protestante dialectiquement liée à apologétique catholique retournée contre elle-même, la couche anticléricale du XVIII^e siècle et, nourrie de l'érudition des romanistes, la couche romantique, nationaliste et régionaliste, révolutionnaire et « libertaire », religieuse et ésotérique avec un faciès « démocratique bourgeois » et un faciès « socialiste ». Il s'agit d'un démocrate et d'un romantique, et surtout d'un méridional et d'un Pasteur d'Église réformée; Il se nomme Napoléon Peyrat.”¹⁷²

No contexto de unificação cultural nas escolas públicas de ensino fundamental, a história do catarismo serviu de apoio aos movimentos regionais que retomavam a valorização das línguas vernaculares, com discursos populistas, socialistas e libertários, adversários da centralização que queriam restaurar a pátria *d'Oc* e as liberdades assassinadas pela cruzada. São os federalistas, que propõem uma história popular do Midi. Essa tendência vai se subdividindo em tendências federalistas republicanas e monarquistas, cujo ponto de intercessão é a valorização do culto à civilização e à língua *d'oc*. A literatura e a poesia refletiram as contradições entre os fatos regionais e os nacionais na substituição da dialética do norte contra o sul pela posição democrática contra a teocracia. As originalidades do país *d'Oc* ficam sem representação política, e a realidade linguística segue negligenciada pelas autoridades nacionais competentes. A erudição provincial volta-se

¹⁷² BIGET, J.-L., “Mithographie du catharisme (1870-1960)” dans *Cahiers Du Fanjeaus*, n° 14, p278.

para o passado para valorizar a região, mas coube à poesia abraçar toda a mitologia cátara.

A retomada da abordagem espiritualizada do catarismo pode ser esquematizada por duas vertentes principais de contribuição para a afirmação da mitologia cátara: aquela influenciada pelo trabalho de Josephin Péladan, que ressucitou a ordem da Rosa Cruz em 1888, apoiando-se na lenda de Montsegur criada por Fauriel. Essa linha de interpretação foi retomada por Norbert de Lóréane no início do século XX e alcançou sucesso de público com seus dramas líricos sobre Montségur e os cátaros. A outra tendência surgiu a partir de 1893 entre os gnósticos, por meio da restauração da sé episcopal de Montségur. Em sua publicação, a *Revue La Gnose*, os textos voltados para a catequese se interessavam pelo catarismo. Ambas recolocaram a importância da reflexão sobre o entendimento do campo social, definindo o imaginário cátaro e sua relação com as questões occitânicas do presente.

De modo geral, o crescimento econômico e político da região afastou as elites locais do regionalismo e os mitos regionais passaram a ficar restritos ao mundo cultural, limitando suas reivindicações ao campo da língua e da poesia. Segundo Biget, “antes de 1914 não existia questão occitanica apoiada na mitologia histórica”. A epopeia meridional exaltada por Peyrat e seus discípulos ficou, então, restrita aos círculos literários.

No período compreendido entre 1920 e 1940, a mitologia do catarismo não havia conquistado nenhuma ressonância política e ficou restrita ao campo literário e à imprensa local, distantes do grande público. Os romances tomaram para si o papel de divulgação dessa tradição meridional. O dramaturgo Maurice Magre desempenhou papel essencial na difusão do imaginário cátaro atual e na formação do neocatarismo. Muito interessado na temática da magia e das religiões, Magre publicou, em 1931 um livro no qual apresenta os cátaros como “os budistas ocidentais”¹⁷³. Sete anos depois, ele publicou a continuação da história com o mesmo sucesso¹⁷⁴. Em suas publicações, prevaleceram o caráter lírico e ficcional, contrapondo o norte assassino e profanador com a população meridional, representantes das luzes.

¹⁷³ MAGRE, Maurice, *Le Sang de Toulouse. Histoire des Albigeois du XII^e siècle*. Paris: Fasquelle Editeurs, 1931. Neste livro Magre desenvolve a teoria que um sábio vindo do Tibet havia trazido a doutrina da metapsicose e do Nirvana para a região meridional francesa.

¹⁷⁴ MAGRE, Maurice, *Le trésor des Albigeois*. Paris: Fasquelle Éditeurs, 1938.

A associação entre Magre e o escritor alemão Otto Rahn¹⁷⁵ foi decisiva para a consolidação e solidificação da relação das tradições ibéricas, germânicas, célticas e visigóticas com a mitologia local. Pode-se encontrar sua expressão na literatura medieval. Percival e o Graal estavam então, decisivamente, integrados à mitologia cátara. Ao seu lado, outros autores marcaram o crescimento do interesse sobre os cátaros, como *Le drame Albigeois*, publicado por Jacques Madaule em 1968, e o sucesso alcançado em 1967 pela publicação de Fernand Neil da década anterior, “*Que sais-je? Cathares et albigeoise*”¹⁷⁶. O interesse demonstrado pelas grandes editoras da época, como Picard e Payot, nos leva a pensar no alcance do interesse comercial no tema.

Em outras mídias de maior alcance, os cátaros também estiveram presentes, como o seriado que foi ao ar em 1966 – *Les Cathares* – na TV francesa, responsável por levar a sua história a milhões de lares franceses que não tinham jamais ouvido falar neles¹⁷⁷. Associado ao interesse diretamente proporcional da mídia impressa, encontramos aqui solo fértil para o investimento na divulgação do turismo patrimonial e histórico do Languedoc, fato que proporcionou a divulgação mundial da epopeia cátara.

Para concluirmos essa reflexão sobre a mitografia cátara, queremos sintetizar a essência de nossa exposição dividindo o processo em fases distintas, seguindo a proposta feita por Biget. Para começar, apontamos a obra de Napoléon Peyrat publicada em 1870 – *Histoire des Albigeois* – como fundadora do imaginário histórico, ressaltando a sacralização de Montségur e Esclaramunda de Foix, a heroína da resistência. A fase seguinte pode ser marcada pelo surgimento do mito do Graal sobre a montanha sagrada de Peyrat, integrando o catarismo às religiões de origem oriental por meio da associação com o espiritualismo esotérico. O pancatarismo conseguia abraçar a totalidade das crenças exotéricas. A essa, seguiu-se outra caracterizada pela difusão do mito cátaro por meio da literatura ficcional, dramática e de aventura. Compreendida no período entre 1890 e 1910, a história do catarismo não encontrou eco político significativo, ficando restrita à circulação local. A partir de 1930, a associação entre o dramaturgo Frances Magre e o alemão Otto Rahn inseriu a temática nazista à mitologia cátara. Na década seguinte, percebemos a sobrevivência dessa aproximação com a questão de raça e sangue com os ale-

¹⁷⁵ RAHN, Otto, *Kreuzzug gegen den Gral. Die Tragodie des Katharismus*. Briggau: Urban Verlag, 1933.

¹⁷⁶ NEIL, Fernand, *Albigeois et Cathares*. Collection “Que sais-je?” Presses Universitaires de France, n 698, 1955.

¹⁷⁷ Disponível em <http://www.imdb.com/title/tt0386360/>.

mães, mas o movimento de resistência à ocupação recuperou a temática da resistência cátara com força, restaurando a oposição entre opressores e oprimidos.

Na década de 1960, o catarismo passou por uma reatualização política e, principalmente para nós, passou a ocupar lugar de destaque no movimento de revisão historiográfica. Desde então, vemos que medievalistas se esforçam para separar o legado fantástico da literatura, sem compromisso histórico, da história do catarismo, sem que seja negligenciada a importância de cada processo de recuperação da memória. Parafraseando Biget¹⁷⁸, a temática do antagonismo entre opressores e oprimidos que permeia a história do Midi medieval serve para recuperações históricas associadas aos mais diferentes interesses econômicos e políticos, mas todas estão revelando dados importantes para a compreensão do processo histórico medieval e presentes em cada uma delas.

Como se mostra comum em momentos de crise, os grupos sociais se tornam mais abertos ao ocultismo, manifestado pelo surgimento de diferentes tipos de seitas. Neste cenário, o catarismo foi resgatado em alguns círculos intelectuais. Déodat Roché formulou um neocatarismo a partir de 1930, fortemente marcado por sua reflexão filisófica e fundamentado em grupos esotéricos parisienses, na franco-maçonaria e no seu relacionamento com lideranças gnósticas.

Com o clima de guerra novamente pairando sobre a Europa, a associação com as tradições germânicas incorporadas às locais começaram a gerar questionamento acerca da ligação entre o catarismo e o nazismo. “ *Le nazisme, comme les hérésies médiévales, met avant l’Intuition et la Volonté, la Race et le Sang*”¹⁷⁹. A obra escrita por Alfred Rosenberg, *le Mithe du XX^e siècle*, representa essa forma de análise. Segundo Biget, nas poucas páginas que o autor dedica ao catarismo, “ *Il existe des recontres entre la vision romantique du catharisme, les idées de Peyrat sur le génie d’Oc, la gloire de la race, la grandeur du combat pour la liberté, et les conceptions racistes de Rosenberg*”¹⁸⁰. Entretanto, o catarismo não representa quase nada, nem para ele nem para os dirigentes do Reich. Seria uma abordagem abusiva integrar o catarismo em um plano de fundo esotérico do nazismo, como fez Philéas Lesbegue¹⁸¹ em 1938.

Durante a Segunda Guerra, os combates literários sobre o Midi medieval entre os especialistas foram mantidos como, por exemplo, as publicações paralelas de Pierre

¹⁷⁸ BIGET, J.-L., Idem nota 165, p. 319.

¹⁷⁹ BIGET, J.-L., Idem nota 165, p. 314.

¹⁸⁰ BIGET, J.-L., Idem nota 165, p. 315.

¹⁸¹ LEBESGUE, Philéas, *L’Age nouveau*, citado por Biget, op cit. p. 314 e nota 160.

Belperron¹⁸² sobre a Cruzada e o exemplar da revista *Cahiers Du Sud*¹⁸³ exaltando o “gênio d’Oc”. Ambas refletiam o contexto francês de ocupação, cuja linha de demarcação dividia o norte do sul. O neocatarismo sobreviveu em torno de Déodat Roché, como pode ser comprovado pela criação do *Cahiers d’études cathares* em 1949 por ele, revista dedicada à difusão da mitologia tradicional e à criação, também na mesma época por Roché, da *Société du souvenir et études cathares*. Podemos aqui abrir um parêntese para marcar a importância desse movimento, pois daqui sairia um dos mais conceituados pesquisadores do catarismo, René Nelli.

No campo da formação cultural e histórica, podemos perceber o retorno das heresias, principalmente do catarismo, aos textos escolares. Além disso, o sucesso nas mídias e suas consequências econômicas positivas estimularam a absorção do catarismo à consciência nacional. Esse momento histórico foi marcado por rápidas transformações econômicas, sociais, políticas e culturais em todo o mundo ocidental. Na França, a quarta República estava em crise, e os temas voltados para o colonialismo e as nacionalidades estavam em alta entre a intelectualidade francesa. Como resultado, novas publicações com maiores tiragens e alcance de público começam a surgir.

Nesse contexto, podemos marcar a publicação de *Le bûcher de Montségur* por Zoé Oldenberg em 1959, em uma coleção de História reconhecida, como fator importante para o retorno da temática cátara à pesquisa acadêmica francesa. Influenciado por suas pesquisas, Zoé também publicou um romance histórico sobre o tema, *Les Brûles*, em 1960, revelando a influência da obra de N. Peyrat sobre sua narrativa. Enquanto isso, na Itália, os pesquisadores realizavam trabalhos inovadores, que proporcionaram uma nova mudança de rumos na historiografia do catarismo, na segunda metade do século XX.

¹⁸² BELPERRON, Pierre, *La croisade contre les Albigeois et l’union Du Languedoc à la France, 1209-1249*. Paris: Plon, 1942. Disponível em www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1942_num_103_1_460361_t1_0239_0000_000. Consultado em 08/09/2015.

¹⁸³ Cahiers Du Sud, ago/set, nº 249, *Le genie d’oc et l’homme méditerranéen*.

2 - A segunda metade do século XX

Ao longo da primeira metade do século XX, até que a “guinada revisionista” tivesse seu início em meados do século, o estudo do catarismo permaneceu atrelado às conceituações e aos pontos de vista oitocentistas. As pesquisas estavam relacionadas à relação entre a Igreja, defensora da ortodoxia da fé católica, e a heresia que se alastrava no Midi entre XI e XIII e ameaçava a unidade cristã. Ambas se alternavam no papel de vítima da ofensiva perigosa da outra. Hoje, depois de quase sete décadas de estudos sobre a história do catarismo, vemos que ela serviu de instrumento para o atendimento de diferentes interesses e forças congruentes, reveladas pela disputa pelo poder e reproduzidas pela historiografia do século anterior.

Na década de 1950, Jean Duvernoy afirmou que o catarismo estava na moda. Advogado de formação, tornou-se estudioso do tema e seu trabalho continua servindo de referência para o estudo dos cátaros. No momento em que escreveu, havia na França duas correntes interpretativas: uma mais tradicional que reforçava o caráter religioso dos movimentos e os que se dedicavam a divulgar o neocatarismo, de caráter esotérico, ocultista e mesclado por mitos e lendas regionais. A literatura esotérica desenvolvida a partir de então teve origem e orientação alheia às preocupações acadêmicas. Estavam relacionadas a produções feitas por especialistas cujo objetivo era a valorização do tema sob uma ótica comercial e turística regional. Esses autores foram responsáveis pela generalização dos nomes “cátaros” e “catarismo” no lugar de “albigenses”, como se encontrava nos documentos da época. Esse movimento de cristalização da nomenclatura se deu sob forte orientação ideológica e comercial, que buscou a mudança semântica para exaltar os “hereges” como heróis universais e valorizar o caráter ecumênico da igreja perseguida¹⁸⁴. “A história da heresia languedociana serviu de suporte para diferentes paixões e interesses”¹⁸⁵.

Desde então, vemos a realização de congressos e seminários de estudos reunindo medievalistas e especialistas em diversas áreas da produção do conhecimento para debater as possibilidades históricas capazes de explicar o fenômeno cátaro, em esforço

¹⁸⁴ Associação com o nome grego *katharos* reflete a ideia de universalismo, diferente de albigense, que define as fronteiras do movimento da região albigense.

¹⁸⁵ Biget, J.-L., op. cit,

conjunto entre medievalistas para recuperar o catarismo como objeto de estudo acadêmico, livre das influências fabulosas. Nas últimas décadas, houve uma imensa renovação nos conceitos e no arsenal teórico sobre o poder e o político, que favoreceram o surgimento de novas propostas de abordagem do fenômeno cátaro e seu papel social. No entanto, como afirmou Biget, essa é uma história que espera ser escrita¹⁸⁶.

A historiografia depois de 1950, segundo esse mesmo autor, cristalizou a imagem do caso albigense integrado às preocupações da época, como a liberdade e o totalitarismo, a colonização e o direito dos povos, a ocupação e a resistência. Refletiu os valores contemporâneos ligados aos modelos protestantes e aos movimentos de libertação. Suas abordagens também demonstram preocupações com as questões relacionadas ao movimento feminista, que estava no centro das reflexões vanguardistas da época.

O trabalho desenvolvido por Raffaello Morghen (1896-1983) em 1951 retomava algumas preocupações de Grundmman e direcionava-se para o papel das questões sociais na formação dos movimentos heréticos medievais. O autor descreveu as heresias de então como movimentos cristãos emergidos das novas relações sociais proporcionadas pelo desenvolvimento da vida urbana, como uma tomada de consciência, de caráter moral e antropológico, frente à imposição das estruturas eclesiásticas católicas à sociedade como um todo¹⁸⁷, conduzindo sua análise para a esfera institucional e eclesiológica e ressaltando o caráter popular do problema.

Arno Borst, em 1953, advogou na mesma linha do padre Dondaine, mas acrescentou um dado novo ao dizer que o bogomilismo chegou ao Ocidente em 1140 e que, antes disso, havia movimentos dissidentes. “A religião cátara, em seu conteúdo dogmático, se parece muito com o bogomilismo”¹⁸⁸. Para o historiador alemão, a transmissão das crenças heréticas não se dava em uma dimensão abstrata, a qual se mostrava inatingível para a população, mas sim, na realidade confusa do dia a dia das cidades. A vida urbana havia trazido em seu bojo novas formas de comunicação e convivência entre os indivíduos e grupos, que sentiam necessidade de exercer sua espiritualidade. O historiador e professor alemão chamou a atenção de seus pares para a importância da interdependência entre pensamento e realidade e também para a necessidade de tal relação ser repensada continuamente, pois representava um fator determinante da dificuldade para a

¹⁸⁶ BIGET, J.-L., “Introduction” in *Hérésie et Inquisition dans le Midi de la France*, Paris: Picard, 2007, p. 7 – 35.

¹⁸⁷ LAUWERS, M. “Os sufrágios dos vivos beneficiam os mortos?” in *Inventar a Heresia?* Op cit., p.163.

¹⁸⁸ BORST, Arno - citado por Biget, p. 70.

compreensão do fenômeno medieval¹⁸⁹. Sua tese defendeu que a heresia havia surgido a partir da exigência religiosa de certos indivíduos, os quais são reconhecidos pela sociedade, mas não encontram um lugar para exercê-la. O acesso à vida religiosa não era uma tarefa fácil. Dessa forma, em uma primeira fase, o movimento emerge da necessidade religiosa, mas, em um segundo momento, vai se misturando com a sociedade que o acolhe. Essas tentativas de realizar as ideias religiosas próprias sem a autorização e o apoio das instituições reconhecidas fizeram com que as ideias fossem sendo redefinidas, o que explicaria a absorção do dualismo bogomilo. O medievalista inglês Stiven Runciman¹⁹⁰ manteve-se alinhado às tradições defendidas por Dondaine e Borst, mas via a influência maniqueísta apenas de forma indireta, não como filiação clara.

Em 1955, no Congresso Internacional de Roma, coube ao padre Antoine Dondaine a honra de apresentar documentos inéditos, descobertos por ele na Biblioteca de Florença, à comunidade de medievalistas. Entre eles estava o *Liber duobus principiis*, documento de origem cátara que proporcionou estudos inovadores sobre a sua comunidade e os seus sacramentos, principalmente em relação ao dualismo¹⁹¹.

No início da década de 1960, Jacques Le Goff organizou um colóquio para debater a relação entre heresias e sociedades¹⁹². Apesar de não termos encontrado na historiografia um momento específico na virada historiográfica, gostaríamos de apontar este evento como um símbolo de ruptura. Ao longo de seus debates, em 1962, encontramos apresentações de trabalhos ricos em informação, que foram responsáveis por abrir um leque maior de perspectivas. No discurso de encerramento das atividades, por exemplo, Georges Duby tentou resumir o que havia presenciado nas apresentações e debates e que, para nós, representa uma importante chave interpretativa da história do catarismo. Disse ele que havia percebido que o “herege era todo aquele que fora acusado como tal pelas autoridades católicas”¹⁹³. Então, para os medievalistas e historiadores das religiões, foi

¹⁸⁹ BORST, Arno, *Les cathares*. Paris: Payot, 1974.

¹⁹⁰ Runciman foi aluno e discípulo de John Bury, editor e projetista da coleção inglesa *The Cambridge Medieval History*.

¹⁹¹ DONDAINE, Antoine, *Les hérésies et l'Inquisition, XII-XIII siècle: documents et études*. Editado por Yves Dossat. Ashgate: Variorum, 1999.

¹⁹² Colóquio organizado por Jacques Le Goff e Georges Duby em 1962, com objetivo de refletirem sobre as heresias e as sociedades para compreender o papel desempenhado pelos hereges dentro do contexto social, político e religioso em que surgiram. Os trabalhos apresentados e as principais discussões e debates foram publicadas em livro: LE GOFF, Jacques (org.), *Hérésies et sociétés dans l'Europe pré-industrielle. XI-XVIII siècles*. Paris-La Haye: Moutan, 1968.

¹⁹³ LE GOFF (org.) Idem.

lançado um novo desafio: saber quem foram os hereges e que papel social e político desempenharam no seio da sociedade medieval no Midi.

Nesse evento, Raoul Manselli retomou o ponto de vista político e afirmou que havia laços estreitos entre a heresia cátara e o partido político dos gibelinos, partido político que apoiava o imperador contra o papado. Para ele, os grupos cátaros se formaram por meio de laços familiares e de relacionamento direto e haviam encontrado adeptos em todas as classes sociais da cidade, tendo, portanto, caráter essencialmente urbano e desempenhando importante papel político. Para o autor, por não ter espaços específicos de reunião, os hereges se encontravam nas casas, o que favorecia o envolvimento familiar e da vizinhança. Para ele, o herege era aquele que tinha consciência de sua separação com a comunidade de crentes e mantinha a sua posição. Isto é, optava pelo não pertencimento àquela comunidade. O autor afirmava que, para ser herege não bastava ser acusado, era preciso entender-se como tal¹⁹⁴.

Em outro momento dos debates, Raffaello Morghen voltou ao assunto para apresentar sua tese. Disse ele que, apesar da importância do autorreconhecimento, ortodoxia e heresia são correntes do mesmo fenômeno e, por isso, os hereges seriam aqueles que foram apontados como tal pelas autoridades religiosas do momento histórico em que surgiram. O historiador italiano já tentava mostrar desde a década anterior com seu trabalho sobre o cristianismo na Idade Média que o fenômeno cátaro poderia ter sua gênese no próprio cristianismo. Em sua apresentação no Colóquio de Royamond, o historiador demonstrou a ausência de documentação filosófica ou doutrinal que pudesse comprovar a tese baseada na linha de continuidade entre as heresias teológicas da época patrística com as que surgiram no segundo milênio. Segundo o autor, há registros de vestígios em alguns testemunhos, mas quase todos estão contidos em tradições tardias, principalmente orais e de origem popular, nos quais os mitos antigos aparecem deformados e adaptados aos significados da época em que foram recolhidos. Para Morghen, o catarismo tinha caráter moral e não teológico, como foi apresentado por seus adversários católicos. Para ele, os cátaros apoiaram-se em questões relativas a experiências espirituais ou em motivos éticos e sociais associados ao contexto histórico em que surgiram. Chama a atenção para o problema eclesiológico, e não teológico, para justificar sua tese de origem do movimento na Reforma Gregoriana e nas pregações do século XI. Esses pregadores difundiam suas vi-

¹⁹⁴ MANSELLI, RAUL, “ Los herejes em la sociedad del século XIII”. In LE GOFF, *Herejias e sociedades*. Idem nota 186.

sões e sensibilidade sobre o Evangelho, mas não conseguiam compreender as heresias sem o surgimento de uma nova consciência e espiritualidade. Sua proposta estava em linha de confronto direto com a tese defendida por Antoine Dondaine, também presente, para quem não havia dúvidas sobre a filiação bogomila do catarismo.

Para Morghen¹⁹⁵, a heresia poderia ter surgido de leituras mais sensíveis ou mais literais do Evangelho, de uma reflexão individual sobre algum tipo de novidade social ou política como, por exemplo, a obrigatoriedade da intermediação do clero na relação entre homens e Deus, por meio dos sacramentos. Contudo, ainda assim, concorda que as “antigas reminiscências maniqueístas” são inegáveis em alguns testemunhos. Sua tese estava fundamentada na importância do surgimento dos municípios italianos e da emergência de uma nova consciência social, expressa no anticlericalismo. Tinham caráter moral e se difundiram entre o povo, entre humildes e não cultos, um dos movimentos mais efervescentes da civilização europeia. Morghen fazia parte de uma corrente historiográfica italiana que valorizava a renovação da vida econômica e urbana proporcionada pela atividade comercial em ascensão e, principalmente, o papel desempenhado pelas novas relações de sociabilidade e consciência civil nos municípios. As heresias tinham, então, caráter moral e se difundiam entre o povo sem letras, e ofereceram solo fértil às reformas pretendidas pelo papado romano.

Cinzio Violante, inserido nessa mesma tendência italiana, descreveu as heresias como fenômenos religiosos, originados nas reformas moral e espiritual e na exegese dos Evangelhos entre laicos e religiosos. Mas também devem ser consideradas outras origens fora da Reforma, como as tradições populares, o folclore, a magia e o ressurgimento do paganismo. A sociedade rural pode ter contribuído para o desenvolvimento inicial, mas foi na fase de regressão e extinção que o campo representou o ambiente no qual os hereges foram buscar abrigo. O meio urbano, ao contrário, favorecia a propaganda e a difusão das ideias, assim como os meios de autodefesa contra seus perseguidores. As heresias encontraram o ambiente propício para sua difusão entre a nova mobilidade dos homens proporcionada pela retomada dos contatos comerciais, facilitando a circulação de ideias e notícias, assim como a reprovação às rigorosas práticas eclesiais e os excessos do clero, cada vez mais voltada para o formalismo jurídico. O historiador italiano afirma que as novas pesquisas deveriam estar orientadas para a compreensão das razões

¹⁹⁵ MORGHEN, R., “Problemas em torno de la origem de la herejoa em la Idad Média” In LE GOFF, *Heresias e sociedades*. Idem nota 186.

do desenvolvimento e do sucesso das heresias na consideração geral da história religiosa da época em que surgiu.

C. Thouzellier apresentou um trabalho sobre a tradição e o ressurgimento da heresia medieval. Alinhada a Dondaine, a autora descreveu os hereges como aqueles que criticam os dogmas cristãos e passam a repelir o magistério da Igreja romana, antes aceito por eles mesmos, isto é, conheciam os fundamentos cristãos. Para ela, geralmente esses indivíduos acabam se separando de seu ambiente social devido a seus questionamentos e insatisfação com as verdades reveladas. A novidade dos grupos heréticos estava em romper com as doutrinas e as regras impostas pela tradição católica, ao mesmo tempo em que resgatavam antigas reivindicações e as adaptavam à sua realidade. Para ela, o herege se vê como ortodoxo e tem esperança de vencer em nome da verdade evangélica. A autora consegue identificar que, partindo da mesma origem, os hereges se subdividiam em grupos distintos. Uns se lançavam ao aperfeiçoamento espiritual, outros desviavam para o campo político. O que unia as duas vertentes era o combate ao poder hegemônico eclesiástico e à indignidade do clero. Os movimentos evangélicos sempre existiram entre os cristãos, mas o que havia sido enfrentado como heterodoxia, em atendimento às novas circunstâncias históricas e políticas, passa a receber o patronato bogomilo na segunda metade do século XII.

O início da década seguinte marcado por movimentos sociais e políticos de reivindicações por mudanças em todo o mundo. Na história, os autores estavam descobrindo a relação entre os níveis de cultura e o estudo da marginalidade social, e inserindo nessas perspectivas as manifestações e práticas religiosas. Nas décadas de 1960/70, a reflexão entre “níveis de cultura” ganhou bastante espaço na pesquisa acadêmica como perspectiva teórica. Grundmann e Le Goff foram exemplos de medievalistas que fizeram essa opção. Na história do catarismo, os medievalistas voltaram sua análise para o confronto entre culturas diferentes no interior de uma mesma sociedade, sofrendo influência das teorias marxistas de luta de classes.

Yves Dossat reinstaurou a dúvida no 90º Congrès National des Sociétés Savantes, ocorrido em 1965 na cidade de Nice. Na apresentação de sua pesquisa sobre a origem e a formação das comunidades heréticas, o autor aponta as possíveis relações com os reformistas. No III Congresso de Fanjeaux, dedicado à perseguição aos cátaros, os argumentos de Antoine Dondaine foram sistematicamente criticados, reforçando a dúvida sobre as origens do catarismo. Duvernoy pode ser considerado o ponto de partida do movi-

mento desconstrucionista que se revelou nas últimas décadas do século XX. Embora ainda marcado pelo espectro da origem oriental, o autor defende a tese que “o catarismo foi uma forma de cristianismo, um fenômeno secundário que surgiu como resultado da racionalização espontânea”. O processo de racionalização e a escolástica estavam chegando aos estudos cátaros. A partir da década de 1970, os historiadores começam a questionar a historiografia produzida até então, buscando novas abordagens e o retorno aos documentos.

Nas décadas de 1960/70, os estudos baseados em perspectivas culturais predominavam na academia. Duby e Le Goff desempenharam uma função determinante nesse momento na França, despertando e inspirando toda uma geração de pesquisadores abertos às novas possibilidades, às vezes até abrangentes demais, de retomar aspectos do processo histórico revelados por diferentes formas de analisar a articulação do poder com a sociedade. Na virada das décadas 60/70, ambos inscreveram seus nomes na historiografia ao tentar aproximar a história e a antropologia para explicar o fenômeno herético por meio de níveis culturais. Duby chamava a atenção para a diferença entre os meios de produção das heresias, erudito e eclesiástico, e os ambientes de circulação, que se dava nos níveis inferiores, afastados da cultura escrita. Em 1967, Le Goff publicou um trabalho sob o título “Cultura clerical e tradições folclóricas”¹⁹⁶, lançando essa ideia de diferenciação dos níveis de cultura. Para ele, a história medieval de adaptaria melhor com o conceito de cultura folclórica, essencialmente rural e oral, e cultura clerical, urbana e escrita, dado seus ambientes de difusão e circulação.

Henri Charles Puech, em *História das Religiões*, publicado em 1970, e mais tarde em *Maniqueism and others essays*, publicado em 1979¹⁹⁷, mostrou que diferentemente das questões teológicas, que eram muito complexas para as pessoas comuns, pelo contrário, a questão dos abusos e vícios do clero os atingia diretamente. Essa constatação abriu novo leque de questionamentos e chamou a atenção para as relações urbanas e sua relação com o anticlericalismo. Alguns anos mais tarde, o próprio Duby reconheceu a limitação da metodologia baseada em níveis de cultura e exortou os historiadores a se abrirem a novos métodos de estudo e pesquisa, que fossem capazes de alcançar as dimensões

¹⁹⁶ LE GOFF, Jacques. “Cultura clerical e tradições folclóricas na civilização merovíngia”. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1980.

¹⁹⁷ PUECH, H. Ch. *Histoire des religions*. Paris: Gallimard, 1970. Idem, *Sur le manicheisme et autres essays*. Paris: Flammarion, Collection Idées et Recherches, 1979.

culturais. Nesse artigo, ele defendeu o uso da expressão “formação cultural” como a mais adequada, por incluir os movimentos de evolução e difusão cultural.

Nas décadas seguintes, podemos dizer que a historiografia estava literalmente em movimento. Na França, a Escola dos Annales havia se mantido como principal influência teórico-metodológica e, com isso, a tradicional história política havia perdido o seu espaço para o estudo de temas relacionados à sociedade. Suas críticas à história voltada para o Estado, suas instituições e seus líderes apontavam para a sua incapacidade de atender aos questionamentos atuais. Sua contribuição à historiografia não cessou de evoluir e proporcionou um considerável aumento no leque temático e também na aproximação da história com outras ciências sociais, em seus conceitos e métodos. O olhar da história se desviava do estudo sobre o Estado para revelar as forças que colocavam o processo histórico em movimento. A palavra de ordem era a relação entre os diferentes poderes dentro de uma mesma sociedade.

A própria noção de poder passou pelo processo crítico e teve sua conceituação renovada, concedendo a ele a possibilidade de sair do interior das instituições decisórias para se revelar em todo tipo de relacionamento social e individual, entre grupos e pessoas, por meio da cultura ou das relações de parentesco. Enfim, as relações de poder haviam sido incorporadas na sociedade como um todo, revelando as diferentes formas de se analisar a interação entre o político, o religioso, o econômico e o cultural. A engrenagem do processo histórico se mostrava muito mais complexo do que a tradicional história política conseguira revelar¹⁹⁸.

Muito mais praticada entre historiadores anglo-saxões, a história política volta à academia francesa, e o debate sobre o papel dos personagens e das instituições conquista um lugar de destaque. Seignobos foi um dos mais significativos historiadores deste movimento na França, e tomaremos aqui suas próprias palavras para demonstrar a necessidade de aproximar a visão sistemática e a estratégica da história.

(...) Il est vrai que la histoire du politique ne se réduit pas – contrairement à ce qu’affirment bien à tort bon nombre de ses detracteurs – à la seule vie parlementaire et aux pratiques exclusivement institutionnelles¹⁹⁹.

¹⁹⁸ REMOND, René (org.) *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

¹⁹⁹ Citado por COUTAU-BEGAIÉ, Hervé, *Politique étrennière*. 1989, vol 54, nº 1, PP. 178-179. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/polit_0032-342x_1989_num_54_1_3844_t1_0178_0000_3, consultado em 09/09/2015.

Ao aplicarmos essas tendências à história do catarismo, a primeira questão que surge em nossas cabeças é que seria impossível a compreensão do fenômeno medieval sem que fossem analisados os papéis das instituições e libertada a história dos séculos XI a XIV da história do confronto, inegavelmente importante entre o papado e o império. Vamos colocar o desenrolar do processo de transformação historiográfica em linha cronológica.

Michel Roquebert se destacou nesse momento, retomando a forma de história institucional feita por Guiraud e Molinier no início do século, mas acomodando os tradicionais temas políticos em novos lugares, dentro do processo histórico e nas sociedades. Em 1971, publicou o primeiro volume da *L'epopée cathare*²⁰⁰, em que reconstruiu a história da cruzada albigense sob o ponto de vista dos jogos de poder e das diferentes forças que faziam com que se desenrolassem os acontecimentos. Para isso, o autor considerou duas espécies de fontes: as contemporâneas ao fato – *La Chanson de la Crusade*, *L'Histoire Albigeois* de Pierre de Vaux-de-Cernay e as *Chroniques* de G. de Puylaurens – e as diplomáticas. Baseando-se em seu conhecimento sobre a nobreza rural languedociana acolhedora do catarismo, tentou levar em conta todas as fontes de que dispunha e equilibrar o papel dos principais personagens, tomando cuidado especial para não se deixar influenciar pelo exagero das fontes. Para o autor, o catarismo foi uma ideologia minoritária que se opunha à dominante, cuja emergência se deu pelo descaso do clero languedociano, que preferia estar envolvido com os camponeses e com os prazeres do século, somado à postura dos príncipes do “*pays occitan*”²⁰¹. O movimento cátaro teria surgido, então, a partir de duas origens, o anticlericalismo e a pregação bogomila, que encontrou um terreno favorável às suas ideias.

Chamamos a atenção também para o historiador irlandês Robert Moore, responsável por uma importante contribuição para a evolução dos estudos cátaros e o surgimento de uma nova corrente historiográfica. Podemos dizer que sua tese fundou uma nova tradição historiográfica²⁰². Moore descreveu os dissidentes como uma manifestação da ‘onda reformadora’, saída do seio da instituição eclesiástica. Contudo, aponta para a construção de um discurso específico das autoridades católicas ligadas diretamente ao papado, cuja estratégia estava direcionada à transformação da sociedade cristã, tradicio-

²⁰⁰ ROQUEBERT, Michel, *L'Épopée Cathare 1198-1212*. Toulouse: Privet, 2 volumes, 1971-1978.

²⁰¹ ROQUEBERT, Michel, Idem, contra capa.

²⁰² Observação feita por IOGNA-PRAT, Dominique, “Prefácio” in SANCHEZ, Pilar Jimenez, *Les Catharismes. Modèles dissidents di catharisme médiévale. (XII^e – XIII^e siècles)* Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.

nalmente caracterizada pela acusação regrada por normas definidas, em uma sociedade de perseguição, cujas chances de defesa dos perseguidos estavam sumariamente reduzidas²⁰³. Segundo o autor, o processo unificador conduzido pela Igreja e príncipes em torno do papa, se apoiava, de modo geral, sobre a perseguição e exclusão dos marginais, dos diferentes. Podemos perceber os primeiros sinais da postura persecutória na carta escrita por São Bernardo e enviada ao conde de Toulouse, na década de 1140. Antes de sua chegada às terras toulousanas, o abade cisterciense “previne” o conde, lembrando-o de seus deveres para com a Igreja e a fé cristã e revelando ameaças veladas. Refere-se ainda ao herege Henrique, que já havia sido expulso de várias localidades do reino de Francia, que fora encontrado nos domínios do conde.

Para ele, a Igreja tinha a intenção de deixar clara a ameaça que o catarismo representava para a sociedade. Em sua tese, diz que foi Inocêncio III quem deu os meios espirituais e jurídicos, além de abrir a possibilidade do uso das armas para lutar contra eles. Moore, dentro do projeto de transformar a sociedade em uma unidade em torno da autoridade da igreja, defende que a sociedade europeia tornou-se uma sociedade de perseguição. Para ele, o surgimento da Inquisição não está associado exclusivamente à repressão do catarismo.

Seguindo a corrente interpretativa da Nova História Política, Jean-Louis Biget apoiou a sua tese sobre o surgimento do catarismo muito mais sobre as causas políticas do que naquelas de fundo religioso. Para ele, o fenômeno estava ligado à insubordinação política dos príncipes meridionais em relação às autoridades pontifícia e monárquica, apoiadas nas especificidades da região do Midi naquele período. Para ele, a repressão ao catarismo foi apenas um motivo elaborado pelas autoridades ligadas aos interesses da Cúria Romana e das cortes monárquicas para invadirem as terras do conde de Toulouse e do visconde de Trencavel. Esses, por sua vez, também lançaram mão do discurso da repressão aos hereges para se defenderem, direcionando a ofensiva para seus adversários.

Com a chegada da última década do século passado, novas perspectivas se abrem ao estudo do catarismo. Na Inglaterra, um grupo de historiadores se reuniu em congresso para debater sobre a formação e evolução da cultura oral e escrita. Sob o título

²⁰³ Principalmente as ordens cisterciense e premonstatense até o XII. Depois de 1180, as contradições entre discursos e práticas na sociedade encaminham-se para o recrudescimento do confronto, e o modelo criado por estas ordens se mostra improdutivo. O desenrolar dos fatos trarão uma nova ordem religiosa para a posição central do confronto, os dominicanos e a inquisição. Segundo o autor, surgia um novo tipo de sociedade: a sociedade de Perseguição. MOORE, R. *The Formation of Persucuting Society: Authority and Deviance in Western Eurepoe, 950 – 1250*. Blackwell, 2007.

Heresy and Literacy, reuniu diversos especialistas em torno da questão da relação entre a ascensão da escrita e a heresia, e vários trabalhos discutidos nessa ocasião foram publicados pela Cambridge University Press²⁰⁴, abrindo ao estudo do catarismo a possibilidade de uma origem discursiva. Essa hipótese foi abraçada pelo grupo de historiadores de Nice, reunidos em torno da discussão sobre a invenção das heresias pelos teólogos e polemistas católicos. Entretanto, entre os historiadores franceses, a abordagem estava relacionada também aos progressos da escrita, mas principalmente nos avanços em sua conservação.

A partir de 1993, a historiadora Monique Zerner organizou em Nice uma série de seminários de estudos reunindo historiadores franceses, todos pesquisadores do CNRS (Centre Nationale des Recherches Scientifiques) e do CEPAM (Centre d'Études de Pré-histoire, Antiquité et Moyen Age) que, incomodados pela situação das pesquisas sobre o catarismo na França, questionavam a forma como a historiografia descrevia o objeto, tomando como incontestáveis as informações contidas nas fontes medievais. O objetivo do grupo era refletir e sugerir novos caminhos e interpretações diferentes daqueles retomados incessantemente pelos historiadores ao longo dos séculos e que reproduziam os modelos estereotipados criados por seus algozes. Nesse ponto, divergiam dos ingleses voltados para a *Literacy*, preocupando-se principalmente com questões relativas a manipulações textuais.

As propostas apresentadas nos seminários de Nice queriam acomodar a heresia “entre a prática social e o discurso elaborado pela política eclesiástica”²⁰⁵. Para eles, havia no Ocidente cristão uma determinada ordem social estabelecida sobre mecanismos de poder e de controle determinados pelas autoridades católicas ao longo do processo de centralização da autoridade eclesiástica em torno do pontífice romano²⁰⁶.

Para elaborarmos uma visão geral dos debates, podemos dividir os textos em três grandes grupos, que representam diferentes fases da intensidade com que a igreja interferiu na sociedade. Nos primeiros textos, o foco está na construção da ‘ortodoxia cristã’ e como esse processo se deu a partir da necessidade de combater disputas e controvér-

²⁰⁴ BILLER, Peter and BRENNON, Anne (dir.), *Heresy and Literacy, 1000-1530*. Col. Cambridge Studies in Medieval Literature. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. Aqui os autores relacionam a heresia com o florescimento da cultura escrita do século XII.

²⁰⁵ ZERNER, Monique (org.) *Inventar a heresia? Documentos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Op. cit.

²⁰⁶ Os trabalhos apresentados nestes seminários foram encerrados por uma mesa redonda, cujo resultado foi publicado em forma de livro em ZERNER, Monique (org.), *Inventar a heresia? Documentos polêmicos e poder antes da Inquisição*. Op. cit.

sias na interpretação das Sagradas Escrituras. Em seguida, estão expostos trabalhos que analisam o período em que se desenvolve a Reforma da Igreja e a reforma monástica, cujos desdobramentos colocaram os mosteiros de Cluny e Cister à frente dos assuntos relacionados à defesa dos interesses da igreja reformada.

Chama nossa atenção, nesse período, o espaço aberto para o diálogo e a argumentação testemunhada pelos documentos, entre a heresia e os esforços eclesiásticos nos séculos XI e XII para normatizar e implementar os preceitos reformistas a todas as comunidades cristãs que se transformaram ao longo do século XII. Por fim, para demonstrar a mudança de postura da igreja frente à heresia, foram apresentados nos seminários alguns estudos de caso a fim de observar a transição da argumentação ao ‘combate espiritual e físico’ antes da Inquisição.

Guy Lobrichon interpretou o processo de Arras como uma forma de afirmação das forças políticas ligadas ao império na disputa por regiões em litígio que ‘traduz muito mais a consolidação dos anseios eclesiásticos do que as aspirações dos hereges’²⁰⁷. Suas atas são uma “obra de arte da retórica”. Para o autor, o sínodo significa o rompimento com o sistema de justiça carolíngio. Dominique Iogna-Prat apresenta o *Contra Petrobrusianos* escrito por Pedro, o Venerável, como o primeiro de muitos tratados anti-heréticos. Até então, usava-se organizar compêndios de textos antigos, e a novidade demonstra uma mudança na postura da igreja frente a heresia. Sobre esse mesmo processo, Monique Zerner escreve sobre a passagem da argumentação ao apelo às armas contra os hereges. O estudo apresentado por Michel Lauwers pretende esclarecer a tensão existente no interior do jogo de poder entre a necessidade de consolidação da ortodoxia e o combate às dissidências, chamadas heresias. Para ele, a heresia é o produto de um discurso produzido pela instituição eclesiástica no processo de auto afirmação no controle da sociedade. M. Rubellin contribui com uma reflexão que inspira a possibilidade de desdobramentos e aprofundamentos. Ele discute o papel de Valdo dentro do conflito de interesses no interior da igreja de Lyon, entre bispos e o clero, reformados e não reformados, apegados aos costumes locais tradicionais ou entusiastas pelas reformas, além de mostrar que a historiografia das décadas 60/70 generalizaram demais as análises. Para ele, as particularidades e questões regionais foram negligenciadas, o que aponta para a necessidade de res-

²⁰⁷ LOBRICHON, Guy, “Arras, 1025, ou o Processo verdadeiro de uma falsa acusação” in ZERNER, M., *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da inquisição*. Op. cit.

tituir o caráter regional aos movimentos e parece nos sugerir um questionamento sobre a “liberdade de pensamento”.

Jean-Louis Biget apresentou uma parte de uma pesquisa mais completa sobre a história do Catarismo, na qual ele criticou a historiografia da segunda metade do século XX, por persistir em rotular os movimentos de “cátaros”, tirando sua identidade local e dando uma noção atemporal e universal. Também critica firmemente o uso feito dessa historiografia para criar uma imagem de valor heroico para os hereges languedocianos, precursores da liberdade, da tolerância e da resistência à opressão. Ou ainda, tentando construir uma “identidade nacional francesa” e de especificidade occitânica para tirar proveitos econômicos do turismo e dando origem a grande produção de textos místicos e exotéricos. Para Biget, a parcela política dos confrontos foi determinante, mas a motivação era localizada.

3 - Considerações sobre o século XX

Na última década do século passado, os debates historiográficos sobre a história do catarismo levaram a comunidade acadêmica a repensar a produção do conhecimento até então produzido sobre o tema. Por meio de um estudo comparativo, traremos mais uma vez o debate entre a influência da produção do conhecimento vanguardista, no nosso caso conduzida principalmente entre historiadores franceses e italianos, mas sem dúvida conquistando o interesse e a importante participação de medievalistas de outras nacionalidades. Consideramos, então, a reedição atualizada da obra que, no capítulo anterior, apontamos como representante da historiografia oitocentista: a *The New Cambridge Medieval History*²⁰⁸. A editora responsável²⁰⁹ pela edição da obra retomou os projetos de produção de manuais históricos e planejou essa reescrita da obra monumental publicada a partir de 1911.

Paralelamente ao ciclo de reflexões e debates da última década do século XX, a Cambridge University Press empreendeu a renovação do projeto dos manuais históricos que a havia revelado como grande editora comercial no início do século. Como parte deste projeto, planejou uma nova edição da obra, a NCMH, com objetivo de dialogar com os

²⁰⁸ Doravante chamada apenas NCMH.

²⁰⁹ A editora responsável pelo novo projeto foi a mesma do projeto do início do século, a *Cambridge University Press*.

recentes debates, à luz das novas perspectivas e abordagens historiográficas. Encaixando-se perfeitamente em nossa proposta sobre a influência efetiva dos debates na historiografia em geral.

E assim, como em 1911, os editores de Cambridge decidiram escrever uma narrativa histórica que fosse capaz de servir de referência para o trabalho do historiador e para todos aqueles que se interessam pela Idade Média. Na obra renovada foi mantida a divisão cronológica do período medieval, escolhida anteriormente, mas internamente a cada espaço de tempo, novas subdivisões foram criadas para atender as demandas historiográficas recentes. O conteúdo de cada volume se apresenta de forma mais extensiva, pretendendo abranger as dimensões sociais, econômicas, intelectuais e políticas. Com esse objetivo, também foram convidados especialistas de todas as áreas do conhecimento histórico a contribuir com suas pesquisas mais recentes. O tema das heresias foi desenvolvido no volume IV, referente aos séculos XI - XIII, sob a responsabilidade do professor de História Medieval da Universidade de Sheffield, David Luscombe; e Jonathan Riley-Smith, professor de História Eclesiástica na Universidade de Cambridge. Dentre os colaboradores, coube a Bernard Hamilton²¹⁰ escrever sobre os movimentos divergentes do período. Já podemos perceber uma importante mudança a concepção desta versão da obra, quando foram escolhido medievalistas experientes nos temas específicos, enquanto anteriormente o período medieval havia ficado à cargo de historiadores da Antiguidade que também se interessavam pelo medieval. Esse fato trará uma abordagem histórica do período essencialmente diferente da anterior.

Em um capítulo intitulado “*Religion and the laity*”, o autor apresenta a Igreja do século XI como uma força dinâmica, capaz de expandir-se com rapidez, mesmo em condições adversas. Responsável pela organização de maneira uniforme, embora desigual e esparsa, de todo o Ocidente cristão. Reforçando a tese dos autores de 1911, defende a grande contribuição das invasões bárbaras, a partir do século IX, para a construção da Europa Moderna. Para ele, frente às mudanças impulsionadas pela absorção das novas culturas, e às mudanças na civilização do ocidente medieval, a Igreja foi a única instituição comum e presente em toda a Europa cristã, capaz de liderar o processo de restabelecimento da ordem em torno de sua autoridade, representada pelo papa romano e sua cúria. E construiu seu poder e influência em torno de uma rigorosa hierarquia, assemelhando-se

²¹⁰ Hamilton Bernard, nascido em 1932, é professor emérito de História das Cruzadas na Universidade de Nottingham

aos moldes monárquicos. Sob a condução do Papa, tinha a pretensão de transformar a sociedade de cristãos em sociedade cristã. Porém, embora toda essa unificação em torno da Igreja de Roma, o autor chama a atenção para o fato de que não se pode falar de generalização da fé e da prática religiosa na população laica. Não há registros suficientes e/ou confiáveis para essa conclusão e tudo que é afirmado em torno disso são apenas hipóteses.

O autor mostra que o trabalho nas paróquias, de modo geral, era responsabilidade do baixo clero, cujo nível de educação era baixo, e seus conhecimentos sobre os dogmas da fé, limitados. Isto é, dentro da Igreja Católica existiam níveis diferentes de formação, não só teológica e filosófica, mas de conhecimento dos dogmas da fé, nitidamente voltado para a preparação daqueles que estavam predestinados aos cargos eclesiásticos mais elevados e os que seguiriam o caminho de pastores em suas paróquias. Havia, segundo o autor, um fosso entre o clero que recebia treinamento e erudição nas escolas monasterias, destinados aos altos cargos na hierarquia da Igreja, e aqueles que conduziam os fiéis nas mais diversas paróquias, longe dos centros de difusão religiosa expostos às influências exercidas pelos costumes e superstições locais. Esse fato, diz Hamilton, dificulta a certeza da permanência da crença pagã no Ocidente cristão. Nas áreas onde a “cristandade estava estabelecida”, o paganismo parece ter emergido do folclore, pois a “imaginação popular manteve a dimensão pagã” ²¹¹. A batalha intelectual verificada no XI demonstra que havia necessidade de construção de um modelo de mundo cristão e uma única forma de pensar o mundo em que viviam. Apesar das diferenças de entendimento, “na sociedade do XI, o povo leigo em geral aceitava a explicação cristã do universo, incluindo a imortalidade pessoal e a responsabilidade por seus atos diante de Deus”. Valorizava muito as reformas implementadas pela Igreja Católica desde o século X, e tinham, na vida dos monges, o exemplo máximo da virtude cristã.

O professor Hamilton afirma que, na fase inicial do movimento reformador, existiam dois tipos de homens: o primeiro estava em comunidades religiosas, monastérios reformados, que alcançaram muito prestígio e riquezas. Os monges eram, geralmente, de origem nobre e dedicavam seu tempo à contemplação e a oração, em elaboradas liturgias. O outro modelo era constituído pelos eremitas, que buscavam no rigoroso ascetismo do cristianismo primitivo séculos IV – V, o exemplo de vida cristã. Abos tinham origem no mais amplo espectro social e dedicavam-se à oração. A extensão de sua influência sobre

²¹¹ NCMH, Vol. IV part I, pp. 500.

os assuntos seculares gerou conflitos de poder entre bispos, abades e autoridades locais e exerceu grande influência sobre as comunidades laicas.

Desde o início do século XI encontram-se relatos de grupos leigos que levavam a sério a vida religiosa, mas que não optaram pelo caminho da vida monástica, indicado pela Igreja. Por apresentarem um caráter ascético, os teólogos católicos medievais descreveram-nos como “hereges”. Baseados na autoridade dos escritos de Santo Agostinho associaram diferentes tipos de manifestações de fé ao ressurgimento do maniqueísmo²¹².

Apesar de todos os debates sobre a origem e a difusão dos movimentos dissidentes, o autor inglês se mantém preso à teoria do folclore e da religiosidade popular, dominante na década de 1970. Dialogando com as novidades acadêmicas em sua narrativa, Hamilton diz não haver unanimidade entre os especialistas sobre a origem desses movimentos. Diz ele que muitos estudiosos questionaram em recentes trabalhos a origem das heresias, considerando o fato desses grupos dissidentes serem inteiramente ocidentais e reformistas²¹³. Esses autores argumentam que nenhum dos hereges foi acusado de dualismo e, apontam a inexistência de evidências de origem dissidente que comprove a sua ligação com o oriente. Afirmam apenas que viviam de forma ascética para alcançar a perfeição da vida monasterial, e que é possível traçar os antecedentes ocidentais de suas doutrinas. O professor Bernard afirma que ambas não são inteiramente convincentes. Que a afirmação de que os escritores medievais aplicaram o nome “maniqueus” indiscriminadamente, para dissidentes com tendências ascéticas, é arbitrária. Que não os acusavam de dualismo porque maniqueísmo, por definição, já era dualista. E, assim como no oriente, foram hostis à Igreja Católica. Herdaram dos cristãos ortodoxos gregos a tradição das escrituras vernaculares, possível instrumento de instrução dos convertidos ocidentais. A origem bogomila responde a muitas questões que os autores de hoje não conseguem responder. Em sua opinião, ainda há necessidade de uma consideração detalhada do fenômeno herético medieval, “pois era a expressão de um novo tipo de piedade leiga, uma que a igreja deste período teve dificuldades de conter.” Para ele, as fontes sugerem que seu ensinamento chegou ao ocidente trazido por emissários bogomilos. Possivelmente, estes foram vistos como monges em peregrinação a santuários no ocidente, e aqui, encontraram facilidades para disseminar sua crença sem que fossem rotulados como hereges. Enquanto as adesões se davam entre os muros dos mosteiros, não foram chamados de hereges.

²¹² CHENU, M. D., Ortodoxia e herejia: el punto de vista del teólogo. In LE GOFF (org.), *Herejías y Sociedades em la Europa pré industrial, siglos XI – XVIII*. Cerro del Agua: Siglo Veintiuno editores, as, 1987.

²¹³ Como Monique Zerner, Pilar Jimenez Sanchez, Jean-Louis Biget e outros.

Havia espaço para o debate e a contra argumentação. Porém, ao alcançarem grupos leigos, chamaram muita atenção e foram vistos como exóticos e perigosos, provocando reações dos católicos. Paralelamente, desde meados do século XI, o papado conduzia um movimento de reforma na Igreja. Inicialmente procuravam estender o celibato ao clero, e suprimir a simonia, atendendo às rigorosas críticas recebidas, tanto no âmbito interno quanto externo à instituição; mas também, e talvez principalmente, com objetivo de livrar a Igreja da intervenção laica, principalmente do Sacro Império.

A partir de Gregório VII, o movimento reformista toma força e se torna mais rigoroso. Aspira a livre eleição canônica do alto clero e o fim das interferências do poder temporal nos assuntos eclesiásticos. Toda a segunda metade do século XI foi marcada por esta disputa entre as normas impostas pela Igreja de Roma e os costumes ocidentais, pelo enfrentamento entre o poder temporal e o espiritual, em busca de hegemonia. Ao chegar o século XII, o papado havia se tornado um poder dinâmico dentro e fora da Igreja ocidental, e estendia sua influência à maioria dos povoados, através da instalação de paróquias. Porém, o fervor espiritual da reforma havia se perdido.

Segundo o autor, a existência de paróquias por toda a Europa Ocidental também aproximou a prática da vida cristã à maioria do povo leigo, embora não haja evidências de celebração regular de missas de domingo. Segundo o autor não se pode afirmar se foi a população que se aproximou da Igreja ou se as paróquias se aproximaram dos costumes e crenças populares. A proximidade provocou aumento do conflito entre clérigos e leigos, e dificulta saber com certeza, com que rigidez ou generalizações, as normas impostas pela Igreja Católica foram aplicadas. Na segunda metade do XI parece ter existido uma total ausência de religiosos dissidentes na Europa ocidental. Este período coincide, é claro, com a mais intensa fase do movimento de reforma papal. Isso explicaria porque leigos que escolheram viver uma vida de perfeição não pensaram em formar grupos separados, mas que poderiam aproveitar o suporte do Papa em sua busca de purificação da Igreja e da prática da vida cristã. Os Patarinos de Milão exemplificam esta tentativa.²¹⁴ Na medida do crescimento do poder episcopal, e de sua influência sobre os assuntos referentes aos interesses materiais, as ideias reformistas conquistavam os senhores locais, insatisfeitos com a interferência eclesiástica em assuntos referentes a seus interesses locais. O interes-

²¹⁴ PATARINOS – Religiosos reformadores, que se opunham ao bispo e aos costumes de Milão, como o casamento de padres, o pagamento à Igreja e a corrupção do clero. Diziam que eram inválidos os sacramentos ministrados pelo clero sem moral. Foram responsáveis por introduzir a chamada ‘reforma gregoriana’ em Milão. In BJORK, Robert (Ed.), *The Oxford dictionary of the Middle Ages*, Vol. 3, pg 1266.

se dos laicos em buscar instrução nas escolas catedrais e urbanas aumentou. Frequentemente esses estudantes eram vistos como clérigos, embora nunca tenham sido ordenados, contudo, casavam e viviam como laicos. A sociedade mudava rapidamente no século XII, mas desta vez a Igreja Católica não se manteve a par dessa mudança. Hamilton afirma que a capacidade de ler e escrever eram neutras, e embora a propagação da alfabetização possa ter ajudado ao aumento do número de divergência religiosas, indubitavelmente também levou a um crescimento de leitores devotos e um aprofundamento do entendimento da fé cristã entre o público laico. A sociedade buscava viver sob os ensinamentos cristãos, mas a renúncia ao mundo, opção feita pelos monges, continuava a ser o modelo de dedicação à vida cristã, defendido pelas autoridades católicas. Contudo, muitos tomaram a vida contemplativa como único ideal cristão fora dos mosteiros. Nesse ponto podemos apontar a intenção do autor em dialogar com os debates acirrados ocorrido dentro da academia inglesa, voltada para a questão da influência da escrita e da leitura nas transformações sociais e no surgimento das heresias²¹⁵, e a influência exercida pelos trabalhos aí apresentados sobre toda a comunidade acadêmica, dentro e fora da Inglaterra.

Segundo a tese defendida por Hamilton, a reaproximação de Roma com as igrejas ortodoxas bizantinas, através do papado de Urbano II (1088-1099) e a Primeira cruzada, lançada por ele, favoreceu o contato entre o Oriente e o Ocidente, cuja intensificação abriu o caminho para o influxo de bogomilismo. Nas primeiras décadas do século XII já havia um número considerável de dissidentes religiosos e crescia o sentimento anticlerical. A reforma havia perdido o fervor, e com ele, o apoio popular. Do ponto de vista da Cúria Romana, a reforma havia avançado muito, mas ao nível das paróquias, as mudanças haviam sido pequenas, insuficientes²¹⁶.

Na primeira metade do século XII, os movimentos reformistas se espalharam pelo ocidente cristão. A maioria deles era dependente de seu heresiarca, e se desfaziam após sua morte. Mesmo assim, mostraram que havia descontentamento com a Igreja Católica em muitas partes da Europa Ocidental. Hamilton afirma que seria um engano atribuir apenas causas negativas à popularidade desses movimentos. Mas que igualmente, ou até

²¹⁵ Aqui estamos nos referindo ao Colóquio “*Heresy and Literacy*”(1000-1530), organizado por Piter Biller e Anne Hudson, publicado em formato de livro pela Universidade de Oxford em 1996.

²¹⁶ Os mosteiros de Cluny, fundado por volta de 910, e o mosteiro cisterciense, fundado em 1098, foram as principais ordens reformadoras. Sua vida austera, o respeito à hierarquia e a rigidez com a qual defendiam o movimento reformista, serviam de exemplos para toda a comunidade cristã. E, ainda estavam diretamente ligados ao Papado. O Papa Urbano II (1088 – 1099) foi Grão Prior da Abadia de Cluny, e Inocêncio III (1198 – 1216) pertenceu a Claraval (ordem cisterciense), antes de serem eleitos.

mais importante, foi que os pregadores dissidentes ofereciam aos leigos um papel ativo em suas comunidades religiosas, compatível com a vida comum, o que não foi oferecido pela Igreja Católica. Em sua tese, o sucesso, alcançado pelo novo dualismo do século XII, se deu devido a sua habilidade de capitalizar os descontentes religiosos e as frustrações espirituais com o catolicismo. Aqueles que se afastavam da Igreja Católica foram nomeados Cátaros, mas para o povo laico, se pareciam com uma retomada do movimento reformista.

Segundo o autor, existe uma concordância universal entre estudiosos, que o século XII assistiu à emergência de dois tipos de dissidentes no ocidente. O primeiro refere-se a movimentos reformistas com objetivo de purificar a igreja, mas que por diversas razões se tornaram cismáticos; e o outro, ao movimento dualista cristão de origem Bizantina, como o Catarismo. Os cátaros procuravam derrubar o Catolicismo e estabelecer uma nova Igreja no Ocidente. Não há evidências, segundo o autor, que comprovem a ligação ou a continuidade dos movimentos dissidentes do século XII e as heresias do século anterior. Ele afirma que ambas tiveram origem em uma fonte comum, o dualismo dos Bálcãs, de tradição ascética. Os primeiros desapareceram com a perseguição e morte de seus líderes, mas quanto ao catarismo, a data precisa que alcançou o ocidente é matéria de controvérsias, que ainda não foram resolvidas. Para ele, haviam várias igrejas cátaras, que foram unificadas em 1167, no Concílio de São Félix.

A existência deste concílio é muito debatida entre os especialistas, devido ao fato que a única referência a ele nas fontes, é uma carta, Carta de Niquinta, cuja autoria é questionável. Ele, porém, argumenta que a carta é genuína porque contém informações conhecidas hoje sobre o Catarismo frances, mas que não eram conhecidas à época em que foi redigida. Os possíveis erros de data estão relacionados a erros de cópia. Concorde que não há suporte para afirmar que Nicetas era o Papa dos heréticos, mas afirma que o Concílio “unificou as incipientes igrejas cátaras do ocidente da Europa em uma única ordem, comprovando sua ligação com as igrejas dualistas do Império Bizantino”. No sul da França, o trabalho do concílio provou ser de longa duração.

Hamilton diz ainda que, a popularidade dos dissidentes nesta região está relacionada com a sua organização e ao fato de não estarem apoiados em um único líder. Mas principalmente porque sua pregação estava em harmonia com as aspirações espirituais da época. Foram acolhidos e receberam ajuda e proteção dos senhores locais, fortalecidos pela fragmentação política e a estrutura provincial arcaica da região. Em contrapartida, a

atitude da Igreja mudou, precisou tornar-se mais rigorosa. Mas fé e a ordem ali estabelecida pelos cátaros enfrentaram a Cruzada Albigense e, mais tarde, a Inquisição.

No século seguinte, o surgimento de ordens mendicantes ofereceu a possibilidade de alcançar a perfeição espiritual, vivendo fora do isolamento monástico. A partir de então, os movimentos heréticos perderam o vigor e não foram mais apoiados pelo povo. A prática religiosa da população laica pode ser atendida pela Igreja Católica, com variados graus de fervor ou indiferença.

CONSIDERAÇÕES FINAIS – A PESQUISA SOBRE O CATARISMO HOJE

Retomando o capítulo anterior, podemos agrupar os autores do século XX em quatro tendências historiográficas principais. A primeira abarcaria toda a primeira metade do século: herdeiros da visão oitocentista dos cátaros, permeada por questões de caráter romântico, regionalista, místico ou esotérico. Percebemos que, nesse período, as pesquisas sobre o catarismo valorizaram os aspectos dogmáticos e teológicos. Destacamos os autores Célestin Douaiss e seu aluno Jean-Marie Vidal, que foram responsáveis por pesquisas e descobertas de documentos franceses do período da Inquisição. Ambos haviam nascido na região e buscavam explicações para o que havia acontecido ali. Realçamos também a importância do padre dominicano Antoine Dondaine, responsável pela descoberta de um dos documentos mais importantes para a história do catarismo, o *Livro dos dois princípios*. Contudo, mantiveram-se ligados à leitura literal dos textos anti-cátaros e continuaram a relacionar o dualismo ocidental a seitas orientais.

Dentro dessa mesma tendência, podemos identificar uma subcorrente, que pretendia confrontar os heresiólogos católicos. Foram os historiadores das religiões que trouxeram a metodologia comparativa das religiões para o estudo do catarismo. Eles esquematizaram as doutrinas heréticas, mas não conseguiram o aprofundamento necessário, como, por exemplo, o inglês Steven Runciman, responsável por traçar os caminhos pelos quais a tradição dualista havia chegado ao Ocidente e que os cátaros representaram a última versão desse dualismo. Para ele, essa tradição dualista pertencia a uma Igreja estru-

turada, estrangeira ao cristianismo ocidental e, mesmo reconhecendo as diferenças, dizia que os cátaros estavam mais próximos do maniqueísmo que do cristianismo.

A publicação do *Traité contre les bogomiles de Cosmas le Prêtre* e da *Interrogatio Johannis* por Henri Puech e André Vaillant estimulou essa corrente interpretativa que depositava no Leste Europeu, em plena Guerra Fria, a fonte do mal que assolou o Midi.

A segunda tendência revelou-se predominante nas décadas de 1950/60, cuja principal característica foi a crítica à visão tradicional. Vimos a realização de vários congressos reunindo medievalistas interessados na história das heresias medievais para debaterem entre si suas pesquisas, descobertas e hipóteses de interpretação. Os medievalistas italianos se destacaram nesse processo, e privilegiaram em seus trabalhos a abordagem de aspectos sociais, espirituais, étnicos e históricos, em detrimento do aspecto doutrinal e teológico. Na Itália, talvez por influência do marxismo histórico, os historiadores deixaram de olhar para o catarismo como vestígios de antigas religiões ou simplesmente filhas de seitas orientais. Para eles, a heresia havia emergido do contexto ocidental, no qual a Igreja tentava impor as conquistas do movimento reformista e os progressos sociais, econômicos e políticos, principalmente aqueles impulsionados pelo crescimento da vida urbana e comercial, que resistiam a elas²¹⁷.

A terceira tendência historiográfica emergiu entre 1970/1980 e o principal aspecto que a diferencia das outras foi a valorização do aspecto cristão do fenômeno medieval e a relação entre o dualismo medieval no Ocidente e o do Oriente. A incorporação de novos objetos de pesquisa e novas abordagens historiográficas sobre os já existentes proporcionaram o desenvolvimento de olhares inovadores sobre a temática das religiões e sobre as manifestações e práticas religiosas.

Nos anos 1970/80, vemos surgir alguns trabalhos que inspiram gerações de estudiosos. Jean Duvernoy, por exemplo, foi um tradutor, transcritor e editor de fontes para pesquisa²¹⁸. Para esse autor, o catarismo foi produto dos movimentos espiritualizados surgidos no Ano Mil, que resgataram doutrinas antigas judaico-cristãs assim como os questionamentos dualistas paleocristãos. Também queremos destacar Robert Moore, cujo

²¹⁷ MORGHEN, Raffaello, *Medioevo Cristiano*. Biblioteca cultura moderna, vol. 88. Laterza: Universale Laterza, 1974.

²¹⁸ Jean Duvernoy não só editou e publicou diversas fontes cátaras, mas tem um site no qual disponibiliza gratuitamente diversas fontes a estudantes e pesquisadores interessados no catarismo. <http://jean.duvernoy.free.fr>.

trabalho levantou a tese da transformação da sociedade em uma sociedade de perseguição, por meio de uma associação escolástica do direito romano e canônico.

Por fim, nas duas últimas décadas, vemos a preocupação com as questões referentes à escrita se sobressaírem nas pesquisas. Os medievalistas interessados no catarismo preocupavam-se com as estratégias discursivas e políticas da Igreja usadas pelos teólogos e polemistas para a construção da heresia. Duas linhas se destacam e interagem nesse momento. Os historiadores anglo-saxões estavam envolvidos com a compreensão da relação entre o desenvolvimento da escrita no século XII e suas consequências e influências sobre a sociedade. Brian Stock²¹⁹, em 1983, dizia que as heresias refletiam as mudanças da relação entre a oralidade e a escrita, sob uma perspectiva antropológica. Ele criou a expressão conceitual “comunidades textuais” para definir as relações entre os textos e a realidade.

Na década seguinte, destacamos o colóquio dirigido por Peter Biller e Anne Hudson – *Heresy and Literacy 1000-1530* – dedicado a explicar a relação entre o desenvolvimento da escrita e o surgimento da heresia. Biller esclarece no prefácio das Atas do Colóquio que estavam ali reunidos para entender se a *Literacy* havia promovido a heresia popular ou se foi a heresia que forneceu os estímulos necessários para o desenvolvimento e a prática da escrita. A questão da origem e da natureza do catarismo não estava sendo questionada neste momento, mas sim a importância da preservação da escrita em uma cultura ainda marcada pela oralidade e qual seria a relação entre as duas culturas. Os pesquisadores basearam suas pesquisas em tratados de refutação e exposições doutrinárias tardias do século XIII, o que favoreceu a reatualização do maniqueísmo ou de outra seita oriental como origem do dualismo ocidental.

Em 1993, na Universidade de Nice, a historiadora Monique Zerner organizou um Seminário de Estudos, que se estendeu por três anos e foi finalizado com uma mesa redonda em que foram debatidas as teses apresentadas ao longo dos encontros. A temática central dos debates foi a “Invenção da Heresia” por parte dos polemistas católicos nos séculos XII e XIII.

Com a chegada de um novo século, os pesquisadores do catarismo podem ser agrupados em duas tendências principais. A primeira mais tradicionalista, herdeira dos esforços de Jean Duvernoy desde a década de 1950. Dentre os adeptos dessa linha inter-

²¹⁹ STOCK, Brian, *The implications of literacy. Written Language and models of interpretation in the 11^o and 12^o centuries*. 1983.

pretativa, destacamos Michel Roquebert, Anne Brenon, Francisco Zambón e Lorenzo Palolini. A segunda, mais inovadora e questionadora, caracteriza-se pela soma dos questionamentos das últimas décadas, e pretende desconstruir a história dos cátaros para que novas contribuições e reinterpretações possam alcançar a compreensão dos eventos medievais. Podemos dizer que as duas tiveram sua origem nos questionamentos levantados a partir da década de 1970 e 80 com a preocupação com a escrita e sua significação. Se, por um lado, os anglo-saxões estão voltados para a relação entre a escrita e a oralidade e colocam as heresias entre a transmissão da tradição oral e o acesso à cultura escrita, por outro lado, os pesquisadores franceses estão preocupados com a construção discursiva de uma verdade. Existiria uma perspectiva correta para se abordar a história do catarismo?

Acreditamos que a retomada da História política e das Instituições pode dar grande contribuição para o impasse criado pela bipolaridade historiográfica atual. Da mesma forma, vemos a necessidade de estudos aprofundados sobre as relações dos cátaros com seitas orientais, no contexto histórico e institucional da produção das fontes contra os bogomilos. No Brasil, o historiador Leandro Rust tem publicado trabalhos importantes de reavaliação de fontes, buscando reescrever a história das transformações ocorridas na sociedade cristã ocidental nos séculos XI a XIII, principalmente o papel desempenhado pela instituição eclesiástica e o papado. Vemos que os conceitos usados para a escrita da história medieval estão sendo questionados pelos medievalistas e o resultado desse esforço é promissor. Entretanto precisamos estar atentos aos extremismos.

Em 2009, o historiador Julien Théry demonstrou que as abordagens feitas por autores do século XX, como Morghen, por exemplo, estão confirmadas sobre vários aspectos. Segundo o autor, parece haver consenso historiográfico que a Igreja combateu todo e qualquer movimento contestatório usando o nome “heresia” como qualificador, não importando se estivesse relacionado a questionamentos doutrinários, evangélicos ou institucionais. Outro ponto que parece haver consenso diz respeito à falta de unidade, estrutura e organização dos “cátaros”. Théry afirma ainda que as heresias fazem parte da evolução estrutural da Igreja como uma instituição independente e centralizadora, com pretensões hegemônicas sobre a sociedade laica. Neste ponto, chamamos a atenção para o trabalho da professora Pilar Jimenez, publicado em 2009, no qual ela inverte o ponto de partida das pesquisas colocando o objeto de estudo no plural²²⁰ - catarismos – evidenciando as especificidades regionais de cada movimento. Reforçando a tese de Biget, quando ele

²²⁰ IOGNA-PRAT, Dominique, “Préface” dans JIMENEZ SANCHEZ, Pilar, *Les Catharismes*. Op. Cit.

afirma que a Igreja atribuiu aos heréticos uma estrutura e uma coerência que eles não tinham²²¹. Para essa mesma autora, o trabalho de Robert Moore, na década de 1980 foi fundamental para abrir novas perspectivas de estudo sobre a sociedade medieval e suas instituições, assim como para a identificação do herético.

Se é correto dividir a historiografia atual em duas tendências predominantes, também podemos apontar que ambas defendem suas teses com fervor, o que provoca momentos de tensão e ataques entre os grupos. Em 2005, por exemplo, Michel Roquebert acusou a historiadora Monique Zerner de influenciar uma corrente historiográfica “hiper-crítica”, afirmando que o excesso de desconstrução estaria levando as pesquisas históricas ao vazio, à inexistência do passado. Como exemplo, podemos apontar o historiador norte-americano Mark Pegg, alinhado com a escola desconstrucionista, que radicaliza e vai mais longe, assim como o alemão Uwe Brun, questionando a própria existência do catarismo.

Optamos por retomar o discurso proferido por Robert Moore ao Seminário de estudos organizado em Nice por Monique Zerner para encerrar nosso trabalho. Assim como o professor irlandês, acreditamos que escrever “uma conclusão implica ter chegado ao fim, complemento ou modificação da opinião corrente”²²². Concordamos que estamos em um novo recomeço do estudo da história das heresias e, como afirmou Pilar, os catarismos têm muita história a ser contada.

A cada trabalho inovador e vanguardista que estudamos abrimos novas portas que nos conduzirão por caminhos ainda desconhecidos, ou negligenciados, para a compreensão do passado. Até o momento, a história do catarismo está sendo escrita a muitas mãos, buscando o equilíbrio. No início do trabalho, nos perguntamos por que a história do catarismo se prestou a tantas apropriações e ressignificações. Agora, dizemos que a resposta deve estar no conceito de heresia, autônomo e versátil, com imensa capacidade de adaptação a diferentes realidades. Os documentos não pretendem transcrever a realidade nem são instrumentos para construção de realidades, mas neles estão contidos os vestígios do passado que queremos reconstruir.

²²¹ BIGET, J.-L., *Heresie et Inquisition...* op. Cit.

²²² Idem, p. 277

BIBLIOGRAFIA

ALBARET, Laurent, “Publications contemporaines à theme cathare: délire exoterico, comercial et imaginaire catharophile”, in BERLIOZ, Jacques, *Catharisme: l’édifice imaginaire. Actes du 7^e colloque du Centre d’Études Cathares (août-sept. 1994)*. Carcas-sone: Centre d’Études Cathares, 1998.

ALBARET, L.; LATGER, H. ET WAGNIART, J.F. (coord.) *Religion et politique. Dissi-dence, resistances, engagements*. Paris: Syllepse, 2006.

ARNOLD, J. H., *Inquisition and Power: Catharisme and the confessinf subject in medie-val Languedoc*. Philadelphia: University of Pensilvania Press, 2001.

BACHRACH, David Stewart, *Religion and the conduct of war, 300 – 1215*. Woodbridge, Suffolk: Boydell, 2003.

BARBER, Malcolm, *The Cathars. Dualist Heretics in Languedoc in the Hight Middle Ages*, Harlow, 2000.

BARTHÈLEMY, Dominique. *A Cavalaria. Da Germânia antiga a França do século XII*. Tradução por Néri de Barros e Carolina Gual da Silva. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

BAUER, Walter. *Ortodoxy and Heresy in Earliest Christianity*. Publisher: Singler Press, 2^a edition, 1996.

BERLIOZ, Jacques (dir.) *Le Pays Cathare. Les religions médiévales et leurs expressions méridionales*. Paris: Éd. Du Seuil, 2000.

BIGET, Jean-Louis , “ Heresie, politique et société en Languedoc(1120 - 1320)” dans BERLIOZ, Jacques (dir.) *Le Pays cathare. Les religions médiévales et leurs expressions méridionales*. Paris: Éd. Du Seuil, 2000, p.17-64.

_____. *Hérésie et Inquisition dans le Midi de la France*. Col. Les Médiévalistes français, 8. Paris: Picard, 2007.

BILLER, Peter and HUDSON, Anne (ed.), *Heresy and Literacy, 1000 – 1530*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

BOLTON, Brenda and MEEK, Chritine (Ed.), *Aspects of Power and Authority in the Middle Ages*. Turnhout: Brépols, 2007.

BOMBI, Barbara, *Novella plantatio fidei: missione e crociata nel nord Europa tra la fine del XII° I primi decenni del XIII° secolo*. Roma: Istituto Storico Italiano per el Medio Evo, 2007.

BOURREAU, Alain, *Satan herétique. Naissance de la démologie dans l'Occident Médiéval (1280-1330)*. Paris: Odile Jacob, 2004.

BORST, Arno, *Les Cathares*, Paris, Pautot, 1974

_____. “La transmission de la herejia en la edad media”. In LE GOFF, Jacques (org.) *Herejias y sociedades en la Europa pré-industrial (siglos XI°- XVIII°): Comunicaciones y debates del Colloquio de Royalmont, 27-30 de mayo 1962*. Madrid: Siglo Veinteuni Editores, 1987.

BOSSUET, Jean Baptiste, *Histoire des variations des eglises protestantes*. Paris, 1688.

BOSSUET, Jacques Begino. “Introdução” in *Histoire des variations des Eglises Pretestantes*. Paris, Chez la Veuve de S. Labre-Cramois, 1688. Disponível em www.gallica.bnf.fr, consultado em 17/07/2014.

_____. *An exposition of the doctrine of the Catolic church in matters of controversie*. London, 1735. E-BOOK disponível em <http://galenet.galegroup.com/servlet/Ecco>.

BRENON, Anne, *Le vrai visage du catharisme*, Cahors: La Louve editions, 2008.

_____. *Les Cathars: Pauvres du Christ ou Apôtres du Satan?* Galliard, 1997.

BRUM, Uwe. *Des contestataires aux « cathares ». Discurs de reforme et propaganda antiherétique dans le pays du Rhin et de la Meuse avant l'Inquisition*. Paris: Institut d'Etudes Augustiniennes, 2006.

BRUSHI, Catarina and BILLER, Peter(ed.) *Text and the repression of medieval heresy*. Woodbridge: York Medieval, 2003.

BURY, J. B; TANNER, J. R (Coaut. de). *The Cambridge medieval history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1967-76.

CHABANNES, Ademar, *Chronique*. Publié d'après lès manuscrits par CHAVANON, Jules. Paris: Alphonse Picard et Fils Editeurs, 1897.Disponível em, <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k55627w/f4.image>.

CANTARELLA, Glauco Maria (org), *Chiesa, chiese, movimenti religiosi*. Roma: Editori Laterza, 2009.

CAPITANI, Ovidio, *Medievalistica i medievalisti nel secondo novecento: recorde, rassigne, interpretazioni*. Espoleto: Centro Italiano di studi sull'Alto Medio Evo, 2003.

_____. (dir.), *Medioevo ereticale*. Bologna: Società Editrice Il Mulino, 1977.

_____. “La Storiografia medievale”, in *La Storia. Il medioevo*, vol.1. Torino, 1988, p. 752-792.

_____. Eresie nel medioevo o medioevo ereticali? Disponível em digilander.libero.it/eresiemedievali/Capitani.doc

CHENU, Marie-Dominique, “Ortodoxia e Heresia: o ponto de vista do teólogo”, in LE GOFF, J. *Heresies et Societè dans l'Europe pré-industrièlle*.Paris: Mouton & Co, 1968

CRACCO, G., *Eretici ed Eresi medievali nella storiografia contemporânea: Atti Del XXXII Convegno di Studi sulla Riforma e il movimenti religiosi in Italia*. In *Bulletino delle Società di Studi Valdesi*, 174, 1994, p.152. Torino: Torre Pellice, 1994.

CRAMER, Peter John, *Baptism and change in the early middle ages, 200-1150*. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Press, 2002.

DEBAX, H., *La féodalité languedocienne XI^o - XII^o siècle. Serments, hommages et fiefs dans le Languedoc des Trencavel*. Toulouse: Presses Universitaires du Mirail, 2003.

DELARUELLE, E., “Devocion popular y Herejia en la Edad Média. LE GOFF (org.) *Herejias y sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. Madrid: Editora vinteun, 2^o ed. 1995, p.109-117.

DE STEFANO, A., *Le eresie popolari del Medio Evo. Questioni di storia medieval*. Milano: Nachdruck, 1946.

DONDAINE, Antoine, *Les heresies et l'Inquisition, XII^o - XIII^o siècles: documents et etudes*. Aldershot, Hampshire: Variorum, 1990.

DOUAIS, C., *La somme des autorités à l'usage des prédicateurs meridionaux au XIII^o siècle*. Paris:Picard, 1986.

- DUBY, Georges, *As três ordens ou o imaginário do feudalismo*. Editorial Estampa, 1978.
- _____. “Conclusão”, in LE GOFF, J. (org.) *Hérésies et Sociétés dans l’Europe pré-industrielle. XI-XVIII*. Paris: Mouton, 1968, p. 104.
- DUVERNOY, Jean, *Inquisition em terre cathare: paroles d’heretiques devant leur juges*. Toulouse: Privat, 1998.
- _____. *Le dossier de Montségur: interrogatoires d’Inquisition, 1242 – 1247*. Traduits et notes. Toulouse: Peregrinateur, 1998.
- _____. *Le Catharisme: La religion des cathares*. Toulouse: Ed. E. Privat, 1976.
- _____. *Le Catharisme: L’Histoire des Cathares*. Toulouse: Privat, 1979.
- FICHTENAU, Heinrich, *Heretics and Scholars in the high Middle Ages, 1000-1200*. Translated by Denise A. Kainen. State College: Penn State University Press, 2000.
- FLICHE, Augustin, *La Reforme Gregorienne*. Paris: Champion, 1924.
- FLORI, Jean. *Guerra Santa. Formação da ideia de cruzada no Ocidente cristão*. Tradução Ivone Benedetti. Campinas: editora Unicamp, 2013.
- FRANGIOTTI, Roque. *História das Heresias (séculos I ao VII)* São Paulo: Paulus, 1995.
- FRASSETTO, Michael (ed.), *Heresy and the persecuting society in the Middle Ages: essays on the work of R. I. Moore*. Leiden, Boston: Brill, 2006.
- GANSHOF, F. *O que é feudalismo?* Editora Europa América, 1976.
- GARCIA, Marie-Carmen et GENIEYS, William, *L’invention du Pays Cathare. Essai sur la constitution d’un territoire imaginé*. Paris, L’Harmattan, 2005.
- GATTO, Ludovico, *Viaggio intorno al concetto di Medioevo: profilo di storia della storiografia medievale*. Roma: Bulzoni, 2002.
- GIVEN, J. B. *Inquisition and Medieval Society: Power, Discipline, and Resistance in Languedoc*. New York; London: Cornell University Press, 1997.
- GLABER, Rodulfus; ARNOUX, Mathieu (edit. e trad.). *Histoires*. Turnhout: Brepols, 1996.
- GRECCO, Alessandra, *Mitologia catara: il favoloso mondo della origini*. Spoleto: Centro Italiano de Studi sull’Alto medioevo, 2000.
- GREENSHIELDS, Malcolm and ROBINSON, Thomas (eds.) *Orthodoxy and heresy in religious movements: discipline and dissident*. Lewiston: E. Mellen, 1992.
- GRIFFE, Elie, *Le Languedoc cathare et l’Inquisition: 1229-1329*. Paris: Letouzey & Ané, 1980.

- GRIFFE, Ellie, *Les debuts de l'aventure cathare em Languedoc (1140-1190)*. Paris, 1969
- GRUNDMANN, Herbert, *Religious moviments in the middle ages: the historical links between heresy, the Mendicant Orders, and the women's religious movement in the 12 – 13 century, with the historical fundation of Germany misticism*. Notre Dame, Ind.:University of Notre Dame, 1995.
- GUINÉE, Bernard, *Entre l'Eglise et l'Etat: quatre vies de prélats français à la fin du Moyen Age(XII° – XV° siècle)* Paris: Gallimard, 1987.
- GUIRAUD, Jean *História da Inquisição na Idade Média* , Paris, A. Picard, 1935-1938, 2 volumes
- GUYOT, Abade, *Dictionaire universel des heresies, des erreurs et des schismes*. Lyon: Peresse, 1847.
- HAMILTON, B., *Monastic reform, catharism and the crusades (900-1300)*. Londres: Variorum Reprints, 1979.
- HELVETIUS, Anne Marie, *Eglise et société au Moyen Age: V°-XV° siècle*. Paris: Hachette, 2008.
- HOLMES, Edmond, *The holy heretics: the history of the Albigensian crusade*. London: Watts, 1948.
- IOGNA-PRAT, Dominique, *Ordoner et Exclure: Cluny et la société chretienne face a l'heresie, au judaisme et a l'islam, 1000 -1150*. Paris: Aubier, 2000 (1998).
- JIMENEZ SANCHEZ, Pilar. *Les catharismes: medéles dissidents du christianisme médiéval (XIIe – XIII° siècles)*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2008.
- _____. *The use and abuse of the "Aude, Pays Cathare". An exemple of the management of historical and cultural patrimony*. Imago Temporis, 2010.
- KLANICZAY, Gabor, *The uses of supernatural power: the transformation of popular religion in medieval and early modern Europe*. Translated by Susan Lingerma; edited by Karen Margoles. Cambridge: Polity, 1990.
- LABAL, Paul, *Los cataros: herejia y crisis social*. Barcelona: Crítica, 1984.
- LAMBERT, Malcolm, *The Cathars*. Oxford,UK; Malden, USA: Blackwell, 1998.
- _____. *La herejia medieval: movimientos populares de los bogomilos a los husitas*. Madrid: Taurus, 1986.
- _____. *Medieval Heresy: popular moviments from the Gregorian Reform to the reformation*. Oxford: Blackwell, 2002.

LAUWERS, Michel, *La memoire des ancêtres, le souci des morts: morts, rites et sociétés au Moyen Age: diocese de Liège, XI° - XIII° siècles*. Paris: Beauchesne, 1997.

LEFF, Gordon, *Heresy, philosophy and religion in the Medieval West*. Aldershot: Ashgate, 2002.

LESIEUR, Thierry, *Devenir fou pour être sage. Construction d'une raison chrétienne à l'aube de la reforme grégorienne*. Turnholt: Brepols, 2003

LITTLE, Lester, *Religious powerty and the project economy in medieval Europe*. Ithaca: Cornwell University Press, 1983.

LOGAN, F. Donald, *A history of the church in the Middle Ages*. London; New York, NY: Routledge, 2002.

LOUDAUZ, W. et VERHELST, D, (dir.) *The concept of heresy in the Middle Ages (11th – 13th C) Proceodings of the International Conference- Luvain, may 13-16, 1973*. Louvain: Universitaire Press, 1976.

LYNCH, Joseph H., *The medieval Church: a brief history*. London; New York: Longman, 1992.

MAGRE, Maurice, *Le Sang de Toulouse. Histoire des Albigeois du XII ° siècle*. Paris: Fasquelle Editeurs, 1931.

MAGRE, Maurice, *Le Sang de Toulouse. Histoire des Albigeois du XII ° siècle*. Paris: Fasquelle Editeurs, 1931

MANSELLI, Raoul, *Studi delle eresie del secolo XII*. Roma: Giappichelli, 2° ed.,1975.

_____. *La Religione popolare nel medioevo (secolo VI-XII)*. Roma: Giappichelli, 1974.

_____. *Il secolo XII: religion ed eresie*. Jouvence, 1983.

_____. *La religiosità popolare nel Medioevo*. Roma: Il Mulino, 1983.

PARCTELEINE, Antoine Quatresoux de. *Histoire de la guerre contre lès Albigeoise*. Paris, Laudois et Cie, 1833

MARVIN, Laurence Wade, *The Occitan War: a military and political history of the Albiginsian Crusade, 1209-1218*. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Press, 2008.

MCKITTERICK, Rosamond; LUSCOMBE, David; RILEY-SMITH, Jonathan Simon Christopher (ed.). *The new Cambridge medieval history*. Cambridge: Cambridge University Press, c1995.

MERLO, G.G., *Contro gli eretici, le coercizione all'ortodossia prima dell' Inquisizione*. Bolonha: Ed. Il Mulino, 1976.

MESTRE GODES, Jesus, *Los Cataros: problema religioso, pretexto político*. Traduit Dolors Gallant Iglesias. Barcelona, Península, 1997.

MITRE FERNANDEZ, Emilio, *Las grandes herejias de la Europa cristiana, 380 – 1520*. Madrid: Istmo, 1999.

MOLINIER, A. « L'Église et la Société cathares » dans *Revue Historique*, XCIV, p. 225-245.

MOORE, R. I., *The birth of popular heresy*. Toronto: University of Toronto, 1995.

_____. *The origins of european dissident*. Toronto: University of Toronto, 1994.

_____. *The formation of a persecuting society: authority and deviance in Western Europe, 950-1250*. 2nd ed. Malden, MA: Blackwell, c2007.

_____. *La première révolution européenne (Xe-XIII^e siècle)*. Paris: Le Seuil, 2001.

_____. *The war on heresy: faith and power in medieval Europe*. London: Profile, 2012.

MORGHEN, Raffaello, *Medioevo Cristiano*. Roma: Bari, 1978.

_____. “Problemas em torno al origen de la Hrejia en la Edad Média”. LE GOFF(org.) *Herejias y sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. Madrid: Editora vin-teun, 2^o ed. 1995, p. 89-1000.

MUNDI, John Hine , *Studies in the Ecclesiastical and Social History of Toulouse en the Age of the Cathars*. Aldershot-Burlington, USA: Ashgate, 2006.

_____. *Society and governament at Toulouse in the Age of the Cathars*. Toronto: Pontifical Institute of Medieval Studies, 1997.

NIEL, Fernand, *Albigois et Cathares*. Colletion < Que sais jê? >, n° 687. Paris: Université de France, 1955.

NELLI, René, *La vie cotidienne des cathares du languedoc au siècle XIII^e*. Paris: Hachette, 1984 (prieira edição em 1969).

_____. *Os Cátaros*. Lisboa: Editora 70, 1980.

_____. *Des Cathares du Languedoc au XIII^e siècle*. Paris: Hachette, 1969.

_____. *La Philosophie Du Catharisme*. Paris: Payot, 1975.

_____. *Le phenomene Cathare – perspectives philosophiques et morales*. Toulouse: Privat, 1988.

OLDENBOURG, Zoé, *Le bûcher de Montségur*. Paris: Gallimard, 1996.

PACOUT, Marcel, *Les structures politiques de l'Occident médiéval*. Paris: Ed Armand Colin, 1969.

PARCTELEINE, Antoine Quatresous de. *Histoire de la guerre contre les Albigeois*. Paris, Laudois et Cie, 1833

PEGG, Mark Gregory, *A most holy war: the Albigensian Crusade and the battle for Christendom*. Oxford, UK; New York, NY: Oxford University Press, 2008.

_____. *The corruption of angels: the great Inquisition of 1245-46*. Princeton, NJ: Princeton University Press, 2001.

PICAR, Michel, *Os cataros*. Lisboa: Europa-América, 1989.

RAHN, Otto, *Kreuzzug gegen den Gral. Die Tragodie des Katharismus*. Brissgau: Urban Verlag, 1933.

RICHARDS, Jeffrey, *Sex, dissidence and damnation: minority groups in the Middle Ages*. Londres: Routledge, 1994.

ROBINSON, I. S., *The Papacy 1073 – 1198. Continuity and Innovation*. Cambridge: Cambridge Medieval Textbooks, 1990.

ROQUEBERT, Michel, *La religion cathare: le bien, le mal et le salut dans l'herésie médiévale*. Paris: Perrin, 2001.

RUNCIMAN, Steven, *Le manichéisme médiéval: l'herésie dualiste dans le christianisme*. Paris: Payot, 1972.

RUST, Leandro, As colunas vivas de São Pedro: concílios, temporalidades e reforma na história institucional do papado medieval, 1046-1215. Dissertação de mestrado apresentada à UFF em 2010. Disponível em <http://www.historia.uff.br/stricto/td/1208.pdf>.

SCHMIDT, Charles, *Histoire et doctrine de la secte des Cathares ou Albigeois* (2 vol.) Paris-Genève, 1849.

SEDE, Gerard, *Le trésor cathare*. Paris: Julliard, 1966.

SOULA, René, *Les Cathars entre légende et histoire. La mémoire de l'albigénisme du XIX^e siècle à nos jours*. Bouloc: Institut d'Etudes Occitane, 2004.

SPIEGEL, Gabrielle, *The past as text: the theory and practice of medieval historiography*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1997.

STOYANOV, Yuri, *The other God: dualist religious from antiquity to the Cathar heresy*. New Haven: Yale University Press, 2000.

SZPIECH, Ryan, *Conversion and narrative: reading and religious authority in Medieval polemic*. Philadelphia: University of Pennsylvania, 2013.

TAYLOR, Claire, *Heresy, Crusade and inquisition in Medieval Quercy. Catharism and Political Dissident*. York: York Medieval Press, 2011.

THOUZELLIER, Christine, *Heresis et hérétiques: Vaudois, Cathares, Patarins, Albigeois*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1969.

_____. *Catharisme et Valdeisme en Languedoc à la fin du XII et au début du XIII siècle*. Paris: 1966.

_____. "Preface", *Livre des deux principes*. (texte critique, traduction, notes et index). Paris: Editions du Cerf, 2008.

TRIVELLONE, Alessia, *L'herétique imaginé: heterodoxie et iconographie dans l'Occident médiéval de l'époque carolingienne à l'Inquisition*. Turnhout: Brepols, 2009.

VAUCHEZ, Andre, *A Espiritualidade na Idade Média: séculos VII-XIII*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VELAY, Antonin de, *La révolution devant l'opinion publique*. Paris: E. Lachaud éditeur, 1872. Disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k54566253>.

VERGER, Jacques et DOUTET, Dominique (dir.), *Penser le pouvoir au Moyen Age: VIII^e- XV^e siècle*. Paris: Editions Rue d'Ulm, 2000.

VIOLANTE, Cinzio, *Prospective storiografiche sulla società medioevale: spegolateure*. Milano: Franco Angeli, 1995.

_____. *Studi sulla Cristianità medioevale: società, istituzioni, spiritualità*. (raccolta di articolo). Milano: Vita e Pensiero, 1972.

_____. *Prospective historiografiche sulla società medioevale: spigolateure*. Franco Angeli, 1995.

_____. *Chiesa feudali e riforme in Occidenti (sec X-XIII)*. Roma: Spoleto, 1999.

WERNER, E., *Häresie und Gesellschaft im 11 Jahrhundert*. Berlin, 1975.

WAUGHT, Scott L. and DIEHL, Peter D.(ed.), *Christendom and its discontents: exclusion, persecution and rebellion, 1000 – 1500*. Cambridge, UK; New York, NY: Cambridge University Presses, 1996.

ZAMBON, Francesco, *El Legado secreto de los cataros*. Tradução César de Plama. Madrid: Siruela, 2004.

ZERNER, Monique, *Inventar a heresia? Discursos polêmicos e poderes antes da Inquisição*. Tradução Neri de Barros Almeida et alii. Campinas: Unicamp Editora, 2009.

_____. *L'Histoire du Catharisme en discussion: le "concile" de Saint Félix, 1167*. Nice: Centre d'Etudes Medievales, 2001.

_____. *La Croisade Albigeoise*. Paris: Gallimard/Julliard, 1979.

ARTIGOS

ALBARET, Laurent, “L’Inquisition et les heresies dans le Midi de la France du Moyen Age: Essai de bilan historiographique” dans *Heresis*, 36-37, 2002, p. 145-159.

_____. “Le point sur l’historiographie du catharisme aujourd’hui” dans *Cahiers d’Histoire. Revue d’histoire critique*, 70, 1998, p. 7-18.

_____. “L’Historiographie française du Catharisme depuis 1970”, dans *L’Utopie Fanjeaux*, rapport d’étude. Carcassonne: CVPM, 1999.

ALBARET, L. et AUDOUY, Jean P., “Mithe Cathare et néo-catharisme de Déodat à nos Jours” *Cahiers d’Histoire. Revue d’Histoire Critique*, 70, 1998, p. 35-48.

AMAGIER, Paul et RAMIER DE FORTANIER, Arnaud, “La contribution catholique à l’histoire de l’albigeisme” dans *Cahiers Du Fanjeaux*, n14, p. 215.

BELPERRON, Pierre, *La croizade contre lès Albigeois et l’union Du Languedoc à la France, 1209-1249*. Paris: Plon, 1942. Disponível em www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1942_num_103_1_460361_t1_0239_0000_000. Consultado em 08/09/2015.

BERLIOZ, J. “L’Imaginaire du Catharisme”. In *Session d’Histoire di Centre d’Etudes Cathares- René Nelli*, CEC-CVPM, Carcassonne, 1998.

BIGET, Jean-Louis, “L’Histoire vraie des Cathares”. In *L’Histoire*, 183, decembre 1994, p. 40-56.

BILLER, Peter, “The historiography of Medieval Heresy in USA and Great Britain, 1945-1992”, in *The Waldenses, 1170-1530. Between a religious order and a Church*. (Variorum Collected Studies Series/CS 676), Aldershot, 2000, p.25-48.

BONNAUD-DELAMARE, R. ,” Une Bille d’Alexandre III em faveur de la paix (1170)”. In *Annales Du Midi*, t. 51, 1939, p. 68-86.

BORST, Arno, “La transmission de la Herejia en la Edad Média. LE GOFF(org.) *Herejias y sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. Madrid: Editora vinteun, 2º ed. 1995, p. 207-211.

BUCHÈRE, Henri de, Note sur les Études historiques em France au XIX siecle. Dans *Revue Bibliographique Universelle – Polybiblion*, 1890. Disponível em <http://hpvexin.free.fr/content/histoire-et-patrimoine/secteur/chaumont/commune/senots/docs/Senots-Buchere%20de%20Lepinois.pdf>

Cahiers de Fanjeaux, 14, *Historiographie du catharisme*, Toulouse, Éd. Privat, 1979.

Cahiers de Fanjeaux, 3, *Cathares en Languedoc*, Toulouse, Éd. Privat, 1968.

CARBONEL, C. O., "D'Augustin Thierry a Napoléon Peyrat: un demi-siècle d'occultation (1820-1870)" dans *Cahiers de Fanjeaux Historiographie du Catharisme*. Toulouse: Editeur Édouard Privat, 1979, n 14, p. 143 – 162.

DARRICAU, R., "De histoire théologique a la grande érudition. Bossuet (XVI-XVIII siècle)" dans *Cahiers Du Fanjeaux*, n, 14, op. cit, pp. 85-117.

DOSSAT, Yves, "Centenaire de la naissance de Jean Guiraud, historien Du XIII^e siècle religieux em Languedoc". Dans *Cahiers Du Fanjeaux* , n° 2, 1967, p 273-289.

DOSSAT, Yves, "Um initiateur: Charles Schmidt". Dans *Historiographie Du catharisme, Cahiers Du Fanjeaux*, n 14. Toulouse: Privat, 1979, PP. 163-184.

GAUTIER, Léon, *Les épopées françaises, études sur les origines et l'histoire de la littérature nationale*. Paris, Palmé, 1867, 2vol. Disponible em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1868_num_29_1_446144.

GRUNDMANN, Herbert, *Bibliographie zur Ketzergeschichte den Mittelalter (1900-1966)*. Im *Storia e Letterature*, Roma, 1967.

JIMENEZ SANCHEZ, Pilar, "La vision médiévale du catharisme chez les historiens des années 1950: um néo-manichéisme" dans *Heresis, Colletion d'Histoire des Dissidenses*, 7, 1994, p.65-96.

LARROQUE, Philippe Tamizey de, *Mémoire sur le sac de Béziers dans la guerre dès Albigeois, et sur le mot: Tuez le tous! Atribué au legat Du pape Innocent III*. Paris: Durand, 1862. Extrait dès *Annales de Philosophie Chrétienne*, t. VI. Disponible em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/bec_0373-6237_1864_num_25_1_445965

LÉGER, Louis, L'hérésie dès bogomiles em Bosnie et em Bulgarie au moyen age. Dans *Revue Questions Historiques*, vol 8, 1870, PP. 479-517. Disponible em http://opac.regesta-impe-rii.de/lang_en/anzeige.php?aufsatz=L%27h%C3%A9r%C3%A9sie+des+Bogomiles+en+Bosnie+et+en+Bulgarie+au+moyen+%C3%A2ge&pk=1062535

MANELLI, R., "Per la storia dell'eresia nel secolo XII. Studi minori" in *Bulletino dell'Istituto Storico Italiano per il Medio Evo*, t. 67, 1955, p.189.

MARTEL, Philippe. Les historiens du début du XIX^{ème} siècle et le Moyen Âge occitan : Midi éclairé, Midi martyr ou Midi pittoresque. In: *Romantisme*, 1982, n°35. pp. 49-72.

Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1982_num_12_35_4539, consultado em 14/03/2015.

McCAFFREY, Emily, “Memory and Colletive Identity in Occitanie: The Cathars in late XII Languedoc”. In *History & Memory*, n° 13, 1, 2001, p. 114-138.

MORGHEN, R., “Problemas em torno al origem de la Herejia en la Edad Média”. LE GOFF(org.) *Herejias y sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. Madrid: Editora vinteun, 2º ed. 1995, p. 89-1000.

PEGG, Mark G., “On Cathars, Albigenses and Good men of Languedoc” in *Journal of Medieval History*, 27,2, 2002, p. 181-195.

PINHEIRO, Rossana Alves, “A heresia em questão: ‘níveis de cultura’ ou expressão de autoridade? In *Anais do XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo*. ANPUH/SP – UNESP/Assis, 24 a 28 de julho de 2006 <http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVIII/pdf/ST%2013/Rossana%20Alves%20Baptista%20Pinheiro.pdf>. Consultado em 10/12/2013.

PUECH, Henri Charles et VAILLAN, André. *Le traité contre les Bogomiles de Cosmas le Prête. Tradution e texte*. Paris, 1945, In 8º, 348 pp. Disponível em http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/rebyz_0766-5598_1952_num_10_1_1066_t1_0288_0000_2.

RUST, Leandro, “A Reforma Gregoriana: trajetórias historiográficas de um conceito”. In *História da Historiografia*, UFOP, n° 3, p. 135-152

THOUZELLIER, C., “Tradicion y Ressurgimento en la Herejia medieval. Considerações. LE GOFF(org.) *Herejias y sociedades en la Europa preindustrial, siglos XI-XVIII*. Madrid: Editora vinteun, 2º ed. 1995, p. 75-85.

ZERNER, Monique, “Du court moment ou l’on appelo les hérétiques des “bougres”et quelques deductions”, dans *Cahiers de Civilization Médiévale*, 32, 1989, p. 305-324.

_____. “Les bougres: vocabulaire et repretations mentales, 1200-1240” dans *Les relations économiques et culturelles entre l’Occident et l’Orient*, Actes du colloque franco-polonais d’histoire, Nice-Antibes, 6-9 novembre 1980, t.2: Relations marchandes et cadre culturel du VIIº au XVº siècle (Jean GAUTIER DALCHÉ dir.). Nice, 1983.

_____. “Questions sur la naissance de l’affaire albigeoise” dans DUBY G., *L’écriture de l’histoire*. (Cl. DUHAMEL-AMADO et G. LOBRICHON ed.), Bibliothèque du Moyen Âge 6, Turnhout: Brépols, 1996, p.427-444.

MAGNOU-NORTIER, Elisabeth, “La société laïque et l’Église dans le province de Narbonne (zone cispyrénéenne) de la fun du VIIIª a la fin du XIª siècle”. *Biblietèque d l’École de Chartres*, 1976, vol. 134, p. 182-186.

OBRAS DE REFERÊNCIA

BJORK, Robert (Ed.), *The Oxford dictionary of the Middle Ages*, Vol. 3, pg 1266.

CHIFFOLEAU, Jacques, « Droits » Dans LE GOFF, J. Et SCHMITT, J.-C., *Dictionnaire raisonné de l'Occident medieval*. Paris : Fayard, 1999, p. 300-307.

GAVARD, Claude; DE LIBERA, Alain; ZINC, Michel, *Dictionnaire Du Moyen Age*. Paris: Presses Universitaires de France, 2004

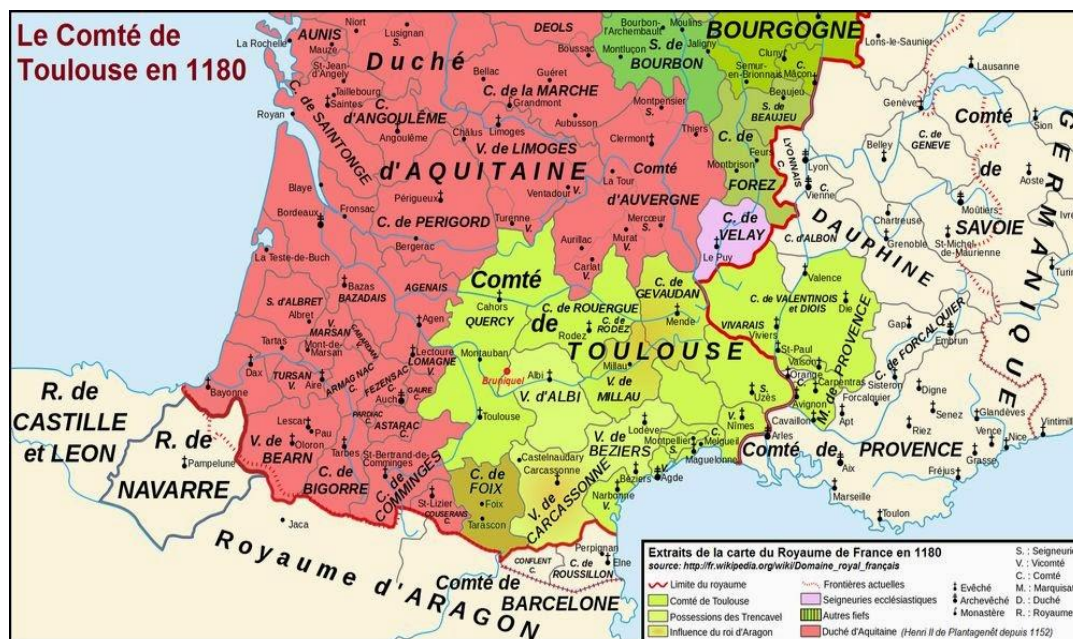
SCHMITT, Jean-Claude (Coaut. de); LE GOFF, Jacques. *Dicionario tematico do Ocidente Medieval*. 2. ed. São Paulo, SP: EDUSC, 2006.

PLUQUET, François, *Dizionario dell'eresi, degli errori e de scisme*. Veneza: Gian Francesco Garbo e Vincenzo Radaci, 1767.

NELLI, René, *Diccionario del catarismo y las herejias meridionales*. Palma de Majorca: José J. de Olañeta, 1977.

ANEXO I

Europa meridional - século XII



https://fr.wikipedia.org/wiki/Domaine_royal_fran%C3%A7ais#/media/File:Map_France_1180-fr.svg

ANEXO II

Cronologia – antecedentes da Cruzada Albigense

1139 - Concílio de Latrão II;

1140 - Concílio de Sens – Pós-Reforma;

1145 - São Bernardo no Languedoc (primeiro legado papal na região), enviado por Eugênio III (papa cisterciense de 1145-1153), identifica os hereges como arianos e aponta Albi como lugar mais infestado pelo mal herético;

1148 - Concílio de Reims;

1160 - Novos relatos em Albi-Lombers;

1163 - Concílio de Tours – início da preparação da ofensiva escolástica contra a heresia; Esta assembléia simboliza a união entre os poderes secular e pontifical e do estabelecimento da imagem do herege. Importante para compreensão do papel da Igreja na manutenção da ordem social e na disputa pelo poder;

1167 - Concílio de São Félix de Caraman – Carta de Niquinta. Não há consenso historiográfico acerca da existência ou não deste evento;

1173 - Valdo;

1178 - Segundo legado papal no Languedoc – Henri de Marcy (cisterciense);

1179 - Concílio de Latrão III – cister lança idéia de uma mini cruzada nos territórios de Toulouse e Trencavel;

1181 - Mini cruzada sob a condução de Henri de Marcy;

1184 - Sínodo de Verona;

1198 - Papa Inocêncio III;

1199 - Bula papal elevando a heresia a crime de lesa majestade, punível com a pena capital. Aos monges cistercienses foi confiada a missão de obter o juramento das autoridades laicas e religiosas à Sé romana;

1207 - Conde de Toulouse é excomungado;

1208 - Assassinato do legado Pedro de Castelneau atribuído aos conde de Toulouse;

1209 – deflagração da Cruzada Albigense.